

VERDADES IMPERECÍVEIS

DR. PENNA RIBAS

8ª Edição - 2007

Todos os direitos reservados para a língua portuguesa à Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, guardada pelo sistema "retrieval" ou transmitida de qualquer modo ou por qualquer outro meio, seja este eletrônico, mecânico, de fotocópia, de gravação, ou outros, sem prévia autorização por escrito, da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas.

Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas

Rua Visconde de Itaboraí, 265 - CEP 24030-091
Centro - Niterói - RJ - Tel.: (21) - 2620-8574

Telefones para aquisição do livro: (21)2620-8574
2717-2706
2714-0682
2714-7191

Capa e Produção Gráfica

Adriana Bianchi Ferreira e Equipe formada por outros discípulos do Dr. Penna Ribas.

Impressão

Gráfica Falcão Ltda.

Rua Saldanha Marinho, 219 - Centro - Niterói - RJ - 24030-040
Tel/Fax (21) 2719-4977

Ficha Catalográfica

Ribas, Randolpho Penna, 1907

VERDADES IMPERECÍVEIS / Dr. Randolpho Penna Ribas

- [Niterói, RJ]

Dr. Randolpho Penna Ribas, 1991

192 p; 21 cm

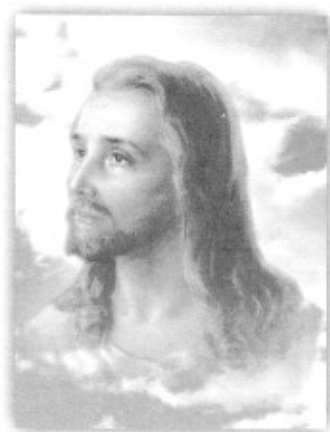
ISBN 85-900033-2-9

1. Neo-espiritismo. 2. Religião

CDD - 291-2.21

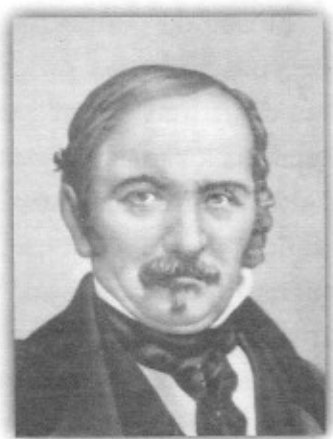
CDU - 291.211

Mestre dos Mestres
Jesus de Nazaré



“Amar a Deus sobre todas as coisas
e ao próximo como a si mesmo.”

Mestre Allan Kardec



1 - “Entre os ensinamentos que te são dados há alguns que deves guardar somente para ti, até nova ordem.”

2 - “Um outro caráter da revelação espírita e que ressalta as condições mesmas nas quais ela se produz, é que, apoiando-se sobre os fatos, ela é e não pode deixar de ser senão essencialmente progressiva, como todas as ciências de observação. Por sua essência, ela contrai aliança com a ciência, a qual, sendo a exposição das leis da Natureza numa certa ordem de fatos, não pode ser contrária à vontade de Deus, o autor das leis. As descobertas da ciência glorificam Deus, em lugar de O rebaixar; elas não destroem senão o que os homens edificaram sobre idéias falsas que eles fizeram de Deus.

O Espiritismo não estabelece, portanto, como princípio absoluto, senão aquilo que está demonstrado com evidência ou que ressalta logicamente da observação. Ligado a todos os ramos da economia social, aos quais empresta apoio de suas próprias descobertas, assimilará sempre todas as doutrinas progressivas, de qualquer ordem que elas sejam, elevadas ao estado de **verdades práticas** e saídas do domínio da utopia, sem o que ele se suicidaria; deixando de ser o que é, desmentiria sua origem e sua finalidade providencial. **O Espiritismo, marchando com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará.**”

Allan Kardec - 1 - “O Livro dos Espíritos” - Editora Edicel - pág. 49
e 2 - “A Gênese” - Edição Especial - Editora Lumen págs. 36 e 37.

Mestre Léon Denis



“Não vos viemos dizer que devemos ficar confinados no círculo, por mais vasto que seja, do Espiritismo kardequiano. Não; o próprio Mestre vos convida a avançar nas vias novas, a alargar a sua obra.

Estendemos as mãos a todos os inovadores, a todos os de boa-vontade, a todos os que têm no coração o amor da Humanidade.”

Léon Denis - “No Invisível”

Federação Espírita Brasileira 7ª edição - pág. 4

Mestre Bezerra de Menezes



“O mundo tem todos os dias a prova material de que, na medida do desenvolvimento da perfectibilidade humana, descem das alturas novas e mais alevantadas revelações.

O mundo, porém, não aprende, e, sempre cego, obedece fatalmente ao impulso que o leva a repelir tudo que é novo, tudo que vem substituir alguma peça do mecanismo construído por seu saber.

A revelação religiosa, do mesmo modo que a científica, tem vindo sempre progressiva, e na razão do desenvolvimento da perfectibilidade humana.”

Bezerra de Menezes - “Estudos Filosóficos”

Editora Edicel - 1ª parte - págs. 11 e 17.

Mestre Penna Ribas



“Revelado por Mensageiros de Jesus, em caráter individual, nas décadas de 30 e 40, em centenas de mensagens psicofônicas a mim transmitidas por intermédio da prodigiosa mediunidade de minha primeira esposa - Palmyra de Carvalho Ribas, - o Neo-espiritismo, fundado em 8 de abril de 1972, por expressa vontade dos Mestres que me assistem, é nova faixa da Revelação Divina, sempre ampliada, à medida que a Humanidade evolui intelectual e moralmente. Com muitas retificações e ratificações, vem complementar a revelação codificada, a partir de 1857, pelo Mestre Allan Kardec.

O Neo-espiritismo, filosofia religiosa, de caráter científico, vinculada à Medicina pela comprovação e pelo tratamento das Espiritopatias, vocábulo que escolhi para designar as enfermidades psicossomáticas causadas ou agravadas pelos fluidos morbígenos dos Espíritos sofredores ou dos Espíritos obsessores, que contaminam o perispírito de suas vítimas e, que por intermédio do qual afetam o sistema nervoso, a partir da córtex cerebral, podendo, assim, comprometer numerosas funções orgânicas, com manifestação de diferentes quadros clínicos.”

R. Penna Ribas - “Caminho da Iluminação”

vol. II- págs. 250/251

Índice

Caminho de Luz	5
Dados Biográficos do Autor	6
Prefácio	10
Oração em prol da Paz Mundial	12
Diretrizes para orar corretamente	13
Mecanismo da Oração.	14
Por que orar ao despertar?	17
Oração ao despertar	30
Como aproveitar a madrugada	32
Como recompor seu corpo espiritual	35
Oração para antes do banho de mar	44
Por que orar às refeições?	45
Lição à primeira refeição	61
Meditação e oração às refeições	80
Oração às refeições	84
Oração para ambiente de trabalho	85
Oração ao chegar no trabalho	86
Oração para proteção no trabalho de jardinagem	87
Agradecimento (após a jardinagem).	89
Para obter proteção na cozinha	91
Oração para obter proteção na cozinha	98
Proteção para varrer e tirar a poeira da casa	101
Proteção para lavar roupa	103
Diálogo sobre o almoço	105
Meditação ao deitar-se	116
Oração ao deitar-se I	119
Oração ao deitar-se II	123
Da existência de Deus e de seus atributos	125

Deus	132
Jesus de Nazaré	135
Os Senhores do carma	137
Elo perdido	140
Porque o Espírito chora ao nascer	145
A influência da música e dos “cantos de iniciação” nas sessões Neo-Espíritas	147
As Espiritopatias à Luz da Doutrina Espírita	159
Bibliografia	184

“Conquiste sua paz. Solucione seus problemas,
buscando a ajuda dos bons Espíritos, orando.

Orando mais”!...

Rogo, em nome de Deus, ao meu Mentor, dono de meu destino na presente encarnação, o amparo para que eu possa ler, compreender, sentir e praticar, todas as verdades contidas neste opúsculo, a fim de que, protegido e estimulado pelas verdades nele contidas, eu possa fortalecer minhas convicções doutrinárias e retificar os meus erros, de acordo com meu desejo para merecer cada vez mais o socorro dos meus Amigos do Mundo Espiritual e, dessa forma, obter o equilíbrio de minha mediunidade, inspiração para a solução do problema que me aflige e conquistar saúde para meu corpo e paz para meu Espírito.

Rogo, outrossim, em favor dos Mentores dos Espíritos que se encontram neste ambiente a fim de que, também Eles sejam amparados pela Misericórdia do Pai.

Mas em tudo seja feita a vontade de Deus, conforme ensinou Jesus de Nazaré, o Supremo Mestre da humanidade!

Dados Biográficos do Autor

Randolpho Penna Ribas, Médico do corpo e do Espírito, Filósofo, Jornalista, Conferencista em constante defesa e divulgação inicialmente do Espiritismo e posteriormente do Neo-espiritismo, Doutrina filosófico-religiosa fundada por ele, em 08 de abril de 1972, e que tem por princípios básicos: o amor a Deus, a reconstituição do papel histórico de Jesus de Nazaré – Mestre supremo da Humanidade, e o estímulo ao auto-aperfeiçoamento espiritual, como única forma de conquista da felicidade. O Neo-espiritismo amplia largamente as fronteiras do Espiritismo, codificado pelo Mestre Allan Kardec, somando-lhe a pesquisa armada da fenomenologia mediúcnica, prestando também inestimável contribuição à Ciência e, em particular à Medicina. A importância destas pesquisas é de tal monta que a Grande Enciclopédia Larrousse Cultural 1989, faz a seguinte citação *ipsis litteris* à página 1231: “Coube à Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas fundada em Niterói(RJ) a 12 junho de 1949 por Randolpho Penna Ribas, a iniciativa de realizar em instituição genuinamente espírita, estudo e pesquisa sistemática da fenomenologia mediúcnica”. Como corolário destas pesquisas, a existência de Espiritopatias, isto é, doenças causadas por Espíritos ficou definitivamente comprovada, e daí, estabeleceu-se um vínculo inquebrantável entre o Neo-espiritismo e a Medicina. Paralelamente, a forma imunológica e profilática para estas Espiritopatias, bem como outros problemas é dada a mancheias – A Oração – focalizada intensamente neste livro. A Oração e como Orar, nas mais diversas e adversas situações da vida, é a alavanca sob a qual se apoia outra inestimável contribuição do Neo-espiritismo para a Humanidade – O exercício da mediunidade pela oração. A prática da mediunidade pela oração fornece ao seu praticante muitas vantagens dentre elas poder ser praticada, nas mais variadas atividades humanas, e sua eficácia pode ser comprovada. Aliás, a importância da oração já era ensinado há séculos atrás pelo Mestre dos Mestres – Jesus de Nazaré – com “Orai e Vigiai”.

O Dr. Randolpho Penna Ribas, nasceu em 04 de fevereiro de 1907, em Paraíba do Sul. Fez seus estudos primário e ginásial em Petrópolis destacando-se por sua inteligência e aplicação. Diplomou-se em Medicina em 1930, pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, tendo ao longo de seus estudos sempre colocado-se entre os primeiros alunos da turma.

Desde o primeiro ano da Faculdade frequentou as enfermarias da Santa Casa; e no segundo ano, foi residir como interno, sem remuneração, no Hospital marítimo Paula Cândido, em Jurujuba. Durante 4 anos esteve em contato com as mais temíveis doenças infecto-contagiosas, provenientes do Estado do Rio e do estrangeiro. Em 1926, com as epidemias de febre amarela e varíola no Rio, ainda que acadêmico interno, Penna Ribas, prestou apreciáveis serviços. Sua competência e dedicação lhe deram o merecimento de no terceiro ano, entrar para o quadro oficial dos internos. O Hospital possuía apenas dois médicos, que lá compareciam somente uma vez por semana. Era responsabilidade do Interno de plantão, os cuidados a todos os doentes. Num dos seus plantões, deu entrada no Hospital com suspeita de pneumonia, um soldado do vigésimo terceiro batalhão de Caçadores de São Gonçalo. Após examiná-lo cuidadosamente, Penna Ribas diagnosticou peste bubônica – forma pulmonar. Caso raro, de doença temível e que outrora, em poucos dias dizimou cidades! Horas depois, o soldado morreu. Penna Ribas autopsiou o corpo e ratificou o seu diagnóstico. Comunicou o fato imediatamente a Saúde Pública, a qual mandou a Jurujuba, Amadeu Fialho, afamado patologista, que confirmou o diagnóstico. Desta forma, Penna Ribas, um simples estudante de Medicina, evitou que São Gonçalo, Niterói e, com certeza a antiga Guanabara, fossem surpreendidos por uma epidemia de imprevisíveis dimensões. No último ano do curso, Penna Ribas voltou para o Rio, a fim de especializar-se no serviço do Dr. Raul Penna, Diretor da Maternidade do Hospital São João Batista da Lagoa. Após sua formatura, clinicou em sua terra natal e, depois em Rio Casca. Mas, não se demorou, porque desejava, mais do que a riqueza, cultura, razão porque regressou ao Rio, onde com muito esforço e competência conquistou grande clientela. Mas, novamente, o seu amor à verdade falou mais alto, e, mediante a rápida cura de sua primeira esposa Palmira de Carvalho Ribas, pela Homeopatia, quando a doença manteve-se reticente por longo tempo aos mais poderosos recursos da Alopata, não tergiversou – iniciou o estudo da Homeopatia, a qual abraçou como companheira por toda a sua vida para aliviar o sofrimento dos doentes e, a sua alegria em curar muitos doentes desenganados, sobrepujou o prejuízo material que teve ao perder a princípio a clientela formada ao longo dos anos como alopata.

A sua imensa vontade de “fazer o bem sem olhar a quem”, o tornou conhecido em São Cristóvão, como o “médico dos pobres”.

É imprescindível que se diga o papel importante da sua primeira esposa, **Palmyra de Carvalho Ribas**, nas duas transformações fundamentais de sua vida: a sua conversão de materialista ao Espiritismo inicialmente – mediante a sua prodigiosa mediunidade – e, posteriormente como interlocutora de Grandes Mestres desejosos de ampliar as fronteiras do Espiritismo, o que originou a fundação do Neo-espiritismo; e, a sua conversão ao Método Terapêutico de Samuel Hahnemann, através do caso descrito linhas atrás. Some-se a este um número enorme de pessoas, muitas das quais desenganadas, foram curadas pela Homeopatia, curas estas, descritas no seu livro **PRODÍGIOS DA HOMEOPATIA**.

O Dr. Penna Ribas, é casado em segundas núpcias, com D. Antonieta Moraes Ribas, sua discípula e valorosa colaboradora do Neo-espiritismo, a qual graças à sua mediunidade, tem dado continuidade às Revelações do “Mundo Espiritual”, pelos Espíritos Missionários responsáveis pelo progresso do Neo-espiritismo.

Na Imprensa, Penna Ribas, escreveu no “Diário da Manhã” no “Estado” e em “O Fluminense” jornais de Niterói. No Rio, foi colaborador de “A Vanguarda” e, em período mais longo, de “O Jornal” dos Diários Associados, onde manteve a coluna “Espiritismo – Roteiro para o mundo”. Autor de reportagens de projeção internacional em “O Cruzeiro” e em “Fatos e Fotos” sobre a fenomenologia mediúmica e doenças provocadas por Espíritos, por ele denominadas Espiritopatias.

Na Rádio, proferiu, durante mais de 10 anos, palestras através da Rádio Guanabara, da Rádio Mundial e da Rádio Copacabana.

Na Televisão participou de inúmeros programas no canal 4 (TV-Globo), no canal 13 (TV-Rio), no canal 6 (TV-Tupi) todos no Rio. Atuou, também, no canal 12 (TV-Paraná) em Curitiba, no Canal 13 (TV-Bandeirantes) e no Canal 5 (TV-Globo), ambos em São Paulo. Nesses programas realizou demonstrações da fenomenologia mediúmica com médiuns da Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas, da qual foi fundador e é Presidente reeleito, ininterruptamente, desde a sua fundação em 1949, desenvolvendo, com dissertações científicas, trabalho pioneiro, fruto de suas experiências e observações, para elucidação dos mecanismos da mediunidade e da gênese das Espiritopatias, classificadas em diversas categorias consonante a evolução dos Espíritos que as provocam.

Fundador da Associação Espírita Jesus Cristo e seu diretor de Assistência Médico-Social em 1936.

Presidente da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro em Niterói, de março a dezembro de 1948.

Cidadão do Estado da Guanabara, título concedido pela Assembléia Legislativa do então Estado, em função de requerimento subscrito por inúmeros Deputados e por inspiração do Deputado Átila Nunes.

Autor de livros revolucionários para a ampliação do conhecimento filosófico-religioso e da Homeopatia. São estes:

JESUS DE NAZARÉ COMO ELE FOI. COMO ELE É.

CAMINHO DA ILUMINAÇÃO volumes I e II

VERDADES IMPERECÍVEIS

PRODÍGIOS DA HOMEOPATIA

O Dr. Penna Ribas, nos quatro primeiros livros nos expõe ensinamentos valiosos, e, que, podem tornar realidade a fraternidade entre todos os Espíritos encarnados e desencarnados, objetivo do Mestre dos Mestres – JESUS DE NAZARÉ. Em PRODÍGIOS DA HOMEOPATIA, descreve os resultados que obteve com a Homeopatia, ao longo de mais de 50 anos de clínica, curando casos que haviam sido desenganados pela Alopatia.

Prefácio

ORAI E VIGIAI – Proferida há quase dois mil anos, a advertência de Jesus não surtiu até hoje o desejado objetivo, porque a humanidade permaneceu mais preocupada com os problemas da vida terrena, que são efêmeros, do que com os problemas da vida espiritual, que são eternos, embora intercalados com sucessivas encarnações. (Dr. Penna Ribas, em Caminho da Iluminação, vol. II pág. 263).

Em “VERDADES IMPERECÍVEIS”, o Mestre Penna Ribas nos presenteia com as respostas a milhares de seus leitores, que maravilhados com os ensinamentos contidos em suas obras anteriores, se perguntam: Como orar? Como praticar?

Como que completando uma etapa na divulgação de seu trabalho de líder e instrutor espiritual, desde a década de 40, na incansável luta para glorificar o trabalho dos Espíritos desencarnados, o Mestre coloca ao nosso alcance, este verdadeiro manual de convivência, através da oração, com as benesses que o Mundo Espiritual nos brinda a mancheias, em todos os momentos do dia a dia de todas as criaturas deste mundo.

Como imaginar que a partir do momento em que se acorda, para o início das lutas de cada dia, amigos invisíveis sob o comando dos Mentores, estão a postos para ajudar, convocados por orações específicas, pertinentes às atividades de cada um?

Como acionar essa ajuda, imprescindível para que as criaturas possam atravessar os momentos difíceis de suas vidas, e ter o almejado êxito na vida material e paz para o espírito?

Como imaginar que tudo isso, além dos benefícios que nos trazem, é, também, um ato de fraternidade do mais alto significado em favor da evolução de nossos irmãos desencarnados, sedentos de oportunidade de trabalho, para o resgate de suas dívidas do pretérito.

O Mestre Penna Ribas, depois de resgatar a verdadeira personalidade do Mestre dos Mestres, Jesus de Nazaré, em “JESUS DE NAZARÉ COMO ELE FOI. COMO ELE É.”, depois de exaltar o trabalho dos Espíritos desencarnados em favor dos Espíritos encarnados, em “CAMINHO DA ILUMINAÇÃO – vol. I e II”, supera a expectativa de seus discípulos e leitores, entregando ao mundo estas VERDADES IMPERECÍVEIS, contendo todos os ensinamen-

tos sobre a melhor maneira de se orar, com amor e sentimento, para se obter um clima de paz e felicidade, submetida apenas à Lei de causalidade moral, que estabelece: “A cada um lhe será dado, segundo as suas necessidades e o seu merecimento”.

De mim, humilde discípulo do Mestre Penna Ribas, sem as desejáveis qualidades intelectuais ou literárias para a honrosa missão de apresentar esta obra maravilhosa, juntamente com minha família, podemos oferecer a todos, o testemunho de que, com a prática da “mediunidade pela oração”, revelada pelo Neo-espiritismo, doutrina que associa o coração à razão; a Religião à Ciência, pudemos transpor momentos de muita tormenta em nossas vidas, mormente em problemas de saúde, quando inúmeras provas tivemos do amparo dos mensageiros de nossos Mentores, e dos Mestres do Neo-espiritismo, tudo fruto do trabalho diuturno, incansável de doutrinação do Mestre Penna Ribas, a quem nos confessamos agradecidos e humildes devedores.

Portanto, irmãos, glorifiquemos o Mestre dos Mestres, – JESUS DE NAZARÉ – seguindo seus ensinamentos: ORANDO E VIGIANDO.

João Alves Ferreira

Oração em prol da Paz Mundial

Amigo! Junte ao nosso o seu generoso coração!

Pela paz mundial faça, conosco, esta oração!

Senhor Deus!

Convicto de que tão infinito é o vosso poder quanto infinito é o vosso amor por todas as criaturas, embora reconhecendo minhas imperfeições, e não obstante os meus mínimos merecimentos, eu vos suplico, Senhor, com a máxima humildade, que preserveis nossa civilização, evitando a destruição de toda a humanidade, no momento dramático que o mundo vive, quando o orgulho dos estadistas e dos chefes militares dos países beligerantes, insuflado por Espíritos maléficos, cruéis e vingativos, poderá desencadear a guerra atômica!

Jesus! Venerado Governador de nosso Planeta!

Aceitai, por intermédio de meu Mentor, dono de meu destino na presente encarnação, a quota de fluido vital que, nesta oração, está a desprender-se de meu perispírito e que, de todo coração amado Mestre, desejo sirva de instrumento à atuação, no plano terreno, de vossos Mensageiros do Bem, a fim de que, em harmonia com os Mentores dos Chefes de Estado e demais autoridades responsáveis, na Terra, pelos destinos das nações, possam doutriná-los, todas as noites, durante o sono, para convencê-los da inqualificável monstruosidade que a guerra representa, em face dos ensinamentos que nos legastes, Mestre amado!

E que nosso Criador, Senhor Jesus, nos conceda a ventura de podermos formar, com a sinceridade de nossos sentimentos e a força espiritual de nossas preces, feitas coletivamente na Terra e no Além, uma corrente inquebrantável de amor fraterno, com a qual possais aplacar, amado Mestre, a onda de ódio e o mar de sangue, que estão ameaçando o nosso orbe, e implantar, enquanto antes, amor no coração dos homens e paz definitiva na Terra, para maior glória de Deus!

Diretrizes para orar corretamente

1. Colocar-se previamente em “estado de oração”.
2. Possuir conhecimentos básicos sobre a hierarquia dos Espíritos.
3. Conhecer como movimentar as diferentes categorias de Espíritos para o atendimento da oração, se houver merecimento de quem ora, merecimento que se conquista pelo diuturno esforço no sentido de seu aperfeiçoamento moral e intelectual.
4. Admitir *a priori* a existência de inúmeros planos vivenciais de Espíritos desencarnados organizados em todos os setores da Terra e sintonizados, com os planos vivenciais de Espíritos encarnados, em todas as atividades humanas da Terra; e concluir *a posteriori*, pela resposta dada à oração, sobre a realidade dos planos vivenciais espirituais.
5. Admitir *a priori* que há planos vivenciais de Espíritos desencarnados nos mais díspares níveis de evolução, organizados em todos os setores da Natureza, não só na Terra, mas em todo o Universo.

Em nosso planeta, há planos vivenciais espirituais, organizados, em número incalculável e em colossal hierarquização nos mares, nos rios, nos lagos, nas cachoeiras. Uns estão profundamente mergulhados no seio das águas; outros, acima d'água, beneficiando-se com a evaporação da água e das energias desprendidas, com irradiação de valiosas energias eletromagnéticas, que fortalecem o perispírito. Além disso, há planos vivenciais espirituais, constituídos por incomensurável número de Espíritos, agrupados em coletividades de diferentes padrões de evolução, em todo o reino vegetal – nas matas, nos parques, nos jardins e, também na radiação dos minerais. De resto, há incontáveis planos vivenciais, de Espíritos, em diversos estádios de evolução na atmosfera terrestre, inclusive os que interferem nos fenômenos meteorológicos, além dos sublimes planos espirituais extraterrenos, isto é, além da atmosfera terrestre, nos quais se encontram os grandes Mestres, como Jesus, atualmente Governador do Planeta, e de muitos outros Mestres a Ele subordinados, todos lutando a fim de que, finalmente haja fraternidade entre todos os Espíritos encarnados ou desencarnados, que vivem na Terra.

Mecanismo da Oração

A verdadeira oração é, em última análise, uma mensagem telepática enviada, por um Espírito encarnado ou desencarnado, que pede socorro espiritual, seja diretamente a Deus, seja a Jesus de Nazaré, o supremo Governador espiritual de nosso planeta, seja ao Mentor espiritual ou a qualquer outro Protetor que com consentimento do Mentor, possa atender a súplica. Todavia, para que a oração alcance um plano de elevada hierarquia espiritual, distante da superfície terrena, no qual se encontram Espíritos Superiores, é imprescindível, em suma, que ela seja proferida com grande confiança na Misericórdia de Deus e com a máxima tranquilidade, em "estado de oração". Caso contrário, não terá eco nos planos espirituais dos Mestres e, nem será captada pelo Mentor de quem reza e, por conseguinte, não terá resposta positiva. E o pior é que, falada, automaticamente, ou fracamente mentalizada, sem ser reforçada por sentimento de respeito e de confiança nos Mestres e, particularmente, no Mentor, a oração será mais prejudicial do que benéfica. E a razão é simples. Desprovida da energia psíquica indispensável para atingir o plano espiritual do Mentor, mas provida de fluido vital do perispírito, desprendido com a oração vazia de altruísmo e fraca de convicção, forma uma auréola de radiação em derredor de quem rezou erradamente e, nesta hipótese, o fluido vital é captado por Espíritos "caçadores de fluidos", infensos à evolução e, sequiosos de sensações carnis, esses Espíritos, ao invés de dar, tiram a paz, de vez que a vibração de seu perispírito é compatível com sentimentos de revolta e de contrariedade.

Como se infere, para dar bom resultado, a oração deverá ser proferida, com prévia preparação psicológica, em "estado de oração", isto é, com a máxima confiança em Deus e no Mentor, que, é o dono do destino do suplicante.

O destino humano é planejado, computados os méritos e deméritos de cada Espírito, pelos Senhores do Carma, Espíritos vitoriosos, que, depois de fabuloso número de sucessivas reencarnações, das quais nem Jesus escapou, conquistaram excepcional perfeição e, dessa maneira, libertaram-se do ciclo das reencarnações terrenas e vivem em planos espirituais além da atmosfera. Por sua sabedoria e excelsas virtudes, mereceram servir de intérpretes da Justiça do Criador na planificação dos destinos humanos. Poder-se-ia considerá-los puros Espíritos, tão tênue e

luminosa é a orla do perispírito que os envolve. Na realidade, perderam a forma humana – são luminosíssimos glóbulos, autênticos microssóis, dotados de excelsas virtudes e de maravilhosa força mental, com surpreendente poder criador.

Sem embargo, se aos Senhores do Carma cabe a gloriosa tarefa de planificar o destino de seus irmãos retardatários no ciclo da evolução, em troca, cabe ao Mentor a árdua missão de supervisionar em determinada encarnação, o cumprimento dos compromissos assumidos, perante os Senhores do Carma, pelo Espírito beneficiado com nova encarnação. Na verdade, o Mentor quando cumpre sua missão, é o responsável direto pela vitória de seu protegido, em face das provações e das tentações da vida carnal. No posto que assumiu, por vínculo de amor em anterior encarnação, o Mentor está, também, sujeito a fracassar. Se por tibieza ou invigilância, o Mentor não conseguir a correção moral e o pagamento das dívidas espirituais e morais contraídas por seu protegido, a menos que haja envidado todo esforço possível para conseguir tal objetivo, ele é considerado, perante os Senhores do Carma, pusilânime e, como tal, fracassado. E, pelo fato de não haver conseguido, como Mentor, a corrigenda de seu protegido, é muito provável que, além da obrigação de nova reencarnação, ainda tenha de assumir a responsabilidade de ser pai ou mãe do protegido que não pôde corrigir. Com isso, arriscar-se-á a novos fracassos, que o arrastarão a longo ciclo de reencarnações. De toda forma, a finalidade das reencarnações é aperfeiçoar o Espírito para conquistar, definitivamente, a máxima felicidade, compatível com um plano espiritual de Espíritos dotados de grande perfeição.

Ao contrário do que se poderia imaginar, o Mentor de um Espírito encarnado varia de encarnação para encarnação. E é justo, porquanto, prolongada indefinidamente, além do sacrifício que a missão imporia ao Mentor, retardaria seu acesso a planos espirituais de maior felicidade. Para que se tenha uma idéia de quanto é árdua a missão de um Mentor, basta atentar no seguinte fato: Desde as primícias da preparação da reencarnação de seu protegido, o perispírito do Mentor, juntamente com o perispírito do Espírito que, por merecimento ou compulsoriamente, vai reencarnar, são ligados ao ovo, poucas horas após a fecundação. De modo que, embora durante a encarnação de seu protegido o Mentor não fique obrigado a permanecer ao seu lado, na superfície da Terra, o fato é que, em virtude da ligação de perispíritos efetuada por cientistas geneticistas desencarnados, qualquer vibração, provocada por todo sentimento e, também,

por todo pensamento, é imediatamente captada pelo perispírito do Mentor, por mais distante que, no momento, ele se encontre. Numa palavra – o Mentor sabe tudo que seu protegido pensa e sente. Não há como enganá-lo. E, quando, pela morte, o corpo físico apodrece, o registro dos pensamentos e dos sentimentos deixado no corpo espiritual, mostrará como a criatura viveu e comportou-se durante a encarnação terrena. Portanto, procure orar com sentimento e elevação.

Por que orar ao despertar?

Se Você, meu irmão, dormiu tranqüilamente e acordou refeito das energias gastas, na véspera, com as lutas da vida, saiba que:

1. O sono, sobre ser difusa inibição interna propagada aos hemisférios cerebrais e partes subjacentes para providencial poupança das células e equilíbrio fisiológico do organismo inteiro, o sono, repito, é porta aberta para o “outro mundo”, porquanto o processo inibitório cortical enfraquece os liames que, por intermédio do perispírito, prendem o Espírito encarnado ao corpo físico. De modo que, na aparente inércia do sono, pode haver, e há, dependendo do nível de espiritualização do homem, efêmera libertação do Espírito, fato que permite a atuação de Espíritos encarnados nos planos dos desencarnados.

Posto que, presentemente, poucos a poderão compreender, essa maravilhosa função do sono, – conhecida, desde os primórdios da civilização, pelos “iniciados” nos mistérios do reino de Deus, – ultrapassa, por sua transcendental significação, o valor da função fisiológica, imprescindível durante a provisória encarnação.

2. Além disso, meu irmão, enquanto Você dormia, Espíritos amigos, dentre eles alguns familiares, dotados de razoável evolução, permaneceram abnegadamente vigilantes, junto de seu leito, a fim de impedirem que Espíritos “caçadores de fluidos”, sequiosos de reviverem sensações carnis, aproveitando-se da exteriorização de seu corpo espiritual, ocorrida durante o sono, roubassem de seu perispírito valiosas energias vitais, cuja perda fa-lo-ia acordar mais fatigado do que quando adormeceu. E não é só isso. Se Você mereceu, às primeiras horas da alvorada, seu Mentor – Espírito Superior e dono de seu destino na atual encarnação – indulgentemente recompôs seu corpo espiritual com preciosas energias vitais, captadas nas fontes da natureza; energias que, independentemente das provenientes do metabolismo alimentar, fortalecem o corpo espiritual ou perispírito, que, desconhecido pelos biólogos, é a fonte da vida e marca, inclusive, a duração da vida terrena.

Por todo esse maravilhoso trabalho espiritual, realizado durante o sono, não só por seu Mentor como por seus emissários, todos presos a Você por vínculos de sincera amizade, não se esqueça, ao despertar, de agradecer, primeiramente a Deus e, depois, a eles os benefícios que recebeu durante a noite.

3. Entretanto, se seu sono geralmente é agitado, interrompido com inexplicável angústia ou, pior ainda, se Você costuma acordar sobressaltado pelo impacto de tremendos pesadelos, saiba, também, que:

Na maioria dos casos, as perturbações noturnas, erroneamente atribuídas a distúrbios digestivos ou a problemas circulatórios, decorrem, na verdade, do assédio de Espíritos inimigos, infensos ao aperfeiçoamento moral, embora possam ser dotados de vasta cultura, os quais, por vingança contra erros do passado, ou simplesmente porque são “caçadores de fluidos”, ávidos de sensações carnis, para satisfação de antigos vícios, passam a vampirizar suas vítimas, roubando-lhes apreciável quota de fluido vital, a ponto de depauperá-las e, não raro, afetar-lhes a saúde, a despeito de farta alimentação e dos fortificantes prescritos.

Sem embargo, se Você, meu irmão, porque é cético e agnóstico, deseja uma prova, antes de consultar os especialistas da Medicina, faça a seguinte profilaxia espiritual:

Diariamente, antes de adormecer, suplique o socorro de seu Mentor, prometendo-lhe sua correção moral com aprimoramento de seus sentimentos, de vez que é, precisamente, pela afinidade dos sentimentos que Espíritos encarnados e desencarnados mutuamente se atraem. De modo que, independentemente da tendência mística ou da vocação agnóstica, cada criatura humana tem a proteção ou perturbação que merece, lei que Jesus sintetizou na seguinte sentença: “a cada um segundo suas obras”.

4. Suplicada a proteção espiritual e prometida a transformação dos sentimentos, inicie, imediatamente, a árdua luta íntima, que o libertará do jugo dos Espíritos, que, atraídos por ocasionais vibrações de condenáveis sentimentos ou, quiçá, impulsionados pelo ódio que, nesta ou noutras encarnações, Você lhes provocou, sempre que podem, flagelam sua alma com angústia diurna e pesadelos noturnos. Mas, apesar de tudo, apele para a magnanimidade dos Mentores de seus inimigos. Ninguém, mais que esses Protetores, deseja vê-los

arrependidos, regenerados e reconciliados consigo, meu irmão. Mas, em face da obstinação de seus inimigos, os Mentores, para ajudá-lo, terão que superar a incompatibilidade existente entre as luminosas vibrações de seu perispírito e o baixo padrão vibratório do enegrecido perispírito de Espíritos rebelados contra a fraternidade. Todavia, para sua própria felicidade, Você deverá ir ao encontro dos Mentores postergados por pupilos rebeldes às Leis Divinas. Na oração dirigida aos Mentores de seus inimigos, ofereça-lhes, humildemente, a radiação de seu perispírito, emitida durante a prece. Com essa radiação, partida de um Espírito encarnado e, conseqüentemente, dotada de forte magnetismo, os Mentores, Espíritos Superiores, de delicado perispírito, terão muito mais facilidade para atuarem no plano terreno, no qual perambulam os seus revoltados protegidos. Dessa maneira, meu irmão, Você, sem sentar-se à mesa de médiuns, exercerá, com incalculável eficiência, a mediunidade que possui. É a “mediunidade pela oração”, ensino do Neo-espiritismo.

Aliás, com essa colaboração aos Mentores, os beneficiados não serão, apenas, os Espíritos que lhe prejudicam. Você também sê-lo-á – e mais do que eles; porque, além de conseguir sono tranqüilo e reparador, terá muitas oportunidades para ressarir a dívida contraída com o Mundo Espiritual, exercendo, pela telepatia da oração, em favor de amigos e de inimigos, encarnados ou desencarnados, a mediunidade que, até agora, menosprezou – uma das razões de sua angústia, de seus pesadelos e de freqüentes distúrbios neurovegetativos.

Como vê, meu irmão, a Justiça de Deus, como diz o povo, escreve certo com linhas tortas. Deixa que o médium, ignorante ou revel, sofra, na própria carne, os reflexos dos sofrimentos dos Espíritos com os quais encarnou comprometido, a fim de despertar-lhe o desejo de estudar a doutrina e de praticar a mediunidade – única maneira de merecer a proteção de amigos do Além, com capacidade para libertá-lo do cerco dos “caçadores de fluidos”.

Agradeça, pois, a Deus, meu irmão, o sofrimento que lhe abriu os olhos para o mundo dos Espíritos, no qual Você já esteve, muitas vezes, e para onde voltará um dia, com os méritos e os deméritos que acumulou no roteiro de sua evolução.

5. Todavia, não suponha que Você seja visitado ou esteja cercado somente por Espíritos hostis, não. Como acontece em todos

os lares, o seu é habitado, também, por Espíritos amados, tidos e havidos como residentes no céu. Eles não aprenderam, como Você está aprendendo, a complexa organização do Mundo Espiritual, aqui mesmo, na superfície da Terra. Desencarnaram sem preparo espiritual. Pior ainda – morreram enganados. E, com a decepção causada pela desilusão de suas crenças, apavoraram-se com a morte e, como tábua de salvação, apegaram-se, pelo amor e pelo temor, à família terrena. Continuam como habitantes invisíveis de seu lar. Muitos sofrem ainda, como se encarnados estivessem, a sintomatologia da doença que os vitimou. Isso, porque conservam, no corpo espiritual, radiações mórbidas, que, por falta de merecimento, não lhes foram subtraídas, por Mensageiros especializados, no *processus* da desencarnação. Agora, com a captação de fluidos vitais dos parentes encarnados, eles se sentem “mais vivos”, embora tenham as sensações da doença fatal mais acentuadas. Mas, de toda forma, temem a Justiça de Deus, que lhes ensinaram implacável e terrível. Por isso, agarram-se aos parentes encarnados e repelem os convites amigos de Espíritos socorristas, que desejam levá-los para planos de readaptação à vida espiritual, nos planos organizados pela força ideoplástica do pensamento de Mestres, com fluidos vegetais ou minerais, captados por numerosos Mensageiros da caridade, nos jardins, nos parques ou nas matas virgens e, também, no mar, nos rios e lagos, máxime nas cachoeiras.

Contudo, por ignorarem quanto lucrariam se accitassem o desprendimento do antigo lar para ingressarem nos postos de socorro do plano espiritual, esses Espíritos obstinam-se em permanecerem no local da desencarnação, imantados aos parentes, em esdrúxulo “vampirismo por amor”.

De sorte que, exortá-los, insistentemente, somente pelo pavor a fantasmas, a se retirarem do antigo lar terreno, com votos de que “Deus os tenha em sua Santa Paz”, sobre ser evidente hipocrisia é refalsada caridade. Em primeiro lugar, porque, ao desencarnar, pouquíssimas criaturas possuem méritos excepcionais que lhes assegure a Paz dos Bons Espíritos; e nenhuma, em hipótese alguma, poderia, nem sequer imaginar, o que seja a Paz de Deus, quanto mais sentí-la, ao despojar-se do corpo físico! Com efeito, na mais ousada das hipóteses, a Paz do Criador do Universo é apanágio de Espíritos Puros, totalmente destituídos de corpo espiritual, que nem mais

contato têm com o nosso Planeta, escola de evolução pela dor. Em segundo lugar, como justificar a expulsão do seio da família do Espírito de veneranda mãe, venerada enquanto encarnada e repudiada somente porque a morte lhe arrebatou o corpo carnal? Porventura ela não é, atualmente, exatamente aquilo que um dia seremos todos nós – um Espírito eterno, provisoriamente desencarnado?

Na verdade, já é tempo de terminar o repúdio aos “defuntos”, porque, encarnados ou desencarnados, todos nós somos Espíritos eternamente vinculados como irmãos, criaturas de um mesmo Criador.

De resto, ao contrário do que geralmente se imagina, a Terra não é domicílio privativo dos homens – a Terra, como milhares de outros Planetas, é dos Espíritos, sobretudo dos desencarnados. Na verdade, o número de Espíritos desencarnados que habitam nosso Planeta é, incomensuravelmente, maior do que a população visível da Terra. E como ambas as populações, a visível e a invisível, mutuamente interferem em suas ações, urge que os homens aprendam o mecanismo dessa intercomunicação e dela tirem o máximo proveito, em favor de seu progresso espiritual para a conquista da verdadeira felicidade, como nô-lo ensina o Neo-espiritismo.

6. Dada, porém, a diversidade de evolução dos diferentes Espíritos e, considerada a paradoxal ignorância de incalculável número de Espíritos a respeito do seu verdadeiro estado, a ponto de muitos se julgarem ainda encarnados e, inclusive, compromissados com as atividades que exerceram durante a vida terrena e cujas tarefas são por eles vivenciadas em incessante monoideísmo, é necessário que haja, ao lado das escolas doutrinárias dos planos espirituais ligados à Terra, a doutrinação esclarecedora de Instrutores encarnados, consoante ocorre, com ajuda da mediunidade, no Neo-espiritismo.

De toda forma, para maior segurança do próprio Planeta, ameaçado com o apocalíptico poder de destruição das modernas armas de guerra, é imprescindível que, com a máxima urgência, a humanidade melhore seus sentimentos, cortando todo vínculo com Espíritos inimigos da humanidade, que, um dia, valendo-se de estadistas emocionalmente desequilibrados poderão arrastá-los à destruição total de nosso Planeta, com imprevisíveis conseqüências não só para os Espíritos encar-

nados como para os desencarnados, que nele vivem e desejam progredir.

A salvação, como é óbvio, está na implantação imediata da Lei da fraternidade universal, proclamada por todos os Instrutores da Humanidade que, em diferentes épocas, encarnaram na Terra e, dentre eles, pelo maior de todos – Jesus de Nazaré.

7. Pelo que ficou dito, Você, meu irmão, já pode inferir que, no que concerne aos Espíritos acantonados em sua residência, inclusive os que foram parentes ou amigos, cabe-lhe o dever de ajudá-los, mediante orações doutrinárias, a se desvencilharem dos vínculos de família ou de arraigada amizade, a fim de que sintam o desejo de partirem para as escolas dos planos espirituais, em busca de maior conhecimento e, conseqüentemente, de maior progresso espiritual, conhecimento e progresso que, indubitavelmente, lhes proporcionarão imensa felicidade.

E, com isso, Você não lhes fará nenhum favor, porque, com ajudá-los, além da satisfação pela caridade praticada, lucrará a conquista da paz em seu lar. Além disso, ficará afastado o perigo da manifestação de uma Espiritopatia, por atuação espiritual, em algum membro da família, exatamente no que for sensível ou que tiver maior afinidade com o "morto". Seria uma "Espiritopatia por amor", muito diferente da "Espiritopatia por ódio". Na primeira hipótese, prevalecem sintomas somáticos, embora subjetivos; na segunda hipótese, ressaltam os sintomas mentais, com modificação do comportamento. Numa e noutra hipótese, se o Espírito atuante não for previamente afastado, mínimos e, talvez, nulos, serão os efeitos de quaisquer recursos terapêuticos empregados.

8. Ciente desses fatos, não se esqueça, meu irmão, de orar diariamente pelos parentes, pelos amigos e, conforme aconselhou Jesus, pelos inimigos desencarnados. Para maior eficiência da oração, ofereça, com a máxima sinceridade, ao Mentor de cada inimigo, uma quota do fluido vital, emitido de seu perispírito, durante o "estado de oração". A razão é simples. Ao contrário dos Espíritos de incipiente evolução, que captam fluidos vitais, nas mais diferentes fontes da natureza, a fim de poderem voitar de um para outro local, sempre em busca de sensações carnis ou de vinganças pessoais, os Mentores, dada a delicadeza de seu perispírito, impróprio para a atuação no plano terreno, carecem de luminosos fluidos vitais humanos, emitidos com muita pureza de sentimentos,

para lhes facilitarem a ação no ambiente moralmente deletério da crosta terrena.

Como vê, meu irmão, Você, que não teve um Mestre, nem pôde fazer "iniciação" para possuir mediunidade autêntica, por intermédio da oração poderá funcionar, a cada passo, como médium verídico e, dessa maneira, praticará muita caridade, não só a Espíritos de elevada hierarquia, desejosos de amparar determinado suplicante como a Espíritos degradados, carecendo do amparo de seus respectivos Mentores, por intermédio de humildes Espíritos socorristas.

Conhecendo o ambiente espiritual que o rodeia e praticando o intercâmbio psíquico com os Espíritos por meio de orações doutrinárias, Você já tem, meu irmão, meio caminho andado para ser feliz. E, se, além disso, ao despertar, Você está com saúde, tem os órgãos dos sentidos perfeitos e pode locomover-se para trabalhar, então Você é um felizardo. Por tudo isso, agradeça a Deus, diariamente, com muita humildade e maior sinceridade!

9. Mas se, ao contrário, Você é cego, surdo ou mudo ou, mesmo, surdo-mudo, não desespere nem se revolte contra seu destino, porque, por pior que seja a provação, está implícita a Justiça de Deus, sempre inspirada no amor e visando sempre, mediante efêmero sofrimento depurador dos sentimentos e acrisolador das virtudes, a futura felicidade do Espírito redimido.

De fato, em toda provação, por absurda que se nos afigure, está presente e atuante sábia Lei de causalidade moral, que liga entre si todas as existências, encarnadas e desencarnadas, de um mesmo Espírito. O erro na avaliação dos méritos e dos deméritos multissecularmente acumulados individualmente provém do desconhecimento de todos os elos dessa imensa cadeia de sucessivas encarnações e do comportamento do Espírito, nos planos do Espaço, nos interregnos entre suas sucessivas vidas terrenas. E, embora a afirmação possa parecer paradoxal, há grande vantagem na fragmentação da memória, porquanto a recordação de erros e, até, de crimes, além do trauma que causaria, poderia reacender ódios e paixões, já apagados, no ciclo das reencarnações. Contudo, pelo fato de ignorarmos nosso passado remoto, em regra, nos julgamos muito melhores do que realmente somos. E poucos analisam diariamente, à luz da consciência, a trajetória de seu próprio

comportamento moral na presente encarnação, comparando o que foram a alguns anos, com o que são presentemente.

Mas a verdade, meu irmão, é que todos nós somos grandes devedores da Justiça Divina e é da Lei que paguemos até o último centavo a dívida que contraímos em decorrência de nossas fraquezas morais e da nossa falta de amor ao próximo.

10. Para melhor compreensão da Lei de causalidade moral ou Lei do carma, suponhamos que, em anteriores encarnações, Você, meu irmão, haja errado, reiteradamente, pelo mau uso que fez da visão, da audição ou da palavra e, dessa maneira, tenha acarretado danos morais não só para si próprio – o que foi mau – mas, também, para muitos irmãos, contra os quais deliberadamente prevaricou – o que foi péssimo. Admitamos, ainda, que, em conseqüência de seu comportamento, com constante reincidência nos mesmos erros, em várias encarnações, Você, meu irmão, ao voltar ao “outro mundo”, se viu rancorosamente acusado por suas antigas vítimas e, além disso, compreendendo as oportunidades, que perdeu, de conquistar virtudes que lhe dariam direito ao ingresso em planos de verdadeira felicidade, sentiu-se torturado por indescritível remorso, até que, finalmente, convenceu-se de que a única maneira de quitar-se com a Justiça Divina seria arrostar, com resignação, uma ou mais encarnações com privação dos órgãos que deram ensejo à manifestação de suas lamentáveis tendências.

Aceita a hipótese de Você, no passado, haver deturpado a finalidade de preciosos sentidos, que deveriam ter sido utilizados em proveito de seu progresso moral e cultural, é justo que, no presente, voluntária ou involuntariamente, haja reencarnado privado da visão ou da audição ou da fonação, isolada ou conjugadamente, a fim de que, nas futuras encarnações, pelos reflexos que perdurarão em seu inconsciente, saiba valorizar, em função de sua evolução espiritual e da felicidade de seus semelhantes, os maravilhosos órgãos dos sentidos com os quais Deus, com sua onisciência, nos dotou:

De toda forma, meu irmão, o sofrimento de hoje será futuramente o salvo-conduto para seu ingresso em melhores planos, no Mundo dos Espíritos.

De resto, não há termo de comparação entre a cegueira do corpo, efêmera provação terrena, e a cegueira do Espírito, terrível e demorado flagelo para o Espírito fracassado.

Por isso mesmo, Jesus já nos advertiu que, se o olho ou a mão são instrumentos para o erro, melhor será perdê-los, na vida terrena, do que, por causa deles, passarmos uma temporada em planos infernais!

Agradeça, pois, a Deus, meu irmão, a oportunidade que lhe deu de redimir pela privação de um ou mais órgãos dos sentidos, faltas de anteriores encarnações e conquistar, depois desta, a felicidade que almeja. E quanto maior for a resignação no cumprimento da provação mais rápida será a redenção. Todavia, para vencer, vencendo-se, não descuide, meu irmão, da oração ao seu Mentor.

11. Se Você, ao despertar, pôde movimentar-se no leito, sentar-se e caminhar, lembre-se dos milhares de irmãos que estão paráliticos, condenados à cadeira de rodas ou, pior ainda, chumbados, inermes, ao leito de dor. Ore por eles, amparando-os à distância, de acordo com as deliberações de seus respectivos Mentores, responsáveis, perante Deus, pelo destino que estão cumprindo.

E nunca se esqueça de agradecer a Deus a ventura inaudita de poder mover-se e locomover-se!

Mas se, ao contrário, Você, meu irmão, é parálitico, não blasfeme, nem se revolte contra o destino, que mereceu. Isso só agravaria sua provação, atraindo, inclusive, para junto de si, Espíritos também revoltados contra Deus, provavelmente algum daqueles, que, em anteriores encarnações, Você massacrrou.

Na verdade, Você ignora se, em vidas anteriores, empregou criminosamente seus membros na satisfação de vinganças soezes. Mas talvez não desconheça que houve sátrapas e senhores de escravos, poderosos, que mataram, impunemente, a pontapés ou pisotearam, impiedosamente, criaturas indefesas.

Embora, atualmente, Você seja bom e caridoso, não pode duvidar que, nos séculos passados, não era tão magnânimo e fraterno a ponto de, provocado ou agredido, não revidar brutalmente. Não há, pois, nenhum desdouro se, por hipótese, admitirmos que Você, em anterior encarnação, abusando do poder que desfrutou, matou a patadas algum irmão desvalido, talvez escravo seu. De toda forma, algo semelhante deve ter havido, porque, bom, como não pode deixar de ser, Deus jamais pô-lo-ia parálitico sem causa justa e para seu próprio bem. Além disso, justo, como não pode deixar

de ser, Deus também não deixaria impune as perversidades porventura cometidas, em anteriores encarnações, da mesma sorte que os erros desta, serão resgatados nesta ou noutra vida futura.

Ora, encarado por esse ângulo, o seu problema, meu irmão, muda inteiramente de feição: deixa de ser arbitrária e irremediável desgraça, para tornar-se remédio drástico, necessário para purgar seu Espírito de gravíssimos erros de antanho. E, o que é mais importante, – a cruciante provação que está sofrendo servirá de salvatério para exculpá-lo perante a Justiça Divina, e pode, de conformidade com sua resignação, conduzi-lo, após a desencarnação, a um plano espiritual muito mais feliz do que aquele de onde veio para penosa reencarnação.

De resto, se a sua paralisia caminha para a cura, se não é definitiva, é provável que seu caso tenha outra explicação.

Criaturas há, que, por nascerem na opulência e terem sido mal educadas, cultivam, com cumplicidade dos progenitores, condenável ociosidade. Vivem de rendas, não trabalham nem se movimentam em favor de quem quer que seja. Em vida, são egoístas voluntariamente imobilizados por idiosincrasia ao trabalho. Desencarnados, não volitarão – permanecerão paralisados. E, como o trabalho é lei, pois Deus, não para nem descansa, o ocioso de hoje poderá ser o paralítico de amanhã. Essa, é a paralisia por ociosidade, no passado; a outra, aqui primeiramente referida, é a paralisia por crueldade. Mas como a Justiça do Criador se inspira no Amor; e como, para serem justas, as penalidades são proporcionais à gravidade dos delitos, é curial que a paralisia por preguiça seja mais benigna que a paralisia por crueldade. Mas, de toda maneira, quando a causa não é propositada imprudência da própria vítima, que agravou seu carma, a provação dos paralíticos finca raízes em erros de anteriores existências, – visa ao soerguimento espiritual do faltoso e colima sua felicidade no futuro.

Agradeça, pois, a Deus, meu irmão, a provação redentora, que lhe concedeu, e prometa a si mesmo que envidará o máximo esforço para jamais reincidir nos erros do passado.

12. Se Você acordou com saúde, lembre-se, meu irmão, de que milhares de criaturas padecem presentemente das mais diversas enfermidades e, dentre elas, muitas estão arrostando terríveis sofrimentos e outras, foram condenadas pela Medicina, com prognósticos fatais.

Ore em favor dos Mentores desses irmãos e ofereça-lhes uma quota de fluido de sua mediunidade para ajudar o trabalho desses Protetores em favor de seus protegidos. Com sua interseção fraternal, talvez possa contribuir para aliviar muitos doentes, dentre tantos, que sofrem. É a mediunidade pela oração!

E, no que tange ao seu caso pessoal, não se esqueça de agradecer a Deus a graça de possuir a maior dádiva terrena, comparável, apenas, à paz de espírito – a saúde.

Mas se Você está doente, meu irmão, sobretudo se é grave o seu estado, ainda mesmo que os médicos o hajam desenganado, não desanime e confie em Deus, porque a Ciência médica é falível e o socorro invisível dos Espíritos curadores realiza diariamente verdadeiros prodígios, com inesperadas modificações de dramáticos quadros clínicos. Por conseguinte, se a Medicina não o pôde curar, recorra, pela oração, convicta, mas humilde, ao seu Mentor – dono de seu destino – e suplique-lhe permita a intervenção dos Espíritos curadores, dentre os quais se destacam antigas sumidades médicas, aureoladas no Além por sua vocação à caridade, até humildes curandeiros, com noções empíricas de plantas medicinais, mas conhecedores, todos eles, como os médicos materialistas ainda não o conhecem, do potencial curativo do perispírito, quando estimulado por doses infinitesimais de energias medicinais, como ocorre com as altas potências da Homeopatia, ou com fluidos curativos, captados em determinadas fontes da Natureza. E, quantas vezes o doente dorme desenganado pelo médico assistente e já com a medicação suspensa e, no dia seguinte, com espanto geral, acorda muito melhor, para, em seguida, curar-se definitivamente! Portanto, por pior que seja o seu prognóstico, não se deixe vencer – lute, confiante no seu melhor amigo, – o seu Mentor.

Contudo, se estiver no seu destino longa e penosa provação sob o signo de doença incurável, medite um minuto, ao menos, na maldade que, através dos séculos, vem imperando na Terra; e no incrível número de corpos humanos – patrimônio divino, que reflete portentosa sabedoria – que têm sido arbitrariamente destroçados pela crueldade e pela prepotência dos tiranos de todas as craveiras. Pois bem, meu irmão, se Você admitir, por hipótese, que poderia ter sido um desses carneiros déspotas e que, atentando contra a divina Lei da confraternização universal ordenou, por ambição ou por vingança, em guerras ou em emboscadas, a destruição de

numerosos corpos humanos, concluirá que a doença incurável que hoje apodrece o seu organismo, é o preço do resgate da dívida moral, imprevidentemente, assumida no passado, quando, embora noutra corpo e noutra posição social, o Espírito responsável era o mesmo.

Outra hipótese, muito provável, é que, em encarnação anterior, haja destruído seu próprio corpo, em poucos minutos, pelo suicídio, ou a longo prazo, com vícios, orgias pantagruélicas e libações.

A verdade é que, não há efeito sem causa; e, muitas vezes, a doença do presente mergulha suas raízes numa existência anterior. E mais: somente ela apagará, no corpo espiritual, as negras marcas de uma encarnação fracassada, de molde a facilitar, após a desencarnação, a ascensão a um plano superior ao da derradeira encarnação. É a doença cármica, incurável, salvo raríssimas exceções.

Com efeito, quantos doentes do aparelho respiratório, há, que, no passado, mataram, por asfixia vítimas indefesas? Quantos doentes da pele, que, em vidas anteriores, marcaram míseros escravos com ferro em brasa? E quantos padecem dolorosas dermatopatias porque, outrora, durante a inquisição, queimaram ou mandaram queimar vítimas inocentes? Quantas doenças do aparelho genital, ainda hoje incuráveis, em consequência de abusos do sexo em vidas anteriores? Quantos aleijados, porque, em encarnação anterior, destruíram, com crimes hediondos, corpos humanos? E quantas mães solteiras, por orgulho ou preconceito, mataram, na vida intra-uterina, o próprio filhinho, num crime covarde, porque o inocente não pôde nem gritar: Socorro! Mamãe está me matando!

É por tudo isso, meu irmão, que existem doenças incuráveis, a despeito de todos os modernos recursos terapêuticos.

Entretanto, tudo evolui e, à medida que a humanidade progredir moralmente, e melhorar seus sentimentos, o Criador alargará a faixa da revelação no campo da Ciência, mediante a colaboração dos sábios do Além, que, por intuição, orientarão pesquisas e descobertas em favor da felicidade do homem.

Mas, seja qual for o seu caso, meu irmão, considere que a Justiça de Deus somente poderá visar o nosso bem; nunca a nossa desgraça, embora, muitas vezes, a aparência seja paradoxal.

De toda forma, não deixe de orar em favor dos médicos que o assistem. Não se preocupe se eles forem ateus. Pela missão que exercem, os médicos, independentemente de qualquer religião, sempre que, por seus sentimentos, o merecerem, receberão amparo do Além, em favor dos pacientes que assistem. De toda maneira, a oração feita aos Protetores dos médicos reverterá em benefício dos doentes, porque favorecem a inspiração no receituário.

Em suma: se a Medicina não pôde curá-lo, meu irmão, entregue confiantemente o seu destino ao seu Mentor, responsável, perante Deus, pelo seu destino, na presente encarnação. É Dele a última palavra.

Como vê, meu irmão, todos nós temos, ao despertar para as lutas de cada dia, mil motivos para orar como nô-lo ensina o Neo-espiritismo. Faça-o hoje mesmo e aguarde a resposta do mundo dos Espíritos.

Oração ao despertar

Senhor Deus:

Muito vos agradeço as graças que recebi durante esta noite. O leito para repousar, os agasalhos para proteger-me, o amparo do meu Mentor para a renovação das energias do meu corpo espiritual durante o sono, despertando com saúde e com todos os meus órgãos dos sentidos em perfeito estado, para que eu possa assumir perante os meus Mestres e perante os homens, a responsabilidade dos meus atos e meus deveres, para o progresso do meu Espírito.

Imploro-vos a recompensa para os Protetores que me ampararam durante o repouso do meu corpo e desejo de todo meu coração que estes amigos do Além, tenham cada vez maior progresso espiritual mais rápido e mais feliz.

Rogo aos Irmãos Superiores do Espaço, o amparo para todos os Bons Espíritos que irão proteger-me durante o dia de hoje, a fim de que os meus atos sejam todos eles inspirados na doutrina, para o progresso do meu Espírito e para maior felicidade no cumprimento das tarefas que devo realizar. Imploro também aos Irmãos Superiores do Espaço em benefício de todos os irmãos que têm afinidades espirituais comigo, quer estejam encarnados ou desencarnados. Aos encarnados desejo-lhes a proteção dos seus Mentores para que possam aproveitar todas as oportunidades do dia que ora se inicia, para aquisição de maiores valores espirituais, de modo a abreviar o seu progresso na senda da perfeição. Aos desencarnados desejo-lhes rápida ascensão espiritual sob a proteção dos seus Mentores, a fim de que possam conquistar cada vez maior felicidade.

Rogo ainda aos Irmãos Superiores do Espaço, o amparo para todos os irmãos desencarnados que na posição de Espíritos familiares convivem conosco em nosso lar.

Que esses irmãos possam ser doutrinados e conduzidos a um plano de readaptação espiritual, onde um dia encontrarão a felicidade – felicidade que jamais encontrariam neste lar, interferindo nas ações dos médiuns, absorvendo os fluidos dos alimentos e captando diversos fluidos deste ambiente, de tal sorte que ficariam retidos indefinidamente na Terra, não fora o amparo dos

missionários do Bem, consagrados ao amparo fraternal dos irmãos retardatários.

Rogo, outrossim, aos Irmãos Superiores do Espaço em benefício dos Mentores Espirituais dos irmãos que se consideram meus inimigos. Que esses Mentores amparados na bondade de Deus possam doutrinar aos seus protegidos a fim de que eles compreendam que somos todos irmãos, filhos de um mesmo Criador e que sem a prática da fraternidade ninguém pode encontrar a felicidade.

N.B. – Depois de entendido o mecanismo, faça sua oração com suas próprias palavras com elevação e muito sentimento.

Como aproveitar a madrugada

Diálogo com o Mestre

Discípulo – Ao sair de casa, o que devo fazer antes de transpor a soleira da porta?

Mestre – No momento em que Você se prepara para fazer seus exercícios matinais, implore a proteção de seu Mentor, fiador, perante a Lei do carma, de seu destino, na atual encarnação, e a assistência dos Protetores que desejarem assegurar o bom êxito do passeio matinal, feito, não apenas em proveito de sua saúde, mas, principalmente, como regime iniciatório, indispensável ao aperfeiçoamento da sua mediunidade, para benefício dos Espíritos, encarnados ou desencarnados, que dela possam carecer.

Suplique, outrossim, aos Irmãos Superiores do Espaço e, particularmente, aos Mestres dos planos espirituais da África, a proteção de uma equipe de negros, africanos ou brasileiros, que estejam em condições espirituais de acompanhá-lo no percurso das ruas, impedindo a aproximação de Espíritos notívagos, boêmios e viciados, postados às portas dos botequins e doutras casas comerciais; e, com mais forte razão, a aproximação de Espíritos de retardada evolução, estacionados nas encruzilhadas, iludidos por criaturas inescrupulosas que, ao invés de esclarecê-los, exploram-lhes a ignorância com barganhas de “despachos” por vãs tentativas de mudança de destino.

Rogue, pois, aos Protetores, que o acompanharão, a ajuda na preservação de seus fluidos vitais, especialmente os do campo mediúnico de seu corpo espiritual – fluidos que, captados por Espíritos afeitos à boemia e à beberria, far-lhe-iam correr grande risco, além do prejuízo causado à caridade mediúmica, ou ao bem estar de sua saúde.

Contudo, suplique a Misericórdia de Deus para esses irmãos, que, apesar de despojados do corpo carnal, permanecem aprisionados aos desejos e prazeres terrenos, cegos para a vida espiritual; e, que Deus conceda aos Mentores desses irmãos as forças para despertá-los para a realidade e encaminhá-los para planos de correção ou para escolas de doutrinação, no Além, onde poderão encontrar um destino mais honroso e mais feliz.

Suplique também, aos Irmãos Superiores do Espaço que dirigem as atividades dos Espíritos compromissados nos trabalhos de diferentes planos espirituais de nosso Planeta, em benefício dos Irmãos que controlam os fenômenos da atmosfera e, particularmente, dos que, neste horário (entre 5.30 e 6.30 h), transformam as radiações da atmosfera, para a renovação da vida na Terra. Rogue, humildemente, a esses desconhecidos Beneficentes da Humanidade, dentre os quais se destacam numerosos iogues da Índia Sagrada, que lhe dê a respirar, durante seu passeio, a merecida quota do prana, como ajuda ao seu esforço pelo auto-aperfeiçoamento e equilíbrio mediúnicos.

Discípulo – O que devo fazer ao chegar no parque?

Mestre – Ao chegar a este local, fonte de valiosos fluidos vitais vegetais, saúde, fraternalmente, a todos Espíritos que ali trabalham em prol da própria evolução – nos gramados, nas plantas, nos arbustos e árvores, nas flores e frutos, enfim, em todos os vegetais do parque, (mata, jardim ou praça arborizada). Suplique aos Irmãos Superiores do Espaço concedam aos Mentores desses Espíritos as forças para ampará-los, nas tarefas que estão realizando, e para doutriná-los sobre o futuro que os aguarda, de acordo com o merecimento de cada um. E como Você está orientado por Espíritos que outrora também trabalharam no fluido vital dos vegetais, peça que os Espíritos, que ali trabalham o recebam com simpatia e cedam uma quota de fluidos curativos aos Espíritos curadores que irão recompor o seu corpo espiritual, para o exercício da mediunidade e para sua saúde. E, nessa oportunidade, implore aos Irmãos Superiores do Espaço em benefício dos Espíritos que, enfermos do corpo espiritual, aqui se encontram em tratamento com fluidos vitais vegetais; e que os Espíritos de médicos e de curandeiros, instruídos na Medicina espiritual, possam cooperar na recomposição do corpo espiritual dos Espíritos em tratamento neste parque, Espíritos que, por falta de religião ou por abuso das energias vitais, desencarnaram com o corpo espiritual desfluidificado.

Mais uma vez rogue aos Irmãos Superiores do Espaço, intérpretes da Vontade de Deus, a proteção dos Espíritos curadores, iniciados no tratamento das doenças com os fluidos e as essências curativas, extraídos, espiritualmente, de plantas medicinais. Que, durante a sua estada neste parque, os Espíritos curadores, que atenderem ao seu pedido, possam recompor seu corpo espiritual não só para a manutenção da saúde, como para o equilíbrio da mediunidade. E que o seu Mentor, por intermédio

de Espíritos familiares, o assista durante todo o dia, impedindo que, no emprego e nos outros locais onde tenha de ir, Espíritos viciados no vampirismo não o espoliem dos fluidos adquiridos nesse passeio iniciatório, a fim de que, ao praticar a caridade mediúnica, os Espíritos curadores encontrem em seu corpo espiritual os fluidos necessários à fixação no organismo dos pacientes das energias curativas que extraíram de diversas fontes da natureza – das plantas medicinais, das cachoeiras, do mar, das águas radiativas...

Discípulo – O que devo fazer ao voltar para casa?

Mestre – De regresso ao seu lar, antes de partir, agradeça, com sincera gratidão aos Espíritos curadores que recompuzeram seu corpo espiritual e aos trabalhadores deste parque que contribuíram com uma cota de fluido vital vegetal para o trabalho realizado pelos Espíritos curadores. Que, ao regressar aos seus respectivos planos espirituais, os Espíritos curadores que o ampararam e reforçaram a sua mediunidade, sejam recompensados, pelos seus Mentores. E que os trabalhadores deste parque que colaboraram com os Irmãos curadores, sejam recompensados pelos seus Mentores e tenham cada dia maior progresso, a fim de que, muito breve, possam ser conduzidos para melhores planos, onde, certamente, terão a felicidade de encontrar os seres amados.

Discípulo – O que devo fazer ao entrar em casa?

Mestre – Agradeça de coração, aos Espíritos de negros, que o protegeram durante o tempo que esteve na rua, em cumprimento de um dever de iniciação em benefício do próximo ou em busca de saúde. Que os seus Mentores os recompensem, por tudo que fizeram por Você e pelos que precisam de sua mediunidade, ou de sua colaboração no trabalho, nos afazeres domésticos ou em qualquer outra atividade.

Como recompor seu corpo espiritual

Você, meu irmão, médium ou não, para compensar os fluidos vitais utilizados na prática da mediunidade ou consumidos nas lutas da vida e, sobretudo, nas decepções e nos traumas morais porventura ocorridos, deseja obter rápida recomposição de seu "corpo espiritual" – sede do "campo mediúnico" inerente às radiações específicas de cada tipo de mediunidade e equilibrar sua saúde – saiba que:

1. Para o restabelecimento do ritmo vibratório do perispírito, com pronto equilíbrio do sistema nervoso e conseqüente preservação da saúde e da mediunidade, o regime iniciático do Neo-espiritismo é da máxima eficácia, porque alia aos benefícios do ar da madrugada, do banho de chuveiro, do banho de mar ou do banho de cachoeira, as vantagens de um regime alimentar racional, nutritivo e despojado de tudo que possa afetar o aparelho digestivo, principalmente o fígado, cujos distúrbios funcionais refletem sobre a circulação cerebral, com prejuízo para a mediunidade, máxime para a psicofonia.

Sem embargo, para simplificar o problema, cingir-me-ei, neste capítulo, aos problemas conexos ao banho do "iniciado".

Para proveito da saúde, o banho de chuveiro ou de qualquer forma de ducha fria deverá ser tomado de madrugada, após cinco ou dez minutos de exercícios físicos, intercalados com profundas inspirações e rápidas expirações; tudo precedido, porém, de uma súplica ao Mentor, Protetor responsável pelo destino do médium até a próxima encarnação, rogando-lhe permita a colaboração de Espíritos que trabalham com as cargas electromagnéticas da água no sentido de lhe reforçarem o perispírito, para garantia da saúde e eficiência da mediunidade.

Tomado de acordo com essas orientações, o banho de chuveiro, embora não recomponha o perispírito com a presteza do banho de mar ou do banho de cachoeira, é, do ponto de vista da iniciação, um banho muito útil, indicado não só nos casos de inexistência de praia ou de cachoeira, como também nos dias de intempéries, que impeçam o banho de mar ou de cachoeira.

Todavia, de mar ou de cachoeira, o horário ideal para o banho é, no verão, entre 6 e 7 horas, podendo durar, no máximo, uma hora, se for de mar e meia hora, se for de cachoeira.

Entretanto, no inverno, se o frio for intenso, o horário do banho deverá ser protelado, para evitar provável gripe ou possível pneumopatia. Mas, no verão, com temperatura amena, se, por circunstâncias eventuais, o banho não puder ser tomado no horário mais indicado, é tolerável que seja retardado até, no máximo, às 8 horas, com a precaução de ser abreviado o tempo de exposição às radiações solares. Se, porém, o dia estiver nublado, o prazo para o comparecimento à praia poderá ser dilatado, pois, nesta hipótese, não haverá o risco da agressão ao perispírito do banhista pela radiação infravermelha, fato que, no médium, acarretaria superexcitação do córtex cerebral com irritabilidade psíquica, sempre indesejável, pela má assistência espiritual, que atrai.

De resto, se houver, no horário do banho, forte radiação solar, as gotículas do vapor d'água projetadas na atmosfera circunvizinha pela dinâmica das ondas do mar, funcionam à maneira de microscópicos prismas, decompondo a luz solar e libertando, dentre outros, os raios infravermelhos, que são dotados do maior poder calorígeno do espectro solar. Diante disso, não há estranhar que, se houver demorada atuação do sol sobre o corpo seminu, principalmente se a pele estiver molhada, o imprevidente banhista poderá sofrer generalizada queimadura cutânea, com zonas de vesiculação, que libertam produtos tóxicos. Lançados na circulação sanguínea, esses tóxicos poderão afetar gravemente os rins a ponto de provocar micções sanguíneas.

2. Para obter o melhor proveito com o banho, Você, meu irmão, que é médium e, portanto, muito sensível aos fatores climatéricos e meteorológicos, ao chegar à praia, depois de orar, deverá proceder da seguinte maneira: primeiramente, para desfazer espasmos vasculares e musculares das vísceras, causados pela tensão nervosa da vida atual, Você deitar-se-á à sombra ou abrigar-se-á sob larga barraca, permanecendo em relax, até o momento de tomar banho de sol; depois, para evitar forte calor irradiado sobre a cortiça cerebral, com prejuízo para a mediunidade, Você manterá à cabeça um chapéu de aba larga, enquanto durar o banho de sol. Mas, mesmo assim, o banho de sol não deverá durar mais de quinze minutos; e isto se a radiação solar não estiver muito forte,

hipótese em que a duração será de cinco ou, no máximo, de dez minutos.

Em seguida, Você voltará à sombra e aguardará que a temperatura da pele retorne à normal. Depois, poderá entrar n'água, mesmo que esteja muito fria, hipótese em que deverá ativar a circulação sanguínea com exercícios de natação. Alcançado este objetivo, Você deverá boiar e inspirar lenta e profundamente, durante alguns minutos, a fim de absorver, pelos pulmões, preciosas energias medicinais existentes na atmosfera marinha. É importante, outrossim, que, durante o banho, Você mergulhe várias vezes, para fortalecer, com cargas electromagnéticas desprendidas da água salgada em permanente dinamização pelo movimento das ondas do mar, a "aura espiritual" que lhe circunda a cabeça. Notada exclusivamente pela vidência mediúnica, a aura é preciosa emanção do Espírito imortal, ligada, fluidicamente, ao córtex cerebral, por meio do qual comanda a atividade nervosa superior e exerce um papel decisivo não só na conservação da saúde e no equilíbrio da mediunidade como, na duração da encarnação terrena.

3. Para maior absorção dos fluidos curativos doados, durante o banho, por Espíritos curadores, que trabalham no mar, Você, meu irmão, se for médium e, sobretudo se for "iniciado" não deverá besuntar a sua pele com óleo, perfumado ou não, e, muito menos, com substâncias químicas destinadas a amarelar a cutis, embora possam evitar a queimadura pelo calor solar. Nem poderá, tão pouco, com alternativas de mergulhos no mar e de relax ao sol, arriscar-se a sofrer queimaduras até de segundo grau, em consequência da refração da luz na água salgada aderente à pele com libertação de raios infravermelhos.

Para evitar este risco, ao sair do banho, Você deverá enxugar o corpo com toalha felpuda, friccionando a epiderme, a fim de ativar a circulação capilar da pele. E como o ambiente espiritual das praias não é bom, porque, além da presença de grande número de Espíritos "caçadores de fluidos", que lá perambulam, os pensamentos e sentimentos da maioria dos banhistas giram em torno do erotismo, com atração de Espíritos depravados, esgotado o tempo do banho, Você deverá retirar-se incontinenti da praia, regressando ao seu lar, sem deter-se em casas comerciais, sobretudo nas que vendem bebidas alcoólicas. Mas, se Você tiver necessidade de entrar num ambiente espiritual dessa categoria, poderá fazê-lo, desde

que aguarde o prazo de uma hora, tempo necessário para que seu perispírito absorva as energias captadas do mar. Mesmo assim, como sempre, antes de entrar na casa comercial, Você deverá suplicar ao seu Mentor a proteção de um Irmão africano ou indígena, que esteja em condições de assisti-lo durante o tempo que lá permanecer. De toda forma, porém, a contar do momento em que Você saiu do banho de mar, nunca deverá demorar-se mais de duas horas para tomar o banho de chuveiro, de vez que, mesmo com o corpo enxuto, o sal, que fica depositado em toda a extensão da pele do corpo, sob a influência da perspiração – transpiração invisível, – é quimicamente decomposto e, ionizado, atravessa a epiderme, penetra nos capilares da derme e alcança a circulação geral, atingindo, inclusive, os rins, que poderão ser afetados, porque, na hipótese, a taxa de Cloreto de Sódio poderá ultrapassar o limite de tolerância fisiológica.

4. É oportuno frisar, meu irmão, que, não só em defesa de sua saúde, como em respeito aos seus Protetores, cujas manifestações estão adstritas ao seu perispírito no dia destinado à prática da mediunidade, Você evite a impregnação de seu perispírito com emanções fétidas de matérias orgânicas em decomposição, esquivando-se, para isso, das praias poluídas e das marés inadequadas.

Com efeito, como medida higiênica e profilática contra provável contaminação por micróbios ou por vírus, que pululam nas praias poluídas, o banho de mar, máxime o do "iniciado", deverá ser tomado, exclusivamente, durante a maré vazante ou vazia e, nunca, no período da maré enchente ou da maré cheia. E a razão é simples.

A maré vazante leva o lixo flutuante para longe da praia – limpa a água do mar.

Ora, com a escassez de matérias orgânicas em decomposição e conseqüente diminuição da flora microbiana, a ação bactericida dos raios ultravioletas, muito abundantes nas praias, em virtude da decomposição do espectro da luz solar pela refração nas gotículas do vapor d'água, atuará com muita intensidade e dizimará os microrganismos patogênicos.

A maré enchente ou a maré cheia, ao contrário, estará trazendo ou já trouxe abundante quantidade de lixo para a areia da praia, mas o acervo de matérias orgânicas em deterioração, que sobeja a flutuar na água, à guisa de caldo de cultura, favorece rápida multiplicação de um número tão fantástico de germes

patogênicos que, por mais forte que seja a radiação ultravioleta, impossibilita, de todo em todo, a esterilização da água. Daí, o perigo de infecções, inclusive o contágio de graves viroses.

5. Entretanto, se o banho de mar for tomado com obediência às regras da iniciação neo-espírita, o médium, ainda que esteja depauperado, obterá completa recomposição do perispírito e rápido equilíbrio vibratório do “campo mediúnico” – fonte energética de todas as modalidades de mediunidade.

Aliás, para compreender a razão da assertiva, basta atentar no fato de que o regime neo-espírita associa à absorção do ar da madrugada, sem poluição, porque altamente ozonizado por poderosas radiações cósmicas, que antecedem ao nascimento do Sol, a ação revigorante das microondas electromagnéticas emitidas pelo vapor d'água desprendido das ondas do mar, juntamente com diversas substâncias medicinais, todas elas altamente dinamizadas, à semelhança do que ocorre na farmacotécnica homeopática, pelo constante fluxo e refluxo das ondas e, em seguida, esparzidas na atmosfera circunvizinha à praia.

Por outro lado, se o banho for de cachoeira e, como no mar, Você orar, ao lá chegar, ganhará, além de revitalizantes cargas electromagnéticas provenientes da dispersão molecular provocada, na camada externa da água cadente, pelo atrito com o ar durante a violenta queda, preciosos fluidos curativos, doados, através da respiração, por numerosos Espíritos curadores que se aglutinam em derredor das fontes naturais de fluido vital, como é o caso do mar e das cachoeiras, a despeito do desconhecimento que ainda impera a respeito do “fluido vital mineral”.

De toda maneira, o poder regenerante das energias do mar e das cachoeiras sobre o perispírito é fato de observação à vidência mediúnica. Com efeito, se, em consequência de constantes impactos emocionais, de maus hábitos e, até, de vícios, o perispírito – orla condensada de fluidos protetores do “corpo espiritual” – estiver “rarefeito” ou, mesmo, “fendido” e com escapamento de valiosíssimo “fluido espiritual” emanado do Espírito imortal, que, no homem – e somente no homem – constitui a causa primária da vida terrena, ainda assim, os fluidos curativos do mar e das cachoeiras, “trabalhados” por Espíritos curadores, podem recompor o perispírito e estancar a evasão do “fluido espiritual”. Dessa maneira, além de sustarem iminente Espiritopatia decorrente da rotura do

perispírito com imediato ataque de Espíritos inamistosos ou, apenas, sofredores, os Espíritos curadores, em atividade na praia ou na cachoeira escolhida, se houver autorização do Mentor do médium, poderão equilibrar-lhe a saúde e normalizar-lhe a mediunidade.

6. Na verdade, médium “desenvolvido” ou não, Você, meu irmão, não pode abstrair-se dos problemas espirituais adstritos ao banho de mar e ao banho de cachoeira.

De fato, quer no mar, quer nas cachoeiras, além de numerosíssimos Espíritos, que, em diferentes níveis evolutivos, lá permanecem em grande atividade, inclusive alimentando-se com fluidos vitais inerentes a esses mananciais de vida, imensa quantidade de Espíritos lá comparecem, a cada momento, em busca de fluidos revigorantes do perispírito, seja em proveito próprio, seja em favor de outrem. E, dentre eles muitos, se incluem na categoria de Espíritos curadores, em serviço nos hospitais terrenos enquanto outros exercem suas atividades nos hospitais dos planos espirituais de nosso Planeta. Organizados, mercê da força ideoplástica do pensamento de abnegados Mestres, com fluidos das águas e das matas, a pequena distância da superfície da Terra, os referidos hospitais abrigam incalculável número de sofredores torturados com a sintomatologia da doença ou do acidente que lhes causou o óbito.

Além desses, muitíssimos outros Espíritos freqüentam as praias e as cachoeiras, inclusive Espíritos “caçadores de fluidos”, que lá perambulam à cata de fluido vital humano, porque lhes dá as sensações do corpo carnal, além de grande número de Espíritos de “terreiro”, que vão acompanhando “despachos” e, ao depois, lá permanecem sem forças para volitarem de regresso ao “terreiro”, até que surja um “cavalo” do qual possa roubar a quota de fluidos necessária à volitação.

Aliás, na aparente hidrolatria universal, observada desde os primórdios da civilização, o que havia, e continua a haver, era, e é, o culto exagerado, com divinização de Espíritos desencarnados que vivem no ambiente aquático, como nós, provisoriamente encarnados, vivemos em ambiente aéreo.

Com efeito, as occânides, as nereidas, as náides, as ninfas, as sereias, etc. da mitologia greco-romana, da mesma maneira que Iemanjá, Iansan, Oxum, Tupan, Monan e todos os deuses e semideuses meteorológicos das mitologias africana e ameríndia nada mais são do que personificações simbólicas dos milhões,

quicá bilhões, de Espíritos humanos, que, desencarnados, vivem e trabalham com a força do pensamento nos mares, nos lagos, nos rios, nas cachoeiras; ou nas matas virgens, nos parques, nos jardins etc., tudo de acordo com o estado vibratório do perispírito e do padrão de energia necessária para mantê-lo equilibrado, dentro do roteiro de evolução de cada um.

7. Não importa, meu irmão, que esta verdade, repudiada *a priori* pela Ciência e repelida pela maioria dos espiritualistas, inclusive por quase todos senão por todos os espíritas, não seja aceita, por enquanto, senão por limitado número de “dotados”, que podem perceber muito além dos sentidos do corpo carnal.

Contudo, para admitir a interferência de imensa hierarquia de Espíritos, desde Mestres, quase divinos, até Espíritos primários, infra-humanos, todos interferindo duma ou doutra maneira nos fenômenos naturais, não é necessário ser neo-espírita – basta ser espírita.

Aqui está a prova. Interrogados pelo Mestre Allan Kardec, os Espíritos Instrutores, que, por intermédio de meia dúzia de médiuns ingênuos, o assistiram na revelação da doutrina, afirmaram que: “... os Espíritos devem percorrer, sucessivamente, os diferentes planos de ordem cósmica e de ordem moral do Universo. Desta forma – prosseguem os Instrutores – enquanto uns (Espíritos) trabalham no solo e dirigem fenômenos geológicos, outros, estão trabalhando e dirigindo (o grifo é nosso) fenômenos atmosféricos, aquáticos, vegetativos...” (Livro dos Espíritos pág. 49 parágrafo 64 – Edição bilíngüe do centenário, 1957).

Na época, nada mais se poderia dizer, sem risco de expor a doutrina ao ridículo. Mas agora chegou o momento de afirmar que, na manutenção do Universo, o Criador conta com a colaboração dos Espíritos; e que, independentemente do número incalculável de Espíritos ainda nas primícias da evolução, em purgação corretiva, há uma quantidade inimaginável de Espíritos evoluídos, conhecedores das leis naturais, que interferem e dirigem os fenômenos naturais.

A presença dos Espíritos na direção das manifestações dos fenômenos naturais, inclusive, é evidente, na produção dos fenômenos meteorológicos, explica por que, embora em casos excepcionais, de vez que, por enquanto, pouquíssimos Espíritos encarnados merecem tanto, a Natureza responde às

súplicas, mudando o curso dos fenômenos, sustando, por exemplo, um vendaval, uma tempestade etc. ou provocando chuvas em regiões ressequidas, à beira da hecatombe por miséria...

Propositadamente, meu irmão, silêncio sobre muitos exemplos, que poderia citar, para focalizar apenas um, por todos conhecido.

Grande "iniciado" nos "Mistérios do Reino de Deus" com Mestres essênios, Jesus de Nazaré, que se tornou o mais Iluminado "Instrutor da Humanidade", dentre outros fatos que demonstram o poder de sua interseção junto aos Governadores do Planeta, aplacou duma feita, com sua força moral, violento temporal, na iminência de pôr a pique o barco que o conduzia, juntamente com alguns discípulos. Colocando-se em contato psíquico com os Mestres que dirigem os fenômenos meteorológicos e, certo de que não lhe faltaria o apoio do Mundo Espiritual, Jesus ordenou aos Espíritos que desencadearam o temporal sustassem o vendaval e amainassem os maroiços. Obedecido imediatamente, o temporal cessou e surgiu a bonança. (Mt. VIII,23 ss; Mc.IV,35 ss)

Mas, para Você, meu irmão, que, na posição de médium, vai ao banho de mar na intenção de que os Espíritos curadores e fluidificadores lhe recomponham o perispírito para melhor rendimento da mediunidade; e que, por conseguinte, precisa tomar consciência do Mundo Espiritual que o rodeia em cada situação, a fim de apropriar as orações aos fins colimados, é imprescindível que saiba o que se segue. No imenso espaço compreendido entre a superfície e o fundo dos mares, vive, trabalha, pesquisa ou sofre colossal multidão de Espíritos nos mais díspares níveis de evolução, desde sábios dedicados à perquirição das origens da vida em nosso Planeta e à especulação sobre a possibilidade da geração espontânea, que, em última análise, seria uma materialização celular, realizada por biólogos de excepcional poder criador espiritual, até Espíritos em deplorável estado de degradação moral, mergulhados na lama nas profundezas dos mares. Além desses, há milhões e milhões de Espíritos que, por falta de espiritualização durante a encarnação terrena, estão com o perispírito tão enfraquecido que, se não estivessem ligados, por hipnose, realizada por Mensageiros da Divina Justiça, aos animais marinhos e, à maneira de vampiros, absorvendo-lhes grande quota de fluidos vitais, estariam completamente

inconscientes e, *ipso facto*, estagnados, sem evolução, por tempo indeterminado.

Como se infere, os animais, que não possuem Espírito, mas, apenas um “duplo” desprovido de consciência, o “corpo vital”, inferior ao “corpo espiritual” do homem, os animais, repito, funcionam, no mecanismo da vida terrena, como máquinas fornecedoras de fluidos vitais a Espíritos que, por falta de religião e, portanto, de intercâmbio com o Mundo Espiritual, ou por abuso das sensações corporais, desencarnaram com o perispírito desgastado. Aliás, o fato ocorre tanto no plano aéreo como no plano aquático. E foi por isso que Jesus, médium clarividente e Mestre de extraordinária força espiritual, ordenou – e foi obedecido – que o Espírito que estava imantado a um peixe que engulira uma moeda, levasse-o de encontro ao anzol, a fim de que sua dívida do imposto fosse saldada. (Mt. XVII,27)

Agora, quando Você, meu irmão, já tem noções da grandeza e da complexidade do mundo dos Espíritos nos diversos planos de nosso Planeta, é fácil compreender porque, como médium e, sobretudo, como “iniciado”, não pode deixar de orar, seja antes de tomar o banho de mar, seja antes de tomar o banho de cachoeira, seja, finalmente, antes de tomar o banho de chuveiro, durante o qual Você poderá contar com a colaboração de Espíritos que trabalham com as cargas electromagnéticas da água – tudo em benefício de sua saúde e de sua mediunidade!

Oração para antes do banho de mar

Rogo aos Irmãos Superiores do Espaço a caridade de enviarem irmãos que estejam em condições de me defender dos trabalhos de magia existentes nesta praia.

Rogo em benefício dos Mentores de todos os irmãos desencarnados que estiverem nesta praia. Que os Mentores destes irmãos possam ampará-los com a graça de Deus.

Imploro em benefício de todos os trabalhadores desta praia. Que os Mentores destes irmãos possam ampará-los para que as tarefas que estão realizando no mar se lhes torne mais suaves e o progresso mais rápido.

Imploro aos Mestres que dirigem os trabalhadores do mar em benefício dos irmãos fluidificadores desta praia, e, rogo em nome de Deus, a caridade de me cederem os fluidos curativos para minha saúde.

Rogo a Deus Todo Poderoso, a recompensa para todos os irmãos que abnegadamente atenderem a minha oração.

Que assim queira Deus.

Por que orar às refeições?

Rico ou pobre, Você, meu irmão, ao sentar-se à mesa de refeições, tem muitas razões para agradecer a Deus e aos Espíritos que o protegem, particularmente ao seu Mentor, a felicidade de ter a alimentação. É mais – tem sobejos motivos para ser reconhecido a incalculável número de irmãos, operários e outros profissionais, que Você jamais poderá identificar, mas cujo trabalho reverteu em seu benefício, em cada objeto que o rodeia e nos alimentos colocados à mesa.

Com efeito:

1. Se Você é rico, fisicamente perfeito e goza saúde, na verdade é um felizardo.

Posto que o seu destino, na presente encarnação, como acontece, aliás, com toda a humanidade, haja sido planejado pelos Senhores do Carma, – Espíritos Superiores com hierarquia de intérpretes da Justiça Divina, – de acordo com os méritos e deméritos de anteriores encarnações e com vistas às provações imprescindíveis à conquista de maiores virtudes, de toda forma, Você deverá ser gratíssimo ao Criador, porquanto, contrastando com a sorte de milhares de irmãos, uns aleijados, outros enfermiços, todos paupérrimos, Você, ao reencarnar, foi dotado de um corpo anatomicamente perfeito e fisiologicamente equilibrado e, além disso, vive com conforto material e com fartura de alimentos, para si e para sua família.

Além disso, desde que Você renasceu, seu Mentor, coadjuvado por alguns de seus parentes desencarnados e por amigos de anteriores existências, controla amorosamente o cumprimento de seu destino e, todos zelam invisivelmente, por sua paz e por sua saúde. E quando, homem feito, Você principiou a lutar pelo seu progresso material, foram eles – Protetores invisíveis – que, intuitivamente, o orientaram, em todas as iniciativas que contribuíram para seu enriquecimento; e, se Você não é ganancioso, para sua tranqüilidade. De fato, sem o apoio de seus Protetores, Você, meu irmão, seria facilmente desorientado por Espíritos vingativos e, por mais que se esfalsasse, jamais amecalaria fortuna.

Lembre-se de que, por toda parte, há irmãos inteligentes e trabalhadores, que, por mais que se esforcem, nunca conseguem ultrapassar a órbita da pobreza. Não se envaideça,

pois, a ponto de atribuir somente ao seu valor pessoal a riqueza que acumulou.

Na verdade, neste mundo, nunca ninguém está só; e não há quem se baste a si mesmo: todos necessitam da ajuda dos Espíritos.

Com efeito, paralelamente ao esforço do homem, há, sempre, ao seu lado, a movimentação de Espíritos afins, interessados em ajudá-los na conquista de suas aspirações. Tanto para o bem quanto para o mal. Tudo depende da sintonização dos sentimentos. É a lei da atração universal, aplicada no plano moral.

É incontestável que homens gananciosos e egoístas também progridem financeiramente, inspirados por Espíritos que se lhes assemelham moralmente; Espíritos que, em troca do auxílio que lhes prestam, roubam-lhes do organismo, grande quota de fluido vital, e, com isso, conservam as sensações de fictício corpo carnal, que lhes dá os prazeres da vida terrena. Na realidade, são Espíritos atraídos por suas fraquezas morais nesta, ou em anterior encarnação, os quais, ainda mesmo quando cultos, não têm espiritualização, isso mesmo, com a própria riqueza que ajudaram a acumular, arrastam seus "protegidos" ao fracasso espiritual, acarretando-lhes, nesta encarnação, permanente angústia e, depois de desencarnados, cruciantes remorsos que ensejarão compungentes provações reparadoras, em futuras encarnações.

Entretanto, se Você, pelo fato de ser dotado de bons sentimentos, mereceu a proteção de Espíritos evoluídos, que lhe fazem ver, na riqueza, preciosa oportunidade de dar trabalho ao maior número possível de irmãos pobres, não se esqueça de agradecer, diariamente, aos seus Protetores, máxime ao seu Mentor, por tudo que possui e, sobretudo, pela caridade que tem podido praticar, amparando os desvalidos, pois é dela que, do outro lado da vida, Você colherá os mais saborosos frutos!

2. Mas, se, ao contrário, Você é pobre, e, em compensação, nasceu com um corpo perfeito e pode, livremente, trabalhar; ou mesmo que haja nascido aleijado e enfermo, desde que tenha a felicidade de poder trabalhar para manter-se, por mais pobre e enfermo que Você seja, ainda assim, deve agradecer a Deus, pois, se Você está sentado à mesa, é porque tem alguma coisa para comer. E Você, meu irmão, certamente não ignora que, por esse mundo afora, há estarecedora multidão de irmãos em muito piores condições, que nem à mesa se

sentam: primeiro, porque não possuem mesa; segundo, porque não dispõem de alimentos para por à mesa!

Muito mais infelizes que Você, esses irmãos, aparentemente rejeitados pelo Criador, ou são Espíritos primários que somente em dolorosas provações poderão ser burilados; ou são Espíritos que, em anteriores encarnações fracassaram, sistematicamente, na experiência da riqueza e, por isso, cumprem, agora, dramática provação purgatorial, arrostando miséria e fome, sob o guante daqueles a quem outrora oprimira ou massacrara. É a lei da ação e da reação transposta ao plano moral!

No entanto, Você, meu irmão, que não é nem rico, nem miserável, que goza saúde e que se mantém com o árduo labor de cada dia, é provável que seja um Espírito bastante evoluído, que, por sabedoria, haja preferido evitar o risco de dramática queda, provocada pelas tentações da riqueza e pelo abuso do poder, que, dela, advém, lembrando-se, em tempo, da advertência do Mestre dos Mestres de que é mais fácil passar uma corda pelo fundo duma agulha do que entrar um rico no reino de Deus.

De toda maneira, meu irmão, olhe em derredor de si e compenetre-se de que seu destino, na atual encarnação, poderia ter sido muito pior. Nunca se esqueça, pois, antes de cada refeição, de agradecer a Deus, ao seu Mentor e aos seus Protetores em geral, a felicidade de ter com que alimentar-se. De resto, se Você possui família, é evidente que, unidos pelo mesmo sentimento de gratidão, todos deverão orar juntos, antes de cada refeição.

E se, Você, meu irmão, é pobre ou, mesmo paupérrimo, ainda assim, deverá agradecer ao Criador e aos Espíritos que o protegem, pelos redobrados esforços por eles empreendidos para protegê-lo, desde as primícias da vida, contra acidentes e intempéries, a fim de preservar-lhe a saúde, sempre perigosamente ameaçada, pela falta de agasalhos e pela deficiência de nutrimentos – conseqüências da pobreza ou, mesmo, da indigência de seus pais. E, quantas vezes, por acréscimo de misericórdia, para superar os poucos recursos pecuniários disponíveis no lar ou a impossibilidade de consultar um médico, ou de comprar os medicamentos, os seus Protetores, para salvar-lhe a vida, não lhe deram a inspirar, durante o sono, preciosos fluidos, que Espíritos curadores foram captar nas emanações de plantas medicinais, ou nas cargas electromagnéticas das ondas do mar ou nas cachoeiras ou nas

águas radioativas? E mesmo agora, adulto, casado, com filhos, trabalhando e com o pão de cada dia garantido, quantas vezes, meu irmão, Você retornou à casa, exausto, faminto e, até, adocentado, e adormeceu preocupado com a falta de recursos para tratar-se, mas, apesar de tudo, no dia seguinte, sem saber como, acordou completamente refeito e curado?

Como vê, meu irmão, ao pobre, quando o merece, Deus não dá, apenas, o frio de acordo com os agasalhos: dá, também, alimentos para o Espírito, a fim de remediar a miséria, que o flagela!

De fato, sempre que há oração e sincera confraternização durante as refeições, os Protetores dos membros da família e, dos eventuais comensais, a fim de suprimirem, em parte, a deficiência de alimentos, vão buscar às fontes da Natureza valiosas energias restauradoras do dinamismo vital; energias que, irradiadas sobre os alimentos, além de torná-los mais saborosos e mais assimiláveis pelo organismo, multiplicam-lhes o valor nutritivo, de tal modo que, com poucos bocados, o faminto se sente plenamente satisfeito.

Em síntese – se a sua alimentação, meu irmão, é escassa e pobre em princípios nutritivos, mais uma razão para Você orar à hora das refeições, suplicando, humildemente, o amparo dos Espíritos Protetores e, particularmente, do Mentor de cada membro da família, porque é Ele que decide, em última instância, quem merece que o alimento, já colocado no prato, seja irradiado com fluidos adequados, os quais, ativando enzimas e outros biocatalizadores, incrementam o aproveitamento dos nutrimentos e multiplicam o valor energético da quota ingerida.

Se Você duvida, lembre-se de que há grandes Mestres que vivem praticamente do prana, e é, do fluido vital universal, que respiram, pois comem, apenas, uma concha de mão de arroz, por dia.

Sem estabelecer comparação, o fato serve, apenas, para mostrar que, com Mestres que vivem imobilizados em estado de êxtase, quando há merecimento perante Deus, os Espíritos fluidificadores podem tornar rica, a paupérrima alimentação do pobre!

3. Mas, rico ou pobre, Você, porventura, já avaliou, meu irmão, a estreita interdependência em que vive, quer no que tange aos Espíritos, quer no que toca aos homens que habitam a Terra?

Agora Você, que certamente já pode vislumbrar, nos fatos aqui relatados, mínima parcela da incessante colaboração de invisíveis irmãos desencarnados, se deseja tomar consciência de quanto é devedor de incalculável número de desconhecidos irmãos, provisoriamente, encarnados, como Você, saiba que:

Desde a primeira refeição, ao sentar-se à mesa, antes da ingestão de qualquer alimento, Você já se está beneficiando com o trabalho de numerosos irmãos – trabalhadores braçais, operários especializados, técnicos, industriários, comerciários, etc. Isto, meu irmão, sem falar no capital movimentado a seu favor, embora visando lucro alheio.

De fato, se Você está na copa para frugal refeição matutina – café com leite e pão com manteiga; e se os móveis são, por exemplo, de fórmica, Você alguma vez já meditou acerca do número de irmãos desconhecidos dos quais dependeu para poder comprar o punhado de coisas de que dispõe?

Comece a análise, meu irmão, pelos móveis.

Primeiramente, os materiais neles empregados: a madeira, o ferro e a fórmica. Tudo isso, até que fosse transformado nos móveis de sua copa, de quantos irmãos desconhecidos exigiu árduo trabalho, revertido, em parte, em seu benefício? Vejamos: a madeira – da derrubada das árvores, no seio da mata virgem, à serração em toras, à transportação até a serraria, onde se transformam em tábuas, a remoção das tábuas para a fábrica de móveis, o trabalho especializado na fábrica, todas essas operações de quantos trabalhadores e operários especializados dependeu? O ferro – da jazida à usina siderúrgica, da usina à fábrica de móveis, da fábrica à casa comercial, da casa comercial à sua residência, quantos operários, industriários, comerciários e negociantes teria ocupado e preocupado? A fórmica – das pesquisas científicas no campo dos plásticos à descoberta da fórmula adequada; da fabricação da fórmica à preparação das folhas, da preparação das folhas à forração de seus móveis, todo esse imenso trabalho coletivo não redundou, parcialmente, em favor de seu conforto?

Na verdade, é óbvio que, a abstração feita do hercúleo trabalho realizado por tantos irmãos desconhecidos, aos quais Você, meu irmão, nunca poderá agradecer, porquanto jamais os poderá identificar, todos os móveis que estão a seu serviço, em tempo algum existiriam. E sem haver móveis, como comprá-

los-ia Você? A realidade é que Você, com toda sua riqueza, ficaria com o dinheiro à mão e sentado no chão!

E não é só. Porque a bela toalha de linho ou de algodão que forra a mesa, acaso não representa trabalho de muitos irmãos desconhecidos, de sucessivas equipes de diferentes profissionais? De linho ou de algodão, da plantação do cânhamo ou do algodoeiro à extração das fibras; da extração das fibras à fabricação dos tecidos; da fabricação dos tecidos à casa comercial e da casa comercial à sua residência, quantas mãos, calejadas ou não, quantas mãos trabalharam horas, a fio, antes que Você, com o dinheiro que barganhou lucrativamente com outros irmãos ou que herdou de mão beijada pela morte de um ente amado, pudesse, finalmente, comprar a toalha. Há mais ainda. A louça, por exemplo, que está à mesa. As xícaras, o bule, a mantegueira, o açucareiro, os talheres – colheres, garfos, facas, tudo, enfim, que, passivamente, aguarda um movimento de sua mão para que se inicie a trituração de suas mandíbulas, não é produto do trabalho de irmãos desconhecidos, muitos dos quais, com inauditos esforços concorreram, com seu suor, para seu conforto?

E os alimentos? O leite – do curral ou do estábulo à usina beneficiante; da usina à leiteria ou ao distribuidor, onde o apanhou a doméstica, por quantas mãos passou? E o café? Da plantação do cafeeiro à colheita, à secagem das bagas, ao beneficiamento, ao ensacamento, à torrefação, à moagem, ao empacotamento, à venda na casa comercial, quantos irmãos desconhecidos foram mobilizados em seu proveito? E o açúcar? Do plantio da cana, à maturação, ao corte, à despalhagem, ao recorte, ao esmagamento, à clarificação do caldo, à evaporação, à cristalização, ao refinamento, ao empacotamento e à comercialização, quantos irmãos teria movimentado até chegar à sua mesa? E o pão? Da plantação do trigo e de outros cereais à colheita, ao beneficiamento, à moagem, à fabricação do pão, na padaria, e da padaria à sua residência, quantos trabalhadores agrícolas e quantos operários trabalharam para que Você, meu irmão, pudesse comprar esse alimento básico?

Para que prosseguir? Somente na primeira refeição do dia, meu irmão, a sua dívida moral com irmãos desconhecidos já é incontestável. Imagine, quanto aumentaria o débito, se Você o esmiuçasse no tocante a tudo que possui e a tudo que lhe dá conforto material! Fatalmente, Você chegaria à conclusão de que, sem a colaboração dos irmãos desconhecidos, mesmo

que Você seja riquíssimo, de nada valeria sua fortuna, porquanto nada encontraria para comprar: nem casa, nem móveis, nem roupa, nem alimentos. Com o cofre abarrotado de ouro, Você seria um miserável – estaria ao relento, completamente nu e morrendo de fome!

Ora, diante do exposto, não lhe parece justíssimo, meu irmão, que, ao sentar-se à mesa, Você agradeça a Deus, ao seu Mentor e a todos os Protetores, que o assistem, pela felicidade de dispor de farta alimentação; e, ao mesmo passo, rogue ao Criador em benefício dos Mentores de todos os irmãos desconhecidos, a maioria paupérrimos, privados de quase tudo, que, com seu labor, contribuíram para seu conforto material e produziram todos alimentos que Você está prestes a ingerir?

4. Entretanto, meu irmão, mais importante do que a contribuição dos irmãos encarnados, visíveis e tangíveis quando próximos de Você, é, sem sombra de dúvida, a colaboração de irmãos desencarnados, rarissimamente percebidos, e, em geral, estupidamente, repelidos que, em mil conjunturas da vida, lhe dão, intuitivamente, orientação para solução de graves problemas e, em muitas oportunidades, proteção espiritual, inclusive à hora das refeições, livrando-o, juntamente, com sua família, do assédio dos “caçadores de fluidos”, Espíritos infensos ao auto aperfeiçoamento moral e interessados, exclusivamente, em gozar, como puderem, as sensações da vida carnal.

Com efeito, não fora o amparo de abnegados Protetores, seu lar, meu irmão, à maneira do que sói acontecer nos restaurantes e na maioria dos lares, máxime nos que estão marcados pelo agnosticismo e pela ausência de oração, seria fatalmente invadido por verdadeira horda de Espíritos “caçadores de fluidos”, os quais, além de captarem fluidos emitidos com as emanções dos alimentos, ainda lhe roubariam do organismo, fluidos vitais, essenciais à manutenção da saúde. Conseqüentemente, embora seja copiosa a refeição, persistirá a sensação de falta de nutrimento; e, se a presença dos invisíveis comensais é permanente, poderá haver queda de imunidade, com freqüentes distúrbios mórbidos, de origem orgânica, independentemente de prováveis Espiritopatias.

De toda forma, porém, da inoportuna presença dos indesejáveis visitantes invisíveis um sinal ficará patente – a quebra da harmonia entre membros da família terrena e a brusca e inexplicável mudança de comportamento das

crianças sentadas à mesa, porque, para os “caçadores de fluidos”, quanto mais irritação e acirrada discussão houver, maior facilidade terão para efetuarem a sintonização com as vibrações do perispírito de suas vítimas, a fim de roubar-lhes fluido vital e conservarem as sensações da vida carnal.

Aliás, um dos motivos da invasão dos lares, quando há alimentos expostos e não houve prévia oração invocando a proteção espiritual, prende-se ao fato de que, contrariamente ao que, em regra, se imagina, a maioria das pessoas que desencarnam permanecem, como Espírito, aqui mesmo na Terra, bem juntinho de nós; e, apesar de despojados do corpo carnal, continuarão a se ligarem a algum médium da casa a sentir as sensações corporais, inclusive as necessidades fisiológicas, fatos que, à primeira vista, se nos afiguram inteiramente absurdos, porque, aparentemente, incompatíveis com a ausência do corpo físico.

Contudo, o problema muda de aspecto, quando se admite: primeiro – que encarnado ou desencarnado, o Espírito eterno, situado, durante a encarnação, a alguns centímetros acima do córtex cerebral, irradiando-se, por intermédio dos nervos, permanece envolvido por um corpo espiritual, de aparência gasosa e mais ou menos luminoso, constituído de diferentes radiações ou fluidos vitais, específicos para cada tecido ou órgão do corpo somático, conhecido por diferentes denominações – corpo etérico, alter ego, corpo prânico, corpo vital, corpo bioplasmático e, como preferiu o Mestre Allan Kardec, perispírito; segundo – que o perispírito está ligado por trilhões de “fios fluídicos”, ao córtex cerebral e irradia-se, através do sistema nervoso, por todas as células do organismo, de modo que seus fluidos vitais não só mantêm a vida, como governam todos os fenômenos fisiológicos; terceiro – embora, durante a encarnação, todas as sensações estejam adstritas a estruturas adequadas e a neurônios específicos, o fato é que os fluidos vitais de todo o organismo e, obviamente, do sistema nervoso, estão integrados nas radiações do corpo vital ou perispírito.

De modo que, se, no processo da desencarnação, os Protetores encarregados de facilitar a libertação do Espírito do moribundo, não lhe retirarem do perispírito, atentos à necessidade de provação purgatorial, os fluidos vitais correspondentes às diversas sensações, o Espírito, não obstante desencarnado, continuará a sentir, além da sintomatologia

inerente ao quadro da doença que o vitimou, sensações como de calor, de frio, de sede e de fome.

A persistência das sensações corporais, em determinadas categorias de Espíritos, milhares de vezes constatadas em médiuns pertencentes às mais antagônicas crenças, comprova a permanência, junto à humanidade terrena, de Espíritos sofrendores, torturados, inclusive, com a sensação de que a vida se lhe esvai por falta de alimentação. Desprovidos de energias no corpo espiritual, por não haverem cultivado, pela oração, o intercâmbio com o Mundo Espiritual, Espíritos deste jaez carecem de reforçar o perispírito com fluidos vitais captados nas diversas fontes na natureza e, quando possível, no corpo humano. Sem isso, nem volitar volitam – permanecem estacionados em determinado local, com sensação de terem o corpo espiritual tão pesado que a deslocação lhes é interdita.

Essa é, aliás, – diga-se de passagem – a razão dos “despachos” nos cultos que lidam com Espíritos pouco esclarecidos, explorados pela ambição dos profíctos, que tudo lhes pedem, sem se lembrarem de ajudá-los a evoluir, a fim de que, doutrinados e com o corpo espiritual dotado de maior energia, possam proteger, sem se arrimarem em “despachos” cruentos ou, mesmo, incruentos.

5. Na verdade, meu irmão, é preciso reconhecer que a necessidade de alimentação, isto é, de absorção de fluidos vitais, de várias origens decresce na razão direta da evolução dos Espíritos. Quanto mais evoluídos, menos carecem os Espíritos de fluidos extraídos de um dos outros quatro reinos da natureza – o mineral, o vegetal, o animal e o hominal, – reinos, que o monismo materialista, macaqueando Darwin, reduziu a três. Por outro lado, quanto mais obstinados nos erros e mais hostis à Justiça do Criador, maior necessidade sentem os Espíritos recalcitrantes de fluidos vitais de origem terrena, não só para manterem a sensação de vida em corpo físico – ideal que tanto almejam – como para conservarem lucidez e memória, além de garantirem, no perispírito, a energia imprescindível à volitação, facultando-lhes o deslocamento no espaço, de molde a se transportarem para onde lhes aprouver. De modo que para Espíritos nesse nível de evolução, o fluido vital representa maior valor do que o ouro para o homem. Por isso mesmo, os Espíritos arredios ao progresso espiritual, embora dotados de cultura intelectual, mal pressentem, pelas vibrações do aroma emanado dos

refogados, na cozinha, ou do odor dos alimentos postos à mesa, penetram disfarçadamente no ambiente, burlando a vigilância de Espíritos Protetores, em busca de fluidos vitais, não só dos alimentos como principalmente das criaturas com as quais, por similitude de sentimentos, conseguem sintonizar as vibrações do perispírito. Como se infere, o segredo da chamada “atuação espiritual” consiste na sintonização do perispírito do Espírito desencarnado, com o perispírito do Espírito encarnado.

6. Com o objetivo de facilitar-lhes a captação dos fluidos vitais que desejam, nas emanações dos alimentos ou na radiação do corpo humano, os Espíritos “caçadores de fluidos” empregam diversas táticas. É útil que Você, meu irmão, as conheça.

Primeiramente, para atuarem com maior eficiência, os “caçadores de fluidos” tentam reforçar o magnetismo de seu próprio perispírito mediante a absorção de cargas elétricas da água colocada à mesa. Se, por exemplo, houver algum copo com água, atuam, pela força do pensamento, sobre o sistema nervoso do membro da família que estiver mais próximo do copo e, provocando-lhe um movimento descoordenado, obrigam-no a esbarrar no copo, derrubando-o e derramando a água. Ora, ampliada, dessa maneira, a superfície de contato do líquido com o ar e, conseqüentemente, acelerada a evaporação da água, os “caçadores de fluidos”, com a força do pensamento, captam eletricidade no vapor d’água, reforçam o perispírito e destarte, incrementam sua atuação sobre a matéria.

O fenômeno pode ser, indiretamente, observado pela repentina mudança de comportamento das crianças sentadas à mesa. Dotadas de perispírito muito delicado, as crianças são mais sensíveis aos fluidos irradiados pelos Espíritos, máxime por Espíritos indiferentes ao auto-aperfeiçoamento moral. Por isso, são as primeiras a sofrerem a má influência dos “caçadores de fluidos”. De calmas e dóceis, que estavam, de repente, sem motivo aparente, tornam-se irritadas e pirracentas ou manhosas e lamurientas. De toda forma, acabam irritando os adultos sentados à mesa, objetivo colimado pelos “caçadores de fluidos”, Espíritos temperamentais, que se sintonizam, com muito maior facilidade, com criaturas mal-humoradas. Por isso, quando não há crianças à mesa, valem-se de outro estratagema, não menos eficiente, para provocarem a exaltação coletiva: sugerem, telepaticamente, diálogos atritantes em torno de temas explosivos – religião, política, futebol,

etc. Resultado: sem tardança, o ambiente doméstico pega fogo. Pega fogo é o termo, porque a radiação emanada do perispírito de pessoas enraivecidas apresenta-se, à vidência mediúnica, de coloração rubra!

Ora, aproveitando-se das vibrações de contrariedade, os “caçadores de fluidos”, Espíritos geralmente inconformados com a morte e sempre desejosos de gozarem as sensações da vida terrena, conseguem estabelecer, facilmente, sintonização com o perispírito dos membros da família irritados, e, por intermédio do perispírito deles, entram em contato com o córtex cerebral e com as papilas gustativas. Feita a ligação, além dos fluidos vitais que roubam, fato que muito lhes apraz, ainda se rejubilam com o paladar dos alimentos, como se encarnados ainda se encontrassem!

Na realidade, meu irmão, a visita dos “caçadores de fluidos” à sua residência é duplamente prejudicial – à sua família, porque todos são espoliados de preciosos fluidos vitais, necessários à manutenção da imunidade e, portanto, à conservação da saúde e, além disso, podem perder, também, a paz, de vez que a tais Espíritos interessam as rixas; e a eles próprios a indesejável visita é, outrossim, prejudicial, porque o vampirismo ambulante que os leva aos lares à cata de fluidos alimentícios só contribuirá para retardar-lhes a evolução, algemando-os à fictícia vida terrena!

Sem embargo, há pior. Porque, se, porventura, um desses Espíritos encontrar, num membro de sua família, afinidade de sentimentos, ele poderá abandonar a vida errante e fixar-se em sua residência, modificando o comportamento de sua vítima a ponto de causar-lhe rebelde Espiritopatia obsessiva!

Para felicidade de sua família, meu irmão, é indispensável que, na oração que precede as refeições, se inclua sincera rogativa aos Mentores desses Espíritos no sentido de permitirem que Protetores Africanos ou Indígenas os levem para planos espirituais de correção compulsória, única maneira, aliás, de modificar-lhes a conduta.

Todavia, meu irmão, à margem dos “caçadores de fluidos”, existem, em todos os lares, Espíritos de outras categorias, com direitos perante as Leis de Deus. De fato, por conta de graves erros por Você praticados em anteriores encarnações e, também, na atual, até ao presente, não só Você, meu irmão, como cada membro de sua família, está ligado, magneticamente, a um grupo de Espíritos, que foram atraídos, por força da afinidade de sentimentos, no exato momento da infração

espiritual. Ligados ao perispírito de quem, por culpa própria, os atraiu para junto de si, esses Espíritos vivem fictícia vida carnal. Alimentam-se com fluidos vitais dos alimentos e, o que é pior, do médium moralmente responsável por sua atração e subsequente imantação. Sentem, como se encarnados ainda estivessem, as sensações do corpo físico – o paladar dos alimentos, o sabor das bebidas, o prazer do cigarro ou quaisquer outros vícios valorizados pelo seu “doador de fluidos” e, por incrível que pareça, nas suas relações sexuais ou durante o sono de sua vítima, provocam-lhe sonhos libidinosos e, ligado ao seu sistema nervoso, sentem, no coito onírico, exata sensação do orgasmo!

Para conseguir seu objetivo, o Espírito que, atraído por semelhança de sentimentos, se ligara ao médium em autêntica simbiose, utiliza-se da hipnose por telepatia, aproveitando-se do “estado de fase”, que antecede ao despertar, e fá-lo sonhar que está tendo relação sexual com uma pessoa que lhe é muito simpática e com a qual, sinceramente falando, ele gostosamente efetuará a cópula. Destarte, o Espírito não só vampiriza fluidos vitais como colhe prazeres. Mas o pior é que, quando o Espírito teve, na vida terrena, sexo oposto e apaixonou-se pelo “doador de fluidos” ele, por ciúme, tudo fará para impedir o casamento. E, se houver casamento, pouco durará, tantas e tamanhas serão as desavenças que surgirão entre os cônjuges!

Ora, tudo isso poderá ser remediado, com o corte dos vínculos com Espíritos “caçadores de fluidos”, ligados ao médium por seu procedimento culposo. Todavia, o desligamento só ocorrerá gradativamente, à medida que o culpado, estimulado por uma religião sinceramente vivida, se for reformando moralmente, com o aprimoramento dos sentimentos e a conquista de novas virtudes – virtudes e sentimentos que, com iluminar-lhe o perispírito, repelem a sintonização com os companheiros invisíveis atraídos pelos erros do passado. E, quando houver merecimento para que o fenômeno ocorra, o coagido “doador de fluidos” livrar-se-á da má assistência e sentir-se-á muitíssimo mais feliz!

Concomitantemente, os Espíritos que lhe surrupiavam fluidos vitais irão sentindo, em assustador crescendo, que, pelo enfraquecimento dos laços que os uniam ao perispírito de sua presa, agravam-se-lhe, dia a dia, as sensações mórbidas, com a impressão de que a vida se lhe esvai, com retorno da sintomatologia clínica da doença que lhes causou o óbito. É o momento em que o invisível “explorador de fluidos” e poten-

cial obsessor, tangido pela dor, humilha-se perante o Criador e, transfigurado em Espírito sofredor, não tardará a implorar o socorro dos Mensageiros da Caridade.

Feita a súplica, se humilde e sincera, o Mentor do Espírito suplicante providenciará no sentido de que ele seja levado para um plano de readaptação espiritual compatível com seus méritos e deméritos.

Entretanto, quando o médium, por desconhecer as conseqüências morais dos pensamentos, sentimentos e atos praticados durante a vida terrena, não lutou contra seus próprios defeitos morais e, por conseguinte, não se libertou da pernicioso atuação dos Espíritos, que, suas próprias fraquezas e vícios, atraiu para junto de si, iludido pela cultura de uns ou pela solércia de outros, considera-los-á como Protetores, sem atentar no fato irremovível de que, com a falsa proteção, não encontraram nem saúde, nem paz de espírito.

Infelizmente, o drama ocorre freqüentemente, porque, antes de dar ensanchas à abertura de suas faculdades supranormais, o médium, por falta de Mestre, não estudou e assimilou a doutrina, nem purificou suficientemente os seus sentimentos – chave de ligação com os verdadeiros Protetores. Daí as mistificações voluntárias ou involuntárias, que dão margem à dúvida e à perplexidade dos adeptos e, pior ainda, à chacota e ao vitupério dos adversários!

Em síntese: se Você, meu irmão, e os demais membros de sua família, atentos à pré-dica de Jesus que aconselhou o amor aos inimigos, sempre orou e continua a orar em favor dos Espíritos que, nas quedas morais, se lhes imantaram para a exploração de fluidos vitais, é lógico que o indesejável vínculo está bambeando e não tardará muito a rebentar. Mas se Você, nem os membros de sua família jamais rezaram implorando a interseção dos Mentores de seus inimigos é mais que provável, é quase certo que, no outro lado da vida, a pendenga prosseguirá, com implicação na próxima reencarnação.

Ore, pois, meu irmão, por seus amigos, mas não deixe de orar, também, por seus inimigos!

7. Contudo, além desses Espíritos, há, sempre, nos lares, a oculta presença de parentes muito amados e de amigos muito queridos, os quais, seja por falta de preparação espiritual para imediata adaptação ao "outro mundo", seja por demasiado e egoístico amor aos parentes ou amigos encarnados, permaneceram, depois da desencarnação, no seio da família,

de cujos membros passa a captar fluidos vitais, que os alimentam e dão-lhes todas as sensações da vida terrena. Sem nenhuma intenção de prejudicar, esses Espíritos, presos à família, pelo amor e pelo temor à morte, quicá mais pelo temor do que pelo amor, continuam a viver no antigo lar, em esdrúxulo vampirismo por afinidade espiritual. E, não raro, acabam provocando no membro da família, pela qual sempre demonstraram maior amizade, uma "Espiritopatia por amor", com toda a sintomatologia clínica da doença que lhes causou a desencarnação!

Espíritos que muito amaram e que foram amados enquanto estiveram na vida terrena e que necessitam de "fluido vital" para conservarem a sensação de vida, não seria justo que, por medo ou incompreensão dos parentes que permaneceram encarnados, eles fossem convidados a se afastarem do seio da família. Para eles, seria motivo de catastrófica decepção, com gravíssimas conseqüências, não só para os repudiados, como para os repudiantes que sem caridade, os convidaram a retirar-se. Para eles, porque, privados da quota de fluido vital dos membros da família, e, conseqüentemente, com o perispírito debilitado, além de sentirem, novamente, todas as sensações mórbidas que antecederam à morte, ainda teriam a perda de memória, dismnésia ou, mesmo, amnésia, fato que lhes retardaria sobremodo a evolução, porquanto lhes impossibilitaria a auto-análise das ações praticadas durante os anos de encarnação e os privaria do exame de consciência concernente aos sentimentos que lhes inspiraram o comportamento – auto-análise e exame de consciência, que têm incalculável significação, porque alertam sobre a Justiça de Deus e marcam o roteiro do futuro.

Ora, conhecedor desses fatos, Você, meu irmão, bem como os demais membros de sua família estão na obrigação de retribuir o amor dos amigos e, sobretudo, dos parentes, doando-lhes, enquanto for necessário, uma quota de fluido vital, até que, esclarecidos mediante orações doutrinárias e fortalecidos com fluido de amor, ofertados na oração, aos seus Mentores, os amigos e os parentes demonstrem desejo de evolução, com provisório e providencial desprendimento da família terrena, para ingressarem num plano de readaptação espiritual.

No entanto, se, em contraste com essa caridosa atitude, os parentes e amigos encarnados, pelo inexplicável pavor aos "fantasmas", repelirem vilmente os parentes e os amigos desencarnados, seja silenciosamente, pelo pensamento, seja

ostensivamente, pelo teor da oração, é justo que possam advir lamentáveis conseqüências, quer para os desencarnados, quer para os encarnados. Para os desencarnados, porque, feridos nos seus mais puros sentimentos e sentindo-se diplomaticamente escoraçados do lar que sempre amaram, poderão revoltar-se contra a ingratidão dos parentes ou dos amigos, que desejam ver-se livres deles, e, dessa maneira, de amigos diletos, transformar-se-ão em inimigos rancorosos, a menos que, por sua evolução, sejam suficientemente generosos para perdoarem a afronta. Caso contrário, poderá haver represálias imediatas ou penoso resgate na próxima futura encarnação.

Aliás, não há estranhar, porque, na espécie, o egoísmo dos encarnados teria rompido os vínculos do amor, com revogação da lei da fraternidade, proclamada, em todos os tempos, pelos verdadeiros Instrutores da Humanidade, não obstante não ter sido obedecida até hoje!

Todavia, mais do que em favor de outros quaisquer irmãos desencarnados, Você, meu irmão, e todos os demais membros da família, têm obrigação moral de praticarem a mediunidade – dom universal, posto que sujeito a apreciável variação de sensibilidade de médium para médium – em favor da evolução dos amigos e parentes desencarnados, máxime dos parentes, porque não foi por acaso que todos se reuniram numa mesma família terrena.

Quero referir-me à prática da mediunidade pela oração, como a ensina o Neo-espiritismo, maneira mais cômoda e, quase sempre, muito mais sincera do que a mediunidade em “corrente”, seja na mesa, seja nas danças dos “terreiros”. Exatamente pelo fato de ser espontânea, sincera, despida de vaidade e não visar qualquer exibição, a mediunidade pela oração é, em tese, de muito maior eficiência para os desencarnados que dela se beneficiam.

Faça a experiência, meu irmão, e verá que a resposta do Mundo Espiritual não tardará. Ore, diariamente, ao despertar e ao deitar-se, em favor de amigos e inimigos, oferecendo, na oração, uma quota do fluido de sua mediunidade aos Mentores dos irmãos que Você deseja beneficiar. Com a energia electromagnética desprendida de seu córtex cerebral simultaneamente com sua súplica, os Mentores e os Protetores, em geral, terão maior facilidade de atuarem no plano terreno e, dessa forma, doutrinar e amparar os seus protegidos, Espíritos bisonhos, que, por desconhecerem o mecanismo da Justiça

Divina, jamais apelaram para aqueles que realmente os podem ajudar!

Mas, de toda maneira, meu irmão, se for sincera, sua oração será valiosa contribuição para facilitar o heróico labor dos Espíritos Doutrinadores e, sobretudo, dos Espíritos Socorristas, nos planos espirituais organizados por ideoplastia, apanágio dos Mentores e doutros Espíritos Superiores, aqui mesmo, na superfície da Terra; planos – diga-se de passagem – nos quais se encontram a maioria dos Espíritos recentemente desencarnados e, além desses, um número incalculável de Espíritos, que, apesar de haverem desencarnado há muitos anos, ainda não conseguiram méritos, nem “bonus-hora”, para subirem um pouco mais na hierarquia do “outro mundo” e, assim, ingressarem em outras organizações muito mais aperfeiçoadas, situadas em planos mais distantes. Mas Deus é paciente e aguarda, com infinita indulgência, que cada Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado, compreenda que é o arquiteto de seu destino; e que só desfrutará definitiva felicidade no dia em que, sobrepujando as próprias deficiências, alcançar a perfeição!

Lição à primeira refeição

Diálogo com o Mestre

Mestre – Meu irmão: Você está sentado à mesa, com diversos alimentos à disposição. Entretanto, Você não concorda que, antes de alimentar-se, deveria agradecer a Deus as dádivas que recebeu?

Discípulo – Dádivas? Tudo que aqui está é fruto do meu trabalho; custou meu dinheiro. Por que agradecer a Deus, se Ele nada me deu?

Mestre – Não nego que tudo é fruto de seu trabalho e barganha com seu dinheiro. Todavia, só pelo fato de Você ter podido trabalhar e ter recebido o pagamento já seria motivo de gratidão a Deus, que é o Senhor da vida. Muitos outros querem trabalhar e não o conseguem, uns porque estão acamados, outros porque não encontram emprego. E ainda há os que trabalharam, mas foram caloteados. De uma maneira ou doutra, há muitos irmãos, filhos de Deus como Você, que, neste momento, estão com fome e sem terem o que comer. Você tem fartura e acha que não deve agradecer?

Discípulo – Na verdade, Mestre, eu não havia pensado nos que não têm, sequer, uma côdea de pão para matar a fome!

Mestre – De fato, meu irmão, Você, colocado, como a maioria dos homens, no ponto de vista egocêntrico, só havia visto um lado da questão. Mas o problema é muito mais complexo e, bem equacionado, mostra o seu egoísmo.

Discípulo – Egoísmo, por quê?

Mestre – Porque Você jamais meditou no esforço alheio, nos irmãos anônimos que trabalharam em favor de seu conforto.

Discípulo – Não entendo o que o Mestre quer dizer!

Mestre – Entendê-lo-á sem demora. Comecemos pela cadeira na qual Você está sentado. É de fórmica, com pés de ferro. Você já calculou quantos irmãos trabalharam para que um dia Você pudesse adquiri-la?

Discípulo – Francamente, é coisa que nunca me passou pela cabeça.

Mestre – Pois, então, meu irmão, imagine agora o árduo labor dos mineiros, a muitos metros de profundidade, confinados na penumbra, com ar viciado, a cavarem, com hercúleo esforço, as entranhas da terra em perseguição do veio do minério. Imagine, também, os que removem a terra e transportam a ganga até a siderúrgica; os que, na siderúrgica, beneficiam o produto e preparam o ferro para a indústria; e os que, na fábrica, confeccionaram os pés desta cadeira. A madeira – da derrubada das árvores, no seio da mata virgem, à serração em toras, à transportação até a serraria, onde se transformam em tábuas, a remoção das tábuas para a fábrica de móveis, o trabalho especializado na fábrica. Somente para a obtenção dos pés da cadeira em que Você se senta centenas de operários, desde os que cavaram a terra até os que deram as últimas demãos na cadeira, trabalharam para Você...

Discípulo – Para mim?

Mestre – Sim, para Você, embora não o soubessem. Não fora o trabalho deles não haveria a cadeira; e, não havendo a cadeira, como a compraria Você?

Discípulo – É... De fato, sem cadeira para comprar, que me adiantaria ter o dinheiro para comprá-la?

Mestre – Ainda bem, meu irmão. Você principia a compreender. Prossigamos. Você foi alertado para o número de operários que labutaram até que se completassem os pés de ferro. Agora, a fórmica. Independentemente dos capitalistas que organizaram as empresas e custearam as pesquisas no campo dos plásticos, a descoberta da fórmica, além de mobilizar químicos e outros cientistas, exigiu colaboração de humildes operários, em trabalhos subalternos. Você já calculou quantos irmãos trabalharam para que Você finalmente pudesse comprar esta mobília de copa? Faça um cálculo, separadamente, para cada peça – para cada cadeira, para a mesa, para o armário ... Quantos irmãos trabalharam no Laboratório, na fábrica, na casa comercial, até que, transportada ainda por operários, Você a recebeu em sua residência?

Discípulo – Confesso, Mestre, que jamais cogitei no assunto. Mas admito que algumas centenas de mãos manipularam, desde a origem, os elementos que formaram esta mobília!

Mestre – Ótimo! Você, a pouco e pouco, está se assenhoreando do problema. Vamos adiante. Agora, a toalha e os guardanapos de linho. Tudo é produto do trabalho de muitos irmãos. Quem

plantou o cânhamo? Quem colheu a planta? Quem beneficiou o têxtil? Quem teceu a fibra? Quem confeccionou as peças? Ao todo, muitas centenas de irmãos, entre trabalhadores braçais, operários especializados, químicos industriais, desenhistas de tecidos... Depois, o transporte para o comércio, a azáfama do balconista, a entrega à domicílio... Tudo trabalho de irmãos que lhe deram oportunidade de comprar a guarnição de mesa!

Discípulo – Desse jeito, Mestre, meu dinheiro acabará sem valor!

Mestre – Não é bem assim, meu irmão. Mas ainda é cedo para uma conclusão. Continuemos. Aí está belo aparelho de café: as xícaras, os pires, os pratos, a mantegueira... E mais – as colherzinhas, os garfinhos, as faquinhas... Já calculou, meu irmão, quantos operários trabalharam, desde a extração da matéria prima até a fabricação de cada um desses objetos?

Discípulo – Estou percebendo, cada vez mais, a minha dependência de irmãos anônimos.

Mestre – Esplêndido! Um pouco mais e Você perceberá quanto lhe iludiu, até ao presente, o seu ingênuo egocentrismo! Na verdade, até hoje, Você nunca teve um sentimento de gratidão para os irmãos desconhecidos, que trabalharam e penaram, para que, ao sentar-se à mesa, Você dispusesse de tantos alimentos e de tanto conforto! O pão, por exemplo, que, sobre ser alimento básico, é alimento tradicional, radicado na Bíblia. Ao vê-lo à mesa, Você, acaso, pensa nos irmãos que labutaram, e sofreram, para que Você o pudesse comer? Já sentiu simpatia pelos trabalhadores que, não raro, em misérrimas condições financeiras, regaram com o suor do rosto, a gleba propícia ao trigo? Já calculou quantos humildes agricultores se estafaram para colherem os cereais que compõem o pão misto? E o leite, já imaginou quantos irmãos trabalharam para que o precioso alimento chegasse à sua casa? Já meditou: na luta do campeiro, arrostando intempéries para pastorear o gado; no sacrifício do “tirador de leite”, a tremer de frio, alta madrugada, a labutar no curral, sob emanção de fétidos odores fecais; na luta dos que, até em lombo de burros, transportam dos sítios e fazendas o leite a beneficiar; no trabalho das usinas beneficiadoras; no esforço dos distribuidores e na colaboração de comerciantes, que o revendem? Pois tudo – do úbere da vaca à xícara em que Você o irá deglutir daqui a pouco – é produto do trabalho e, até, do sacrifício, de centenas de irmãos

desconhecidos, que Você usufrui, sem gratidão, porque está persuadido de que é mera barganha com seu dinheiro!

Discípulo – Realmente, Mestre, não fora a luz do seu raciocínio, eu continuaria a supor que somente a mim mesmo devia o regalo dessa refeição! Agora, porém, já estou ciente de que, sem a colaboração coletiva de irmãos anônimos, nada disso poderia comprar!

Mestre – Bravos, meu irmão! Em face dessa confissão, eu me dispense de prosseguir a analisar sua dependência em relação a cada alimento. Pelo leite, meu irmão, Você deduzirá a manteiga. Pelos cereais do pão, o cultivo e o trabalho da cana de açúcar até a industrialização do produto, para encher o seu açucareiro...

Discípulo – Na verdade, é um mundo novo que se me entremostra. Sinto, na consciência, que o meu trabalho e o meu dinheiro se apoucaram diante do ingente trabalho coletivo de centenas de irmãos em favor de meu conforto material e da satisfação de minhas necessidades fisiológicas. Sem essa cooperação anônima, mesmo com dinheiro, eu nada teria para comprar!

Mestre – Graças a Deus, meu irmão, a primeira luz já se fez em seu Espírito. Armadas as premissas, cabe-lhe a conclusão lógica. Se Você reconhece, agora, quanto deve a esses irmãos desconhecidos, é seu dever, ao sentar-se à mesa, retribuir-lhes os benefícios. Para isso, bastará que Você suplique a Deus permita que o Mentor de cada um dos irmãos anônimos lhes leve a radiação mental de sua prece, partícula invisível de seu “corpo espiritual” impregnada de fraternais sentimentos de saúde e de paz espiritual. Ao receberem, por intermédio de seus Mentores ou de Espíritos familiares a radiação perispiritual ou o “fluido” de sua oração, os irmãos que, indiretamente, o beneficiaram com seu trabalho, serão, por sua vez, beneficiados, sem causa aparente, com maior tranquilidade emocional e melhor saúde. Todavia, se, no momento, algum deles não estiver merecendo o “fluido” de sua oração, a radiação que partiu com a onda do pensamento, será “arquivada” no “outro mundo”, em plano adequado, até que, com sua morte, possa reverter em seu próprio benefício.

Discípulo – Como é interessante o mecanismo da oração! Percebo, agora, que o valor da prece não está nas palavras, mas no “fluido” ou radiação emitido por quem reza!

Mestre – De fato, na onda do pensamento, que é radiação desconhecida pela Ciência, é transmitida preciosa energia da alma

da pessoa que está em “estado de oração” – é o sentimento de amor ou de caridade. Quanto mais puro for o sentimento, maior será a eficiência da prece. A oração maquinal, embora com palavras sonoras, nada vale, porque não contém sentimento acrisolado – é som que não faz eco na alma alheia. E é, precisamente, por causa disso que as orações estipendiadas não têm o mínimo valor.

Aliás, Jesus, o Mestre insuperado, já aconselhava: “Quando orardes, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás a teu Pai – e teu Pai, que vê em secreto, te recompensará”. (Mt. VI,5-6). Donde se infere que a melhor oração é a que se faz em casa, em recolhimento; e não publicamente, nas igrejas.

Discípulo – Em face da explicação e do texto evangélico, torna-se evidente que a oração “em ação de graças” bem como a “oração pelos defuntos”, feitas como são, por profissionais assalariados, não têm nenhum valor!

Mestre – É a conclusão. Quem é pago para rezar, nunca rezará com a mesma sinceridade nem com desejo ardente da pessoa que estima aquele para quem ora, espontaneamente. Por isso, meu irmão, a sua oração, por força da sinceridade, irá suavizar, se houver merecimento, suavizando o estado d'alma dos desconhecidos, que, com o seu trabalho, lhe deram oportunidade de comprar tudo que Você possui nesta sala.

Discípulo – Na verdade, com os esclarecimentos dados, cheguei à conclusão de que sem a cooperação alheia, com todo o dinheiro do mundo, nada teria para comprar. Doravante, ao sentar-me à mesa de refeição, sentir-me-ei na obrigação de orar pelos que, contribuíram para o meu conforto e para a minha alimentação.

Mestre – Todavia, ainda há outra face da questão para a qual não despertei sua atenção. Refiro-me aos irmãos que o servem como domésticos. Você já meditou na cooperação que lhe dão? Já imaginou se, por imprevista eventualidade, Você, de repente, se visse privado de sua ajuda e obrigado a substituí-los em todas as tarefas da casa? Já se pôs, ao menos, na situação de substituto eventual de cada um dos serviçais? Já se colocou, imaginariamente, no lugar da cozinheira, ou da copeira, ou da arrumadeira? Já calculou como se sentiria após um dia de trabalho na cozinha, ou na copa, ou na arrumação da casa? E já ponderou como se sentiria na posição de uma delas, e privado de mil coisas que Você possui ou pode possuir, ao passo que elas não possuem nem poderão

possuir? Será que Você na posição de doméstico, seria mais trabalhador, mais correto, mais humilde e mais obediente do que os seus empregados? E será que, como patrão, Você tem sido, compreensivo, tolerante e caridoso? Agora mesmo, sentado à mesa, Você usufrui o produto do trabalho de duas irmãs – o da cozinheira e o da copeira. Sem elas, a menos que alguém as substituísse, a mesa estaria vazia – sem toalha, sem louça, sem talheres, sem alimentos.

Discípulo – Todavia, aqui há um “porém”. Se eu não as pagasse, elas não trabalhariam para mim. De modo que, na verdade, o que há entre nós é simplesmente troca de interesses – elas me dão trabalho; eu lhes dou dinheiro!

Mestre – Sem embargo, há outra coisa, muito mais importante, que elas lhe dão e que Você não lhes paga – é a amizade. Por mais bem que Você as remunere jamais lhes pagará a dedicação com que trabalham para seu conforto e sua saúde.

Discípulo – Curioso! No ajuste entre patrões e empregados nunca se leva em consideração o sentimento com que o trabalhador realiza o seu trabalho!

Mestre – Entretanto, a afeição dedicada aos patrões é ficha do passado, porque tanto identifica o resgate por afinidade como o resgate por fracasso. Na verdade, na vida, nada acontece por acaso. Desde que colocamos o anúncio no jornal, podemos ficar certos de que somente os irmãos que conosco tenham reajustes a fazer, de vidas anteriores, ficarão no emprego. Os demais, ainda que, atraídos pelo ordenado, venham ao nosso encontro, não aceitarão as condições estipuladas, ou, se as aceitarem, pouco se demorarão no emprego, despedir-se-ão ou serão despedidos. Ficarão, somente, os que têm dívidas morais a saldar. E, diante das Leis Divinas, é grande a responsabilidade do patrão porque dele dependerá, em grande parte, a vitória ou o fracasso espiritual do empregado. Aliás, pelo fato de haver dívidas morais a saldar, não se segue que, em anterior encarnação, os irmãos que nos procuram na posição de domésticos, tenham vivido, outrora, apartados de nosso coração. Pelo contrário – pode acontecer que, na empregada de hoje, esteja encarnada a mãe ou a filha do passado!

Discípulo – A mãe ou a filha de anterior encarnação? É chocante! Como explicar, na hipótese de ter sido da mãe, a queda dentro do padrão familiar? A troca dos papéis entre o filho, que reencarna como patrão, e a antiga mãe, que reencarna para ser

empregada do ex-filho, não subverte, porventura, a hierarquia espiritual?

Mestre – A hierarquia espiritual no seio da família terrena é mera ficção. Muitas vezes, ao contrário do que se imagina, a hierarquia familiar ou social está em contraste com a hierarquia espiritual. Há filhos, por exemplo, que são Espíritos mais evoluídos e, conseqüentemente, dotados de maiores merecimentos diante de Deus, do que os pais. Há, até, Espíritos abnegados, que encarnam como filhos de pais de pouco valor moral, para soerguê-los nas provações por que terão de passar! De modo que, pelo fato de uma mãe, que, como mãe, fracassou em relação a determinado filho, reencarnar como empregada do ex-filho a fim de resgatar, com o trabalho, dedicação, e, até humilhação, os erros, que contra ele, cometera, não se segue que haja havido subversão da hierarquia na escala da evolução espiritual. Porque, diante da eternidade, não há pais e filhos. Só há irmãos. E mesmo que, por acaso, a mãe seja Espírito mais evoluído, de toda maneira se fracassou como mãe, encontrará, na subordinação ao filho com quem errou, oportunidade de resgate da falta e de maior avanço na senda do progresso espiritual.

Discípulo – De fato, desde que se confronte a hierarquia familiar com a hierarquia espiritual, aquilo que, do ponto de vista terreno, se nos aparentava subversão de valores, poderá configurar-se como reajuste de merecimentos. Encarado sob este aspecto, o problema perde o caráter paradoxal e, até, afigura-se-nos perfeitamente natural.

Mestre – Mais uma vez, sua inteligência abrangeu o problema. Portanto, posso prosseguir confiantemente. Quem diria, por exemplo, que as “mães de leite” de todos os tempos foram mães faltosas com os filhos que, em posterior encarnação, amamentaram na situação de “filho da outra”. O leite e o carinho, que negaram por negligência ou para não deformar os seios, deram-nos mais tarde, noutra encarnação, não ao filho de suas entranhas, mas ao filho duma estranha, que, sem embargo, era o seu próprio filho reencarnado! Quem diria, outrossim, que as “mães pretas” do tempo da escravatura, eram mães renegadas do passado, que, por displicência ou preocupações sociais, vitimaram os lactentes pela desnutrição ou pelo abandono às intempéries? Transportadas, com a morte, ao mundo da realidade, face a face com os erros que cometeram e atormentadas pelo remorso, essas mães não titubearam em aceitar a reencarnação na suprema humilhação da escravatura. Contudo, não havia mister de ser

grande psicólogo para notar que essas “mães pretas” traziam da personalidade, de anterior encarnação traços inconfundíveis de requintada educação e eram dotadas de inteligência e de sentimentos muito superiores aos das outras escravas. A afeição que dedicavam ao “filho de Sinhá” – o filho que, noutra encarnação, sacrificou – era verdadeiramente edificante. Muitas até sonegavam voluntariamente ao filho negro o leite que, sorridentes, davam ao “filho branco”! Por maior que fosse a recompensa, nunca se pagaria a dedicação e o amor que a escrava legava à prole do Senhor! Na verdade, amor só com amor se paga. E se, na maioria dos casos, havia mútua afeição entre a “mãe preta” e a “sinhazinha” e outros membros da família, ignorava-se que, na escrava, poderia estar reencarnada uma amiga ou um parente de anteriores encarnações, carecendo de ajuda e compreensão a fim de poder redimir-se dos erros do passado!

Discípulo – De fato, não há negar a comovente dedicação das “mães pretas” de outrora aos “filhos brancos”, que amamentavam. E, agora, Mestre, com o reencontro dos Espíritos por intermédio da reencarnação, tudo se me tornou claro. Compreendi, igualmente, a razão da maneira afetuosas com que muitas “mães pretas”, vinculadas por laços afetivos de vidas anteriores, eram tratadas por membros da família do “senhor”.

Mestre – Realmente. Nos vínculos afetivos do passado reside a incógnita da equação do destino do grupo familiar. E no X desta questão está, também, a razão da presença não só da antiga “mãe preta”, tão decantada em nossa literatura, como dos atuais domésticos. Por isso mesmo, à margem da dedicação ao trabalho e da afeição à família, há notas dissonantes de inveja e de ciúme, que agravam, no futuro, novos resgates. Não é raro que a excessiva tolerância de um dos membros do casal por determinada doméstica ou por determinado doméstico desperte represálias do outro cônjuge. Sem embargo, pode haver, na indulgência, apenas prova de afinidade do passado. E, nesta hipótese, já estão automaticamente identificados, no seio da família, pelo menos dois Espíritos que ali se juntaram para mútuo resgate.

Discípulo – Dessa maneira, cada vez mais vamos compreendendo que, com os domésticos, completa-se a família do presente com membros da família do passado...

Mestre – Não é bem assim. Você exagerou. Nem todo doméstico foi parente em encarnação anterior. Há muitas situações sociais que podem determinar a reencarnação de dois

Espíritos um como patrão, outro como empregado. Pode até não ter havido nenhuma afinidade entre eles. Ao contrário – pode ter havido mútuas faltas. Mas, seja como for, no patrão e no empregado estão encarnados dois irmãos, isto é, dois filhos de um mesmo Pai – Deus. Ora, é justamente esta relação de irmão para irmão, oculta sob o véu de empregado e de patrão, que leva muita gente ao fracasso. O patrão, pelo orgulho e prepotência; o empregado, pela inveja ou pela revolta. Por isso mesmo, a evolução do grupo familiar se torna, muito mais fácil e mais rápida quando a luz do Neo-espiritismo espanca as trevas que envolvem os mistérios do destino!

Discípulo – Entretanto, como todos nós erramos freqüentemente nas interrelações de família, a oportunidade do resgate, pelas novas dívidas que pode ocasionar, transforma-se em círculo vicioso!

Mestre – À primeira vista, sua tese afigura-se-nos válida; mas, de fato, não o é, porque, nesses encontros e reencontros, a finalidade é a evolução de cada Espírito. Pouco importa que a vitória sobre nós mesmos seja conquistada em alternativas de múltiplas situações renovadas com pequeno ou com grande número de pessoas. O essencial é que, nas múltiplas situações em que somos colocados em relação com elas, à maneira de seixos que rolam no mesmo leito, consigamos desbastar as arestas de nossa personalidade e aprendamos a amar os nossos semelhantes. De resto, de toda maneira, por mais dilatado que fosse o círculo de nossas relações sociais, em cada encarnação, nunca poderíamos manter contato senão com exíguo número de criaturas comparativamente aos bilhões que habitam o Planeta.

Discípulo – Com efeito, se nos contatos de pequeno grupo de irmãos, com sucessivas alternâncias de posição familiar e social, logramos, em diversas encarnações, auto-aperfeiçoamento necessário à nossa felicidade, razão não há para sucessivas encarnações num número infinito de famílias.

Mestre – Como vê, com suas próprias palavras, Você acaba de destruir a objeção que fez. O círculo, embora limitado, talvez mais limitado do que Você desejaria, deixou de ser vicioso, para ser normal. Contudo, para que o Plano Divino seja eficiente, força é admitir-se que, com o tempo, à medida que se multiplicam as reencarnações e os atritos se amortecem, estreitam-se as afinidades e ampliam-se as amizades, de tal modo que, no final, todos acabam amigos, para serem bons irmãos.

Discípulo – Aos poucos, descortina-se-me, no cenário universal, o papel que nos cabe representar no teatro da vida! E como é grandioso o Plano Divino em relação ao destino humano! Todavia, temo que tudo isso não ultrapasse os limites de pura ficção...

Mestre – A dúvida, como ponto de partida em busca da Verdade, é postulado do método cartesiano. De toda sorte, é um consolo estar ao lado de Descartes, que, sem sombra de dúvida, foi um dos maiores gênios da humanidade. E digo mais: a maior consagração ainda está por vir – será no dia em que o Neo-espiritismo experimental destruir definitivamente o monismo, impondo ao mundo científico o dualismo universal. Ao lado do mundo material, permanecerá, irrecusável e definitivo, o mundo espiritual, ao qual pertence o verdadeiro homem, que é o Espírito eterno! Todavia, para maior convicção, é conveniente que Você alimente a dúvida como princípio de pesquisa – nunca, porém, como sistema. Ponha em prática os ensinamentos, que o Neo-espiritismo lhe está dando, e observe. Se nada mudar em seu redor e, além disso, não encontrar maior alegria de viver, nem mais paz interior, então desista de seguir o caminho que lhe estou a apontar. Deixe que outros, mais bem preparados espiritualmente, se beneficiem com eles. De toda forma, Você continuará a receber as lições da vida. E quem sabe se, amanhã, amadurecido pelo sofrimento, Você não virá ao encontro das verdades que, agora, não está sabendo valorizar?

Discípulo – Embora alimente dúvidas, estou disposto a pô-las em prática a título de experiência. Se as respostas aos problemas de minha vida forem positivas, darei a mão à palmatória.

Mestre – Aceito o desafio. Mas recuso a palmatória. Já se findou a era tenebrosa da pedagogia jesuítica. Não impera mais como postulado que “a letra entra com sangue”. Agora, a letra entra com inteligência. E compreender as verdades relativas ao “outro mundo”, é grande prêmio. Há quase dois mil anos, o maior Mestre da humanidade, Jesus de Nazaré, já dizia que, “ao que tem, se lhe dará e terá em abundância; mas, ao que não tem, até o que tem, se lhe tirará”...(Mt.XIII,10 ss).

Discípulo – Mas isso é clamorosa injustiça! Como admitir que se dê a quem já tem e que se tire de quem não tem? Tamanho absurdo atenta até contra a caridade. Parece incrível que Jesus houvesse aceito essa monstruosidade!

Mestre – Compreendo o seu espanto. Todavia, Jesus não se referiu a bens terrenos, hipótese inadmissível, porque atentatória

contra a justiça e a caridade. Como é notório, pelo fato de ter pregado numa nação fanatizada, onde não havia liberdade religiosa, Jesus, para evitar sua lapidação como hereje, foi obrigado a pregar por parábolas de modo que só o entendessem os que estavam espiritualmente preparados para isso, e, que, por isso seriam incapazes de denunciá-lo ao Sinédrio. Aliás, a parábola explica-se por seus próprios antecedentes. Acercando-se de Jesus, os discípulos o interrogaram: "Por que lhes fala por parábolas?" Jesus lhes respondeu: "porque a vós outros é dado conhecer os mistérios do reino de Deus, mas aos de fora tudo se ensina por parábolas". (Mt.XIII,10-11; Mc. IV,10-11). Bem compreendida, a sentença de Jesus, não contém injustiça, nem descaridade. Jesus se referiu aos "mistérios do reino de Deus", isto é, aos segredos dos planos habitados por Espíritos Superiores. Ora, na espécie, dar ao que tem o mesmo é que ensinar a quem tem merecimento para aprender. E como, no caso, o merecimento é fruto da evolução espiritual conquistada em anteriores encarnações, o discípulo não só assimila como conserva na memória os ensinamentos que recebeu. Portanto, fica com abundância de "conhecimentos iniciáticos", condizentes com os "mistérios do reino de Deus". Mas, aos que não têm evolução, nem merecimentos, quem lhes tira da memória até do que tem, não é, absolutamente, o doutrinador – é a assistência dos maus Espíritos que os assediam como usurpadores de "fluido vital". É muito maior do que se supõe o número de Espíritos atrasados que, inconformados com a perda do corpo carnal, fonte de prazeres e de vícios, aos quais não desejam renunciar, se agarram a criaturas com idênticos sentimentos, e, à maneira de vampiros, além de sugar-lhes energias vitais do perispírito que, ligado ao sistema nervoso, lhes dão sensações como se ainda estivessem encarnados. Esses Espíritos "caçadores de fluidos" são os maiores inimigos da evolução moral da humanidade. Não lhes interessa nem seu próprio progresso espiritual e, muito menos, o dos médiuns e das demais criaturas. A conquista de virtudes seria o caminho para a libertação das vítimas desse estranho vampirismo. Tudo farão, portanto, para obstar a espiritualização da humanidade. Por isso, diante do pregador, a vítima desse oculto vampirismo pouco entenderá. Com imperceptível atuação, provocarão, no ouvinte, ligeira obnubilação mental, que não só dificultará a assimilação como a posterior memorização dos ensinamentos pregados. Portanto, quem tira de quem não tem merecimento não é o Criador – é a assistência espiritual que ele próprio atraiu para junto de si!

Discípulo – Agora, sim. Tudo se me tornou claro. Contudo, estou assombrado com o vampirismo dos Espíritos que renovam sensações corporais extraíndo forças vitais das criaturas terrenas!

Mestre – Essa é uma das verdades que o mundo carece de compreender, porque ajudará o melhoramento do homem e contribuirá para a felicidade da humanidade. Contudo, voltemos, ao assunto das domésticas. Conforme Você já deve ter percebido, o problema das relações entre patrões e domésticas, da mesma forma que entre empregadores e empregados, em geral, está erigido de dificuldades, que, não raro, acarretam sofrimentos do “outro lado da vida”. De toda sorte, é bom que se não agravem os resgates, acumulando novos compromissos para futuras encarnações. Como não seria possível exemplificar, uma a uma, todas as hipóteses que podem figurar nessas relações de empregado e empregador, vou restringir-me ao caso das domésticas, que o servem. Dei o exemplo da “mãe preta” para que Você pudesse compreender por qual dispositivo das Leis Divinas Você poderia ter, em sua casa, como empregados, sua mãe, seu pai, sua filha ou seu filho ou quaisquer outros parentes de anteriores encarnações. De toda forma, eles teriam sido Espíritos faltosos consigo, que, em provação humilhante, vieram ficar sob sua dependência econômica. A eles cabe-lhes o dever do trabalho, com respeito. A Você compete tratá-los com caridade. Para isso, deve corrigi-los sem humilhá-los e, sempre, ampará-los com fraternidade. Na verdade, são irmãos mais infelizes do que Você, que Deus colocou em seu caminho para que os ajude a evoluir. Comece pela oração ao seu Mentor, senhor de seu destino. Ore, também, para eles, ao sentar-se à mesa. Lembre-se de quanto trabalho o pouparam preparando tudo para sua refeição! E se algum deles se mostrar rebelde à disciplina ou relapso no dever, antes de despedi-lo, tente ajudá-lo, com bons conselhos e com oração ao Mentor dele, dono de seu destino na atual encarnação. Peça-lhe que o doutrine, à noite, durante o sono, quando o Espírito encarnado está mais livre do corpo e tem mais facilidade de captar o pensamento dos Espíritos Doutrinadores. Depois, Você observará a transformação. De um revoltado relapso, Você fará um serviçal diligente e solícito! Com isso seu lucro será duplo – neste, e no “outro mundo”! Aqui, porque obteve bom empregado; lá, porque ajudou a evolução de um irmão! De resto, meu irmão, Você hoje está rico, com conforto, mas já imaginou que, como tem acontecido a outros mais ricos e muito mais poderosos do que Você, amanhã fatos imprevistos poderão lançá-

lo na miséria e Você acabar seus dias em pior situação que a dos seus atuais empregados?

Discípulo – É hipótese que jamais me passou pela cabeça. E, francamente, não vejo como tamanha desdita me possa acontecer!

Mestre – É tão fácil, meu irmão! Maus negócios, falência de Bancos, cataclismos, terremotos, guerra, tudo isso pode levar um indivíduo da abastança à miséria. E, depois, despojado de tudo que possui, sem dinheiro, sem casa, sem roupa, sem nada, como reagiria Você?

Discípulo – No mínimo, ficaria desesperado e revoltado contra Deus!

Mestre – Contudo, a revolta contra Deus só poderia agravar sua situação. Sofrer com revolta é sofrer duplamente. Só a resignação poderia suavizar tão dura provação!

Discípulo – Mas haverá, porventura, quem sofra miséria com resignação?

Mestre – Se há! E são, sempre, Espíritos evoluídos, conformados com o destino, porque, inconscientemente, acreditam que tudo é por vontade de Deus e, por conseguinte, para o bem deles. Na verdade, embora não o saibam, a provação aceitaram-na eles, como oportunidade de redenção de um passado abominável.

Discípulo – Resignação em tamanha desgraça é coisa que não entendo. Para mim, não é resignação – é típico masoquismo, sintoma de desequilíbrio mental!

Mestre – Tudo depende do ponto de vista em que nos colocamos. Os pobres resignados pertencem a duas categorias: uns, pelo abuso do dinheiro, sofreram tanto e tantas vezes após cada desencarnação que aceitaram, como ensejo de reabilitação, a provação da pobreza; outros, Espíritos de muito maior evolução, embora com direito a encarnação com riqueza, abrem mão, perante os Senhores do Destino, desse direito, e preferem nascer paupérrimos e desprendidos de todos os bens terrenos – são missionários prestes a libertarem-se do ciclo das reencarnações terrenas...

Discípulo – Entretanto, eu conheço muito pobre revoltado contra o destino e, até, contra os que têm riqueza.

Mestre – Também os há; e são muitos; talvez a maioria. E, grosso modo, podem ser distribuídos em duas categorias. Os Espíritos muito imperfeitos, nos primeiros degraus da evolução

terrena, ainda incapazes para proveitoso manejo do dinheiro, que é empréstimo de Deus em benefício do grupo social inter-relacionado com quem o possui; e os Espíritos tremendamente egoístas e prepotentes que, em vidas anteriores, empregaram abjetamente o dinheiro que possuíram em abundância. A revolta dos primeiros é, até certo ponto, justificável. Como jamais possuíram fortuna e ignoram os abismos em que muitos e muitíssimos se precipitam, iludidos pelo poder do dinheiro, desejam ardentemente gozar a efêmera felicidade, mais aparente do que real, que observam nos milionários. Desconhecendo os motivos por que estão privados do dinheiro e ignorando que, em vindouras encarnações, quando já estiverem em condições de serem experimentados na “provação da riqueza”, também poderão ser riquíssimos, essas criaturas têm inveja dos ricos e profunda revolta contra o destino. Pela ignorância, merecem ser perdoados. Contrastando com essa categoria, há outra mais revoltada contra os ricos e mais rebelada contra o destino – a dos mendigos. Via de regra, em anteriores encarnações, foram ricos e poderosos. Mas, egoístas e maus. Orgulhosos e atrabiliários, utilizaram o dinheiro para comprar consciências e alcançar os mais vis objetivos. Concupiscentes, refestelaram-se na lascívia tripudiando sobre a honra de virgens indefesas. Malbarataram fortunas em caprichos de sibarita e massacraram adversários pusilânimes. Em suma – em suas mãos, o dinheiro, que deveria ser meio de cultura moral e intelectual e de conforto pessoal e, ao mesmo tempo, instrumento de amparo a seus semelhantes, só serviu para perseguir um único fim – alcançar a plêntitude dos prazeres terrenos. É natural, portanto, que, agora, sofram na carne, as conseqüências da privação do dinheiro, afim de poderem aquilatar quanto poderiam ter feito por seus semelhantes, quando possuíram fortuna!

Discípulo – Donde se conclui que, na realidade, o dinheiro, que possuímos, não nos pertence: é empréstimo feito pelos Senhores dos Destinos sob condição de o utilizarmos não só em proveito de nosso conforto material, mas, sobretudo de nossa evolução espiritual, beneficiando o próximo.

Mestre – Parabéns. A conclusão foi lógica. E é por ignorar essa verdade que tantos ricos se desgraçam! Jesus já disse que era mais fácil passar uma corda pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino de Deus! O dinheiro, pelo poder que dá e pelos prazeres que proporciona, estimula o orgulho e a vaidade e, quase sempre, arrasta à prepotência e à corrupção! E uma coisa é certa

– os que hoje esmolam, outrora esbanjaram fortunas em deletério hedonismo. Arrebatados pela morte, viram-se transportados para planos infernais, onde arrostaram pavorosos sofrimentos, agravados com o aguilhão do remorso a acutilar-lhes, incessantemente, a consciência culpada. Mais tarde, encarnados compulsoriamente, saíram do tormento do Além para a tormenta da terra, marcados com a miséria e privados da benção do trabalho!

Discípulo – Privados do trabalho, como? Pois não há tanto trabalho por aí afora? Não, eles não trabalham porque não querem; preferem esmolar por ser mais cômodo!

Mestre – Como as aparências enganam! Se, acaso, um mendigo moço e forte, ao invés de esmola, lhe pedisse um emprego, Você lh'o daria?

Discípulo – Se, porventura, tivesse onde colocá-lo, é provável que o empregasse. Antes, porém, teria de observar-lhe as tendências, quiçá o caráter...

Mestre – Então, Você que, há pouco, estranhou a permanência no desemprego agora hesita em empregá-lo? Pois bem; como Você, toda gente. Uns, porque temeriam que, dada a demorada convivência com marginais e malfeitores, o ex-mendigo agora empregado, um dia, os assaltem ou os matem para roubar-lhes os bens; outros, porque receariam simplesmente que, pouco afeito ao trabalho, o esmolador não se adaptasse ao emprego, causando-lhes prejuízos. Todos dar-lhe-iam desculpas esfarrapadas. Mas ninguém o ampararia, embora, no fundo, o recriminassem pela inválida robustez! Como vê, não é tão fácil, quanto parece, um mendicante transformar-se em trabalhador. E o motivo principal é que, para maior humilhação, a mendicância, até a conquista de merecimento, faz parte da provação purificadora desses infelizes irmãos. Na verdade, são Espíritos torturados por borrascas de paixões, que sofrem, intimamente, por constante flagelação oriunda de invisíveis verdugos. Verdugos que são as vítimas do passado, as quais, à guisa de instrumentos de Deus, reproduzem nesses desgraçados, os cruciantes padecimentos que, com a riqueza que possuíram em anteriores encarnações, poderiam ter suavizado, mas que, por egoísmo, abandonaram à própria sorte! É a pena de Talião, cumprida no processo da reencarnação. Jesus sintetizou-a nesta sentença: “Quem com ferro fere, com ferro será ferido!” Mas, de toda forma, o esmolar é digno de caridade porque é nosso irmão, e, só se soerguerá encontrando compaixão e generosidade!

Discípulo – Todavia, a mim não se me afiguram assim tão dignos da caridade! Pois não estão pagando, na mendicância, o mal que fizeram com a riqueza, em anteriores encarnações?

Mestre – Sem dúvida. Estão, na indignência, resgatando graves faltas morais de antanho. Contudo, nem um de nós, no passado, foi tão perfeito que não haja prevaricado em matéria de dinheiro, nem tão altruísta que jamais tenha recusado auxílio a irmãos necessitados. Não há, portanto, justificativa para nossa indiferença diante de um irmão que, por fraqueza ou ignorância, quase sempre por ignorância e fraqueza, haja resvalado da culminância social para a podridão das sargetas. A caridade, como a justiça, é cega – não vê a quem ampara. Aos maus, como aos bons, devemos dar a palavra que estimula e conforta e o exemplo, que comove e convence. Provisoriamente apartados do verdadeiro caminho da evolução, os mendigos de hoje, amanhã, tangidos pela dor, voltarão ao roteiro outrora por eles desprezado, porque, de qualquer forma, são nossos companheiros na vida eterna!

Discípulo – Agora, compreendo, que, de fato, devemos ajudá-los. Se apenas ampararmos os a quem amamos, que vantagem fazemos? Pois a alegria de ajudar os amigos já não nos paga a caridade que lhes prestamos? O valor está em ajudar aos desconhecidos e, até, aos inimigos!

Mestre – Com efeito, a melhor caridade é a que prestamos aos estranhos e, sobretudo, aos inimigos, porque, nela, não nos move senão a compaixão ou o perdão. É a genuína caridade, que não pede compensação! Todavia, até para praticar a caridade, é preciso saber. Caridade mal praticada não é caridade e pode, até, ser falta de caridade! Assim: para amparar um mendigo, não basta dar-lhe a esmola da moeda – é necessário ofertar-lhe por intermédio de seu Mentor a esmola da oração!

Discípulo – Além do dinheiro, a prece? Que extravagância!

Mestre – Extravagância, que redunde, também, em benefício próprio! Porque, pelo abuso do dinheiro e pelo número de criaturas que prejudicou, todo mendigo está rodeado de inimigos invisíveis, a clamarem vingança. São Espíritos revoltados, contra tudo e contra todos, inclusive contra Deus! Assim sendo, ao aproximar-se de um esmoler, o primeiro cuidado deverá ser a preservação contra o ataque da má assistência que o acompanha. Para isto, basta um pedido de proteção, ao Mentor de quem vai dar a esmola; e, em seguida, um pensamento em favor do Mentor

do mendigo, porque é Ele o responsável por sua encarnação. Com a curta e rápida prece, dar-se-á ao Mentor do esmoleiro oportunidade de irradiá-lo, ou melhor – de enviar um Protetor mais terra a terra para irradiá-lo com “fluidos” calmantes, que lhe suavizarão a revolta contra o destino, simultaneamente com a alegria que lhe dará o recebimento da esmola. Pequeno óbulo dado de coração e acompanhado de breve oração, alivia e conforta muito mais do que grande soma atirada com desprezo ao mendigo, só por preconceito social e para aparentar caridade. Digo mais – se ao dar esmolas, todos tivessem um pensamento em favor do Mentor do mendigo, talvez em pouco tempo, esse Protetor pudesse suavizar a provação de seu protegido, com desistência de vingança de seus algozes e reabilitação social do esmolador, que, voluntariamente, procuraria trabalho!

Discípulo – Quanta coisa acabo de aprender! Agora, compreendo por que os mendigos, em geral, são orgulhosos e, muitos, recebem com rancor a esmola que se lhes dá! Compreendo, outrossim, por que é tão difícil reajustar essas infelizes criaturas, induzindo-as a ganhar a vida com o suor do rosto. E até adivinho que, dada a má assistência dos mendigos, é perigoso uma criança dar esmolas!

Mestre – Muito perigoso. A criança, com órgãos em crescimento, é dotada, no perispírito, de fluidos valiosíssimos, desconhecidos pela Ciência, que dinamizam a vida celular. São “fluidos vitais” cobiçadíssimos pelos Espíritos atrasados, porque, dotados de alto potencial energético, lhes dão além da sensação de corpo carnal, maior capacidade de ação, favorecendo-lhes a volitação de um local para outro. Isso não é novidade, porque, outrora no mosaísmo e, hoje, nos “terreiros”, os Espíritos atrasados, “de corpo pesado” ou melhor – de perispírito condensado exigem sangue de animais para realizarem o que se lhes pede. Ora, rodeados de Espíritos vingadores e, via de regra, recebendo, com maior revolta, por se sentir humilhado, a esmola dada por criança, o próprio mendigo dá ensejo, com a raiva momentânea, que os companheiros invisíveis roubem ao inocente grande quota de “fluido vital”. Com a perda de “fluido vital” e com a péssima radiação desses Espíritos, que fica em seu delicado perispírito, a criança, além da queda de imunidade, com predisposição para adoecer nas horas subseqüentes, ainda se transtorna psiquicamente, permanecendo algum tempo de mau humor, a choramingar ou a reagir com má-criação.

Discípulo – Donde se conclui que, por ignorância, pode haver falta de caridade na prática da caridade!

Mestre – Exatamente. E não só neste, mas em muitos outros casos, inclusive quando se abusa da boa fé da pessoa caridosa, para explorá-la, ou para sobrecarregá-la até afetar-lhe a saúde...

Discípulo – Entrementes, conservo comigo uma dúvida: haverá pobres resignados?

Mestre – Você antecedeu à questão. Depois de esclarecer a revolta dos mendigos, algumas palavras sobre os pobres conformados. Os primeiros foram compulsoriamente encarnados, sem direito de escolher a pungente provação. Os segundos, embora também se hajam prejudicados em encarnações anteriores com o poder do dinheiro, são Espíritos ávidos de progresso e, portanto, desejosos de resgatarem, na pobreza, os erros do passado, cometidos por causa da riqueza. Inconscientemente, sabem que a pobreza terrena é, para eles, o caminho para a conquista da riqueza espiritual. Por isso, não denotam ambição e, a despeito das privações, estão contentes com a sorte. E são mais numerosos do que se imagina. Sem embargo, além desses que estão pagando, satisfeitos, os erros do passado, há, outrossim, Espíritos de escol, que, podendo optar por encarnação com conforto material, preferiram destituir-se de todos os bens terrenos a fim de que possam dedicar maior atenção aos deveres espirituais. Conhecendo, de ciência própria, que a riqueza, além de tentações que arrastam ao charco das paixões, absorve muito tempo com insignificantes compromissos terrenos, esses Espíritos Superiores vivem felizes em plena penúria. Dentre outros, de menor envergadura, a História assinala dois vultos inconfundíveis – Buda e Jesus! Buda, apesar de riquíssimo, renunciou à fortuna e à posição social, e foi fazer “iniciação” entre eremitas, em perseguição da Verdade. Jesus já nasceu pobre e mais pobre ficou, com renúncia total dos bens materiais e inclusive do sexo, para multiplicar suas energias espirituais em favor da doutrina que ensinou, e da mediunidade que praticou! É provável que, para a maioria dos homens, a renúncia desses dois iluminados Instrutores da Humanidade possa parecer loucura. Todavia, ao formularem a deprimente conceituação, não se lembram de que foi a sublime loucura desses dois Espíritos Missionários que fez jorrar sobre o planeta o mais portentoso manancial de amor em favor da confraternização universal!

Discípulo – É verdade! Entretanto, confesso, envergonhado de mim mesmo, que até ao presente não havia valorizado a grandeza moral que se esconde na modéstia e na penúria dos Espíritos Missionários, que trocam todos os prazeres deste mundo por maior iluminação espiritual em favor da felicidade de seus semelhantes!

Mestre – Pois bem. Agora, que Você percebeu a beleza moral que pode ocultar-se na sombra da penúria, responda-me: se, de repente, por uma calamidade pública ou por tremendo cataclisma, Você viesse a ficar na miséria, como reagiria?

Discípulo – Confesso que me sinto perplexo. Nunca dediquei um minuto de meditação à eventualidade. Antes desta lição, ficaria revoltado contra o destino. Agora, não vejo motivo para julgar-me mais privilegiado do que outros irmãos, que, como eu, também são filhos de Deus. E como por esta lição, convenci-me de que Deus é Sábio, Justo e Bom, tudo que me pudesse acontecer só poderia ser para meu bem.

Mestre – Ora graças! Finalmente Você compreendeu não só a sua dependência de centenas de irmãos desconhecidos aos quais deve tudo que possui, inclusive o dinheiro que ganha, como entendeu que o dono de sua vida é Deus, por intermédio de seu Mentor. Portanto, doravante, ao sentar-se numa mesa de refeição, como essa, Você já sabe como orar, para não continuar a ser ingrato a Deus, ao seu Mentor e aos seus irmãos encarnados e, sobretudo, desencarnados que, a cada passo, o rodeiam aguardando oportunidade para ampará-lo nas lutas da vida terrena! E uma verdade é incontestável – tudo que Você possui, não é fruto apenas do seu trabalho – é, antes de tudo, resultado da proteção dos emissários de Jesus, especialmente de seu Mentor – dono de seu destino na presente encarnação. Nunca se esqueça, pois, que é pela telepatia da oração que Você se comunica e é amparado pelos seus verdadeiros Benfeitores!

Meditação e oração às refeições

Sentado à mesa, com fartura de alimentos, sinto-me na obrigação de agradecer a Deus. Agradecer porque tenho a ventura de trabalhar e a íntima satisfação de ver, no conforto que me rodeia, – casa, móveis, louças, talheres e alimentos – o produto do suor de meu rosto. Agradecer porque, seja por doença, seja por quaisquer outros motivos, há, no mundo, milhares de irmãos, tão amados por Deus quanto eu, que estão privados de trabalhar e, conseqüentemente, sofrendo humilhações e privações. Agradecer porque percebo, na organização do ambiente que me cerca – na construção da casa, na execução dos móveis, na confecção das louças e talheres e na produção dos alimentos – centenas de mãos invisíveis de incógnitos operários a se movimentarem dias e dias, meses e meses, para que, finalmente, um dia, eu viesse a desfrutar esse conforto e ter esta alimentação. Agradecer, ainda, porque, não fora a cooperação oculta de tantos operários desconhecidos, de nada me valeria o dinheiro, que ganho, porque nada encontraria para comprar – nem casa, nem móveis, nem louças e talheres, nem alimentos; e, com os bolsos cheios de ouro, morreria à mingua, famélico!

Permiti, pois, Senhor, que, após essa tomada de consciência, eu acrescento, aos agradecimentos que Vos faço, minha retribuição à colaboração desses irmãos desconhecidos, que trabalharam em meu benefício. Antes, porém, imploro ao meu Mentor – “dono” de meu destino na atual encarnação – a caridade de enviar-me os Protetores que me vão assistir, durante esta refeição, para garantirem a paz nesse ambiente e para impedirem que Espíritos de pouca evolução, que, por provação, estão torturados com sensação de fome e de sede, se aproximem desta mesa e na ilusão de se saciarem me capturem “fluidos vitais”, que, a eles nada aproveitarão, mas que a mim me farão falta no equilíbrio da saúde.

Protegido, agora, por amigos do Além, ofereço aos Mentores dos operários desconhecidos, a radiação de minha mediunidade emitida nesta prece, a fim de esses Mentores, momentaneamente mais “materializados”, possam, com maior facilidade, penetrar nos lares dos seus protegidos e doutriná-los durante o sono, confortando-os e orientando-os para a melhoria do padrão de vida, suavizando, assim, suas provações, se Deus o permitir. Caso contrário, não havendo merecimento para a sustação das

provações, que, ao menos, os seus Mentores lhes levem, com a radiação de minha oração, uma quota de fluidos vitais para o revigoramento da saúde, que é a riqueza do pobre, porque lhe garante o pão de cada dia.

Permiti, outrossim, Senhor Deus, que, antes de satisfazer o meu apetite, externe meus sentimentos de caridade em relação aos inúmeros irmãos que, no orbe inteiro, não têm, neste momento, uma cõdea de pão para mitigar a fome. Aprendi, no Espiritismo, e, agora estou aprendendo muito melhor no Neo-espiritismo, a interpretar, com lógica, os paradoxos de Vossa indefectível Justiça. Não ignoro, pois, Senhor, que, na Terra como no Espaço, cada um colhe o fruto da semente que plantou. Pressinto, portanto, que, em harmonia com a Lei de causalidade moral, que, independentemente da religião professada, rege o destino humano, o miserável de hoje, é, sem dúvida, o rico egoísta e usurário de outrora; e que o faminto, de agora, outro não é senão o tirano de anterior encarnação, que, por crueldade, matou muitos irmãos à fome! Compreendo, também, Senhor, graças ao Neo-espiritismo, que, como tudo o mais, as monstruosidades praticadas em anteriores encarnações são reparadas à custa de cruciantes provações, que expungem, do perispírito, as máculas dos crimes do passado, facilitando, assim, a felicidade, no futuro. Compreendo, também, Senhor, que, enquanto a humanidade permanecer indiferente ao postulado básico do ensino de Jesus – o amor a Deus e ao próximo – não serão extintas, nem neste, nem no outro mundo, compungentes provações purgativas. Todavia, Senhor, fiado em Vossa infinita misericórdia, eu Vos suplico em benefício dos irmãos desconhecidos que, por esse mundo afora, estão sendo flagelados pela miséria e morrendo de fome! Dai, Senhor, aos Mentores desses irmãos, submetidos, pelos erros do passado, a drásticas provações, as forças para que, vencendo todos os óbices, muitos dos quais criados por eles mesmos, os abnegados amigos do Além possam ampará-los, minorando-lhes os sofrimentos, conforme seus atuais merecimentos.

E, agora, permiti, meu Deus, que os Irmãos Superiores do Além, intérpretes de Vossa soberana Vontade, socorram, por intermédio dos respectivos Protetores, todos os irmãos que, revoltados com a morte, ou inconformados com a privação das sensações da vida carnal, tal qual ocorrem em todos os lares, permanecem estacionados neste ambiente doméstico, à espreita de oportunidades para detectarem radiações vitais dos moradores desta casa e, desta forma, sentirem, novamente, o paladar dos alimen-

tos, o prazer do cigarro e, durante a noite, por meio de sonhos libidinosos que provocam, as sensações sexuais. Que os Irmãos Socorristas do Além, com consentimento dos Mentores desses irmãos apegados à vida material, possam levá-los para planos de readaptação espiritual, onde, de acordo com seus merecimentos, encontrarão o roteiro da evolução – único que nos leva a todos nós à presença de Deus, que é a suprema felicidade!

Rogo, outrossim, aos Irmãos Superiores do Além em benefício dos Espíritos dos parentes, que, inconformados com a separação, insistem em permanecer no seio da família terrena, alheios à grande família do “outro mundo” e, isto, com grande prejuízo para todos – para mim e demais membros da família, porque, com as radiações mórbidas, e morbígenas, que, pelo apego à vida carnal conservam em seu corpo espiritual, podem transmitir-nos uma Espiritopatia com o quadro clínico das doenças que os vitimaram; e, quando não cheguem a prejudicar tanto, pelo menos transmitirão aos encarnados os reflexos da angústia em que vivem, com os sentimentos ligados aos problemas da família terrena e, no entanto, privados de comunicação, porquanto embora se encontrem na Terra, estão vivendo noutra faixa de vibrações, as vibrações do Além; e a eles próprios estão prejudicando, porque, agarrados aos parentes e roubando-lhes energias vitais, à maneira de vampiros, absorvem, cada dia mais, energias vitais que lhes tornam o perispírito mais material e, por conseqüência, não só sentirão sensações de prazer, como, sobretudo, os sintomas mórbidos dos derradeiros dias de vida material. Que os parentes, aqui presentes, não considerem como ato de expulsão, e sim como testemunho de sincera amizade, o pedido que, por esta oração, faço aos seus Mentores no sentido de mandar levá-los para as escolas doutrinárias do Além, onde não só encontrarão felicidade como se prepararão espiritualmente a fim de que, no futuro, possam voltar, com proveito, ao lar terreno, porque poderão orientar e soerguer moralmente os parentes que permaneceram enclausurados no corpo carnal.

Aos Protetores que aqui se encontram como emissários de meu Mentor, rogo, agora, a caridade de irradiarem com “fluidos” digestivos, os alimentos colocados sobre a mesa, a fim de que se me tornem facilmente assimiláveis, contribuindo para minha saúde.

E, ao terminar, imploro, humildemente, a Deus que recompense aos Mensageiros de Jesus, integrados no Neo-espiritismo, que, abnegadamente, atenderam à minha oração. E que, ao regressarem aos seus respectivos planos de trabalho, os seus

Mentores possam abonar a ascensão a um plano mais elevado, como prêmio do esforço empreendido nas tarefas que acabam de executar em proveito de muitos Espíritos, que, por ignorância ou imprevidência, estavam retardando a própria evolução e, por conseqüência, a própria felicidade!

Oração às refeições

Senhor Deus!

Muito vos agradeço a graça de ter o alimento para o meu corpo. Suplico-vos, também, o alimento para o meu espírito. Permiti, que neste momento, os Irmãos Superiores do Espaço enviem Mensageiros para me proteger e irradiar este alimento, a fim de que ele se torne facilmente assimilável, contribuindo para minha saúde. Rogo-vos, outrossim, em benefício dos irmãos desencarnados, que se encontram em meu lar carecendo do amparo espiritual. Que os Mensageiros do Bem, e, particularmente os Mentores Espirituais destes irmãos venham doutriná-los e conduzí-los para um plano de readaptação espiritual, onde, poderão encontrar a felicidade que, debalde, procurariam aqui, nesta casa. Muito ao contrário, absorvendo as emanções dos alimentos e, por conseguinte, materializando-se e prendendo-se a este plano de existência não poderiam tirar nenhum proveito, de vez que, já perderam o corpo carnal, instrumento indispensável à evolução por intermédio das experiências terrenas.

Rogo-vos, também, Senhor Deus, que recompenseis a todos os Bons Espíritos que, abnegadamente, atenderem minha oração. E permiti, Senhor, que a paz trazida pelos Mensageiros do Bem possa permanecer neste lar.

Oração para ambiente de trabalho

Senhor Deus:

No momento em que vou para minha repartição (banco, escritório, etc.) agradeço-vos de todo o coração, a oportunidade que me destes, de enriquecer meu Espírito pelo benefício do trabalho, suplico-vos a proteção de meu Mentor Espiritual para que eu possa cumprir, com alegria, meus deveres, a fim de agradar meus chefes. E, se por ventura, me for dado algum encargo para o qual não tenho habilidades que meu Mentor me ampare, enviando um Mensageiro que esteja em condições de me orientar no desempenho de tais tarefas.

Rogo-vos também, em benefício dos Mentores Espirituais de todos os meus companheiros de trabalho; que eles sejam, como eu, protegidos no cumprimento de seus deveres e que possam tirar mais do que o proveito material, o progresso espiritual nas funções que lhes pertencem. Rogo-vos sobretudo, Senhor Deus, que os meus colegas sintam por mim a mesma simpatia que desejo, sentir por eles, a fim de que, no ambiente de nosso trabalho haja fraternidade, progresso e paz espiritual.

Assim permita Deus!

Oração ao chegar no trabalho

Rogo aos Irmãos Superiores do Espaço, e, particularmente ao meu Mentor, a caridade de enviar um Mensageiro que me possa proteger durante o tempo que vou permanecer nesta repartição (banco, escola etc.), a fim de que eu não venha a ser prejudicado pela interferência de nenhum irmão mal intencionado, esteja ele encarnado ou desencarnado. Rogo, também, aos Irmãos Superiores do Espaço, a caridade de enviarem Mensageiros Socorristas para ampararem os irmãos desencarnados que, por ventura permaneçam estacionados neste ambiente.

Que amparados nas Graças de Deus, os Irmãos Socorristas do Além, ajudem estes irmãos que a despeito de não possuírem mais o corpo carnal, estão apegados ao plano terreno, levando-os para um plano de readaptação espiritual, onde terão oportunidade de compreenderem sua verdadeira situação, sendo depois, encaminhados a um setor de trabalho espiritual, no qual encontrarão oportunidade de se aperfeiçoarem, para merecerem a felicidade que desejam.

Que Deus recompense a todos os Bons Espíritos que atenderem minha oração.

Assim permita Deus!

Oração para proteção no trabalho de jardinagem

Ao chegar neste jardim, precioso repositório de fluidos vitais vegetais, que constituem patrimônio do Mundo Espiritual, imploro, respeitosamente, aos Irmãos Superiores do Espaço – executores da Vontade de Deus – em benefício dos Espíritos que foram destacados para trabalhar nos gramados, nas plantas e nas flores deste jardim; e faço votos que esses Irmãos sejam, sempre, humildes e obedientes, para merecerem a proteção de seus Mentores na realização das tarefas que lhes couberam, pois, cumpridas as ordens, certamente serão conduzidos a melhores planos espirituais, onde poderão encontrar, se a tanto fizerem jus, os amigos e parentes, que, verdadeiramente, amaram, durante a vida terrena.

Rogo, também, aos Irmãos Superiores do Espaço por todos os Espíritos que, à maneira dos doentes encarnados, aqui se encontram em tratamento dos sofrimentos que continuam a atormentá-los, como se no corpo carnal ainda se encontrassem. Cercados por ambiente com a mesma aparência dos hospitais terrenos, e recebendo, por interseção de seus Mentores, as radiações do corpo espiritual dos amigos que por eles rezam sob a forma de medicamentos que se lhes dão a ingerir, permanecem na ilusão de que estão ainda encarnados, e sem preparo psicológico para conhecerem, por enquanto, toda a verdade. Que o meu Mentor, dono do meu destino, me permita, com essa oração, ofertar aos Mentores desses Espíritos, uma quota da radiação de meu campo mediúnic, a fim de que, os Espíritos-enfermeiros, que, bondosamente, os assistem, possam aliviá-los, com a impressão de ingestão de medicamentos sedativos. E renovo os votos das orações que diariamente lhes dedico, desejando sinceramente que, no estágio feito neste jardim, os seus Protetores, à guisa do que ocorreu com o Espírito Jeová, no Monte Tabor, consigam recompor-lhes o corpo espiritual com fluidos vitais dos vegetais, suprimindo, assim, os fluidos vitais que, por imprevidência, esbanjaram na vida terrena, razão por que, não puderam ser conduzidos, logo após a morte, para outros planos espirituais, onde já teriam compreendido sua posição diante da Justiça Divina e, ao mesmo passo, aprendido como prosseguir no eterno roteiro do auto-aperfeiçoamento, em busca da suprema felicidade.

E, agora, ao iniciar minhas atividades, forçado a arrancar plantas daninhas e a podar galhos inúteis, suplico ao meu Mentor a proteção de um Espírito que, na vida terrena, fora jardineiro, a fim de que seja intuitivamente orientado na maneira de melhorar este jardim, sem ser atingido pelas vibrações negativas dos Espíritos, que aqui estão trabalhando, e que, por não entenderem as razões, se revoltam contra quem lhes tira qualquer fonte de fluido vital por mais insignificante que se nos afigure a planta ou o galho arrancados. Escolhido por meu Mentor, confio plenamente no Protetor-jardineiro e certo estou de que ele não me deixará ser atingido pelas vibrações de ódio, nem permitirá a captação de meus fluidos vitais por parte de algum Espírito perverso, que, por inveja ou despeito de alguém, haja sido mandado contra mim; e que, no momento, para evitar injusta vindita, os Protetores africanos enviados em meu socorro, por meu Mentor, sem que eu o suspeitasse, para não lhe inflingir pior castigo, "amarraram-no", hipnoticamente, ao fluido vital de alguma planta de meu jardim. Se isso, de fato, ocorreu, como é muito comum, perdo-o de coração ao involuntário inimigo e desejo que, com ajuda de seu Mentor, consiga melhorar seus sentimentos, a fim de que possa ser solto pelos Protetores africanos, que o prenderam, para evitar cometesse injusta vingança, contra mim ou contra membros inocentes de minha família, vingança, aliás, que, no futuro, agravaria suas provas, recrudescendo seus sofrimentos.

Agradecimento (após a jardinagem)

Meus irmãos:

Terminadas as tarefas que, para satisfação íntima, vim realizar, quero agradecer-vos o trabalho que vindes realizando nas plantas deste jardim, por determinação de vossos superiores. Faço votos que, em proveito de vosso progresso espiritual, acateis, com humildade, as ordens de vossos Mentores, executando cada dia com maior perfeição o vosso trabalho, a fim de que as plantas se tornem cada vez mais viçosas (viridentes) e as flores cada dia mais lindas e mais perfumadas. Prometo-vos que não colherei as flores, nem consentirei que as colham, porque, como neo-espírita, não desconheço o valor espiritual, que, por seus perfumes, possuem as flores, enquanto conservadas nos canteiros. Por isso mesmo, meus irmãos, tudo aquilo que, em grande parte é fruto do vosso trabalho na ativação das leis que regem a fisiologia vegetal, aqui ficará à disposição dos Espíritos curadores, que, com perfumes, aliviam muitos sofrimentos de criaturas encarnadas e desencarnadas. Como sempre fiz, dentre outros motivos porque é muito provável que, dentre vós, estejam entes queridos, quiçá, diletos parentes, continuarei a orar por todos vós, com arraigada convicção de que à medida que fordes cumprindo vossas tarefas, com lapidação de vossos Espíritos, sereis substituídos por outros, e encaminhados a planos mais felizes. Nada obstante, urge que façais também a vossa parte, implorando ajuda de vossos Mentores para maior aprimoramento de vosso Espírito.

E a vós, Protetor-jardineiro, que viestes por intermédio de meu Mentor – árbitro de meu destino na atual encarnação – desejo manifestar-vos a minha gratidão, não só pelas valiosas orientações, que, intuitivamente, me destes em matéria de jardinagem; como a indispensável proteção que, de vós, recebi, com a finalidade de poupar-me fluidos vitais, úteis à saúde, que, fatalmente, seriam captados, pelos Espíritos, que aqui se encontram, em processo de recomposição do corpo espiritual com fluidos vitais vegetais, fato que me provocaria, ao fim de pouco tempo, grande estafa, dificultando-me o trabalho que estava efetuando. Agora, prestes a retornardes ao vosso plano espiritual, rogo aos Irmãos Superiores do Espaço que vos recompensem pela proteção que me destes e quero que saibais que estou disposto, por minha vez, a ajudar a vossa evolução, servindo-vos, como “médium em trabalho” para que cumprais as horas de trabalho que, como jardineiro profis-

sional, deixastes de cumprir na vossa encarnação terrena. Dessa forma, o auxílio será mútuo: eu vos ajudarei a resgatar uma dívida para conquistar melhor plano espiritual; vós ajudar-me-eis, porque me inspirareis no trabalho de jardinagem e proteger-me-eis do assédio de Espíritos que me poderiam roubar fluidos vitais; e, também, dos micróbios mortíferos que abundam nos canteiros estrumados. E, juntos, prosseguiremos, enquanto os nossos Mentores o permitirem e ambos desejarmos.

Para obter proteção na cozinha

Quando a humanidade houver conquistado maior aperfeiçoamento espiritual e merecer mais paz nos lares e melhor saúde para as famílias, a cozinha, até agora menosprezada e situada nos fundos da casa, entregue, além disso, a criaturas ignorantes, será construída com o máximo rigor e técnica e cuidada com esmero de Laboratório. Situada junto à sala de refeição, em local de destaque, ficará aos cuidados de profissionais dotadas de instrução correspondente à do curso científico e deverá aliar, à perícia na arte culinária, sólidas noções dos princípios fundamentais da Nutrologia e da Dietologia.

Isso não significa, minha irmã, que, no futuro, se deva viver para comer ao invés de comer para viver. Ao contrário, mais espiritualizada a humanidade, a quota alimentar e a espécie de alimentos serão cientificamente controlados e restritamente limitados às necessidades do organismo. Sem embargo, força é reconhecer, minha irmã, a enorme importância da cozinha na preservação e conservação da saúde e da paz dentro dos lares. Da saúde porque, com alimentos inadequados ou mal preparados, não há saúde duradoura; da paz, porque, dada a incalculável significação dos "fluidos" dos alimentos para determinada categoria de Espíritos, a cozinha é foco de atração para graves distúrbios dentro dos lares.

Por isso mesmo, futuramente, as cozinheiras deverão ser instruídas, também, no que concerne à permanente convivência dos "mortos" com os "vivos" e ao mecanismo de intercomunicação dos habitantes do "outro mundo" com os habitantes "deste mundo", a fim de aprender a defender os "fluidos" dos alimentos, e de defender-se, também, contra a atuação dos Espíritos caçadores de fluidos, que invadem as cozinhas espiritualmente desprotegidas. Claro que para lograr eficiente proteção, nas diversas conjunturas que se lhes antolhem, a profissional ou a dona de casa, que cozinha, deverão saber orar – coisa que, até hoje, pouca gente sabe.

Infelizmente, minha irmã, esse ideal, por enquanto, é remota quimera. Todavia, se Você, minha irmã, cozinha, lucrará muitíssimo com os ensinamentos que o Neo-espiritismo lhe oferece. Aplicados, facilitar-lhe-ão o trabalho e poupar-lhe-ão valiosos fluidos vitais, de tal sorte que, ao fim do dia, ao terminar

o árduo labor culinário, Você, minha irmã, com surpresa, sentir-se-á tão bem disposta como se, em vez de trabalhar, houvesse se divertido!

1. A cozinha, como todo local onde há alimentos, é o ponto vulnerável para Espíritos de incipiente evolução, sofredores uns, obsessores outros, todos rebeldes ao auto-aperfeiçoamento e revoltados contra a Justiça de Deus, que não querem ou não puderam compreender. Materialistas, inconformados com a morte, que lhes roubou o corpo carnal e os prazeres com ele correlacionados, lutam furiosamente pela conquista de fluidos vitais, que integrados no “corpo espiritual” ou, com maior precisão, no perispírito, lhes dão perfeita sensação de vida material – além de outras, conservam as sensações de sede e de fome. De resto, como não tiveram ou não sentiram, intimamente, a religião que aparentavam praticar, e como, desencarnados, não rezam nem pedem socorro espiritual, não possuem, no perispírito, as energias espirituais que favorecem, nos Espíritos mais evoluídos, a volitação. Portanto, não poderiam deslocar-se de um local para outro, se não captassem, das fontes da natureza, as energias necessárias à volitação. Ainda mais – quando desgastam as energias que conseguiram captar, sentem-se enfraquecidos, incapazes de voitar; ao passo que, reconquistando nova quota de fluidos, têm a impressão do moribundo que, estando a esvaír de hemorragia, recebe transfusão de sangue. Aliás, não é por outro motivo que os Espíritos de alguns Terreiros exigem do Pai-de-Santo, para realizar os seus desejos, sacrifícios de animais “de duas ou de quatro patas” ou despachos “de tudo que a boca come”. E quando não há nem hecatombes, nem despachos, o recurso é roubar fluidos vitais de criaturas irritadas propositadamente, cuja vibração perispiritual é de fácil sintonização com a desses Espíritos. Daí a freqüência com que tais Espíritos provocam discórdias e brigas, que privam de paz os lares por eles freqüentados. Ora, a cozinha, com ser farto manancial de “fluidos vitais” é, em regra, freqüentada por duas espécies de Espíritos – os que preferem alimentos deteriorados, cujas emanções se afinam com as deles, como os de “linha de cemitério”; e os que, mais evoluídos, escolhem alimentos bem conservados. Os primeiros, invadem as cozinhas ao despertar da alvorada, à cata de sobejos de alimentos, já fermentados ou apodrecidos e, por isso, não desprezam a lata de lixo, se estiver mal tampada. Quase todos

são Espíritos maus, vingativos, de quimbanda. Muitos foram escravos, cruelmente arrancados da gleba natal e massacrados na servidão de nossa Pátria; outros, criminosos ou, o que foi pior, pretensos criminosos, injustiçados nas penalidades e torturados nas penitenciárias, de modo que, ao invés de recuperá-los, a justiça, por sua iniquidade e crueldade, transformou criaturas humanas em feras temíveis, que, desencarnadas, atuam como implacáveis verdugos invisíveis, contra a sociedade que os aniquilou. Como vê, minha irmã, a maldade dos homens, qual pena de talião, reverte contra a humanidade, agravando-lhe os sofrimentos. E, enquanto houver injustiçados, haverá represálias póstumas, com terríveis vinganças de origem invisível. Obstinaos em seus intentos, indiferentes à oração, insensíveis aos apelos doutrinários, descrentes de Deus e revoltados contra a justiça da Terra, esses Espíritos repelem toda sugestão no sentido de mudarem de comportamento: querem “fluidos” para ter liberdade de volitação e forças para prosseguirem na vingança indeterminada. Para neutralizar-lhes a ação malfazeja, somente os Protetores de origem africana, que, em virtude de haverem incidido, no passado, nos mesmos erros, completam, agora, o tempo de resgate, protegendo a sociedade, que castigaram por vingança. E, para evitar-lhes o perigoso assédio, há, apenas, um recurso – policiar a consciência, fiscalizar os sentimentos, para que, num momento de descuido, dando pasto à besta, que dorme em todos nós, não haja sintonização com os sentimentos de Espíritos de tão baixo nível evolutivo. Orar para eles, enquanto não desejam correção, é caridade inócua e perigosa – inócua porque a eles nada aproveita; perigosa para quem reza, porque, se não houver imediata intervenção de Protetores, firmará um laço magnético com Espíritos degradados e vingativos. Exceção feita para a proteção dos Irmãos africanos, o melhor recurso para impedir os males que podem causar é seguir o exemplo do Mestre Jesus no momento de perigo, quando estava iminente sua injustíssima prisão, no horto de Getsêmani – orar e vigiar. Vigiar, para não fraquejar nos sentimentos; orar para obter proteção.

Todavia, no que toca aos Espíritos sofredores, mas não propriamente perversos, que, famintos, invadem as cozinhas, posto que, em regra, não aceitaram, durante a vida terrena, nenhuma religião, não são de todo em todo infensos à oração

e podem lucrar com as preces, desde que dirigidas diretamente aos seus Mentores, que, diante da Justiça Divina, são donos de seus destinos. Mas, de toda maneira, a oração da cozinheira deverá ser precedida da evocação dos Protetores africanos, sempre eficientes, quando se trata de Espíritos caçadores de fluidos.

2. Como se infere, minha irmã, o primeiro cuidado para evitar a presença dos Espíritos caçadores de fluidos, consiste em jamais deixar, na cozinha, louças ou talheres sujos, não conservar, nas vestes, detritos de alimentos e, muito menos, esquecer a lata de lixo destampada. Evitar tudo, enfim, que, pelas emanções dos fluidos, possa servir de ponto de referência a Espíritos desse padrão – Espíritos que não se limitam a captar fluidos de alimentos conservados ou deteriorados: surripiam, também, sempre que podem, fluidos vitais da cozinheira, os quais, por serem humanos, lhes asseguram mais perfeita sensação de possuírem corpo carnal, instrumento de prazeres que não esqueceram. E o pior é que, quando a cozinheira, ao entrar na cozinha, não reza e está desprotegida, ao roubar-lhe fluidos vitais, os caçadores de fluidos estabelecem com ela perigoso “rapport”, mediante o qual podem, com maior facilidade, espoliar-lhe energias vitais necessárias à saúde.

É exatamente por causa dessa espoliação de fluidos vitais que as cozinheiras improvisadas por força das circunstâncias, sentem enorme estafa no trabalho da cozinha; fato que não ocorre com as profissionais, porque essas, ao reencarnarem, recebem, no perispírito, uma radiação protetora que lhes garante maior resistência ao agressivo ambiente da cozinha. Contudo, com os ensinamentos do Neo-Espiritismo, qualquer pessoa poderá adquirir grande facilidade de cozinhar, sem esgotar-se no trabalho. Basta conhecer o Mundo Espiritual que envolve a atmosfera da cozinha para saber controlá-lo por meio de orações adequadas, partidas do imo do coração.

3. Outra dedução fácil de tirar é que, ao entrar na cozinha, a cozinheira deverá estar de roupa rigorosamente limpa, sem manchas, respingos ou detritos de alimentos – detritos, respingos e manchas, que, pelas emanções fluídicas emitidas, favorecem a atuação dos Espíritos caçadores de fluidos. Por outro lado, terminadas as tarefas culinárias, a cozinheira, se não quiser continuar abordada por Espíritos de pouca evolução, que, por provação, permanecem, no Além, com fome, e sempre em busca de alimentos, deverá tomar banho,

de preferência de chuveiro, porque é imprescindível que lave os cabelos, onde ficam retidos muitos fluidos prejudiciais, absorvidos dos alimentos, máxime durante os refogados. Além disso, a roupa usada não poderá ser utilizada senão depois de novamente lavada. No quarto de dormir, a roupa usada na cozinha, daria aos Espíritos caçadores de fluidos ótima oportunidade de “firmarem um ponto”, para roubarem fluidos vitais à cozinheira adormecida. E como as emoções, particularmente o medo, provocam grande perda de fluidos, não hesitariam em provocar, na adormecida, terríveis quadros hipnóticos, por sugestão telepática, traduzidos em forma de apavorantes pesadelos. Donde se colhe que, para melhor proteção da cozinheira, é de suma importância não só a limpeza do ambiente de trabalho como a higiene corporal da profissional. Além disso, para impedir possível sintonização de sentimentos com Espíritos vingativos, quimbandeiros, a cozinheira deverá manter-se emocionalmente bem equilibrada, evitando enraivecer-se e repelindo todo pensamento negativo. Irritada ou deprimida, a cozinheira torna-se presa de Espíritos perversos, que, para acirrar discussões e ódios, não hesitarão em desorientá-la a ponto de errar na confecção do cardápio, de salgar em demasia certos pratos e deixar outros insulsos, de queimar refogados e alimentos quase prontos e, se não tomar cuidado, queimar-se-á, também, com gordura fervente ou com fogo. E o pior é que, se a cozinheira não souber orar e dentre os Espíritos, que lhe freqüentam a cozinha, houver algum que a ela se una em demorada atuação, o resultado será uma Espiritopatia, doença proteiforme, que zomba da terapêutica médica, e não se deixa debelar senão pela força espiritual de criaturas dotadas de reta consciência e de coração puro, com prestígio perante os Espíritos Protetores da humanidade.

4. Para livrar-se da presença de temíveis Espíritos vingativos, a cozinheira, ao entrar na cozinha, deverá orar, pedindo ao seu Mentor, responsável por seu destino, que lhe dê proteção de Espíritos de negros, africanos ou brasileiros, com iniciação em cultos africanos – os únicos que, no Brasil, por imperativos históricos, possuem conhecimentos e força espiritual para neutralizarem a atuação de Espíritos de “terreiros”, consagrados ao mal. Com a proteção desses Irmãos africanos, os caçadores de fluidos serão expulsos da cozinha e mantidos à distância durante todo o tempo em que a cozinheira está a

trabalhar. Talvez, minha irmã, a Você se lhe afigure falta de caridade essa expulsão compulsória. Todavia, Você deve atentar no fato de que esses Espíritos não desejam evolução – disputam a continuação das sensações da vida carnal, mediante absorção perispiritual de fluidos vitais, extraídos dos homens, dos animais e dos vegetais. De resto, gargalham da reza e revoltam-se contra os que querem ajudar no roteiro do aperfeiçoamento espiritual. Nessas condições, não há como ampará-los. Somente o sofrimento, com o tempo, os corrigirá. E, por enquanto o melhor antídoto contra a atuação matinal desses indesejáveis invasores das cozinhas, ainda é a higiene. Encontrando sempre, limpeza rigorosa, sem sobejos de alimentos, ao fim de sistemáticas visitas, com sucessivas decepções, eles próprios desistem voluntariamente da investida à cozinha bem cuidada, onde nada encontram que lhes satisfaçam às intenções. Barganham, pois, a cozinha higiênica e protegida pela oração, por outra, de cozinheira desleixada, sem defesa, por falta de oração.

Contudo, independentemente desses indesejáveis visitantes matinais, a cozinha, durante o dia, continua a ser assediada por Espíritos perigosos, que aguardam oportunidade para penetrar na casa. Dentre outros motivos, porque, na cozinha há também o fogo, que, para Espíritos atrasados, que, nos “terreiros” trabalham com “fluidos” captados da pólvora queimada, é manancial de energia para “pontos de fogo”, que, feitos, invisivelmente, dentro da cozinha contribuem, para constantes queimas de refogados e de alimentos, agravadas, não raro, com graves queimaduras da cozinheira. Há, também, carnes diversas, que, pelo sangue nelas contido, são reservatórios de fluidos vitais procurados por Espíritos vampiros, isto é, que preferem os fluidos vitais do sangue e que, muitas vezes provocam brigas e assassinatos com “privação dos sentidos”. Por outro lado, se houve, na casa, abatimento de aves, as penas retêm muitos fluidos e, por isso, são procuradas por Espíritos atrasados, para trabalhos de magia. Enfim, o ambiente da cozinha, pela categoria de Espíritos que atraindo, exige cuidados higiênicos e elevação espiritual da cozinheira. O sangue por exemplo, deverá ser guardado em recipiente hermeticamente fechado; e as penas, embrulhadas, à medida que a ave vai sendo depenada, de modo que nem um nem outra fiquem expostos e acessíveis à investida de Espíritos vampiros ou feiticeiros. Tomadas todas precauções e medidas de higiene, feita a oração com invocação dos Espíritos africanos

e de iniciação em culto africano, que deverão permanecer, de guarda, às entradas da cozinha, a cozinheira deverá orar, novamente, pedindo ao seu Mentor, que lhe envie o Espírito que a protege na arte culinária. Quase sempre, é amigo ou parente de anterior encarnação; e sempre é um Espírito que se considerou fracassado como cozinheiro ou cozinheira, mais provável como cozinheira do que como cozinheiro, porquanto a regra é que, em se tratando de mulher, a proteção provenha de outra mulher, embora haja exceções. Mas protetor ou protetora, o que importa é que o Espírito encontre na cozinheira desejo de receber a proteção e confiança para realizar as sugestões telepáticas que lhe dá para o bom êxito de sua missão e o sucesso profissional da cozinheira. Ora, minha irmã, cozinhar dessa maneira, com cozinha materialmente limpa e espiritualmente protegida, é garantia para fazer alimentos saborosos, com os fluidos originais e, portanto, muito mais nutritivos; e, para a cozinheira, é grande prêmio, porquanto, além de não perder fluidos e permanecer descansada, é oportunidade de ajudar a evolução do Espírito que a assiste na arte culinária e de receber de quantos comem os alimentos, vibrações de simpatia, que a aliviarão nas provações terrenas e aumentarão o galardão no Mundo da Realidade.

Oração para obter proteção na cozinha

1. Ao entrar na cozinha de meu lar, com a importante missão de preparar a alimentação para minha família – fonte de saúde e de vida para todos desta casa – imploro aos Irmãos Superiores do Espaço e particularmente, aos Mestres dos planos espirituais da África, a caridade de me enviarem uma equipe de Espíritos de negros africanos ou de negros brasileiros iniciados nos cultos africanos, dotados de conhecimentos e de recursos não só para proteger-me como para afastarem, desse ambiente, os Espíritos rebeldes à espiritualização, que, desde a alvorada, invadem as cozinhas, em busca de fluidos vitais e de emanções de alimentos, no intuito de fortalecerem o corpo espiritual e, mais materializados, poderem atuar, prejudicialmente, no plano terreno, do qual não desejam desligar-se.

Aos protetores africanos evocados rogo a caridade de permanecerem, em guarda, nas entradas desta cozinha, de modo a impedir que Espíritos caçadores de fluidos aqui penetrem: seja para roubar energia no fogo do fogão, visando a realização de maldades com “pontos de fogo”, com risco de me queimarem, também, pelo sádico prazer de vingança; seja para retirar fluido vital do sangue e das penas das aves abatidas, apegados que estão ainda a bárbaros rituais de magia negra; seja para captar as emanções dos legumes e verduras destinados à alimentação, com prejuízo do valor nutritivo, movidos pelo desejo de tornarem-se mais “materiais” para maior atuação na perturbação das criaturas encarnadas.

É agora, protegida pelos Irmãos africanos, intimo, em nome de Deus, aos Espíritos caçadores de fluidos, que, porventura, hajam penetrado nesta cozinha, que se retirem imediatamente; pois, neste local, rigorosamente limpo e com todos os alimentos resguardados, jamais encontrarão fluidos vitais, animais ou vegetais, para condensarem o corpo espiritual e, dessa maneira, atuarem, com maior eficiência, sobre os médiuns invigilantes, quaisquer que sejam suas crenças. E já que não desejam evolução, nem aceitam oração, preferindo a disputa pelos fluidos que lhes asseguram as sensações da vida carnal, que perderam, que busquem, noutros lares, com cozinheiras desleixadas, os fluidos que procuram. Caso

contrário, os Protetores africanos, aqui presentes, empregarão os recursos que possuem, para afastá-los incontinentemente!

Imploro a proteção de meu Mentor – a fim de que possa trabalhar com tranqüilidade, não me deixando irritar com pessoa alguma que venha à cozinha, para não ser atingida, em respostas às más vibrações por mim mesma emitidas, pelo pensamento de Espíritos infensos ao Bem, que perambulam por toda parte, à procura de oportunidades para captarem os fluidos humanos, os mais preciosos, porque lhes dão o que eles mais desejam – as sensações da vida carnal.

Rogo, também, ao meu Mentor a caridade de permitir que o Espírito da ex-cozinheira que ele, de acordo com afinidades de vidas anteriores, destacou para proteger-me, na atividade culinária, venha, agora, em minha ajuda, inspirando-me na confecção dos pratos, em proveito da saúde dos que vão consumi-los. E, permita Deus, que mutuamente nos possamos ajudar: ela, dando-me a orientação do cardápio e a proteção para que não perca fluidos, e, desse modo, não me canse no trabalho, ao contrário, ao terminar minhas tarefas, me sinta mais bem disposta do que quando as iniciei; eu, dando-lhe oportunidade de, pela assistência que me dê, na arte culinária, resgatar, perante o mundo espiritual, a dívida do trabalho que, por quaisquer motivos, deixou de realizar na anterior encarnação, pois, se não fosse devedora, não ficaria sujeita a proteger-me na profissão que teve, mas, de toda forma, estamos trabalhando juntas, para progredirmos pelo mútuo auxílio que nos dermos.

E, para proteção dos alimentos e maior facilidade de assimilação pelo organismo dos que vão consumi-los, rogo aos Protetores africanos, que continuam presentes, redobrem a vigilância, na ocasião dos refogados, não deixando que Espíritos rebeldes à evolução e, por isso mesmo, torturados pela sensação de fome, invadam essa cozinha atraídos pelos odores emanados e se apropriem dos princípios voláteis desprendidos, e por desprender, pois, com isso, não saciariam a fome que os castiga e prejudicariam os que, na vida terrena, necessitam desses alimentos, de vez que, embora fartamente condimentados e caprichosamente refogados, tornar-se-iam insulsos, de desagradável sabor, dificultando a digestão e, portanto, alterando a saúde.

2. Agradeço, antecipadamente, aos Irmãos Superiores do Espaço – executores da Vontade de Deus –, ao meu Mentor – árbitro de meu destino, na presente encarnação – a todos os

Protetores negros, que garantiram a paz e protegeram o ambiente de meu trabalho culinário, não só para que eu pudesse cumprir, com tranquilidade, alegria e inspiração os deveres que me competem, como para que não fosse atingida, no perigoso ambiente duma cozinha, pelo pensamento de Espíritos vingativos repelidos, como indesejáveis, e à Protetora-cozinheira, que me poupou, com sua proteção, a perda de fluidos vitais, importantes para minha saúde, como ainda me dará muitos fluidos para que, ao terminar, esteja tão bem disposta quanto me encontro agora. Desejo, de todo coração, que esses Protetores tenham uma evolução cada vez mais feliz e mais gloriosa, sob o comando supremo do Mestre dos Mestres – JESUS!

Proteção para varrer e tirar a poeira da casa

Antes de principiar a varrer a casa e a espanar os móveis, suplico aos Irmãos Superiores do Espaço e, particularmente, aos Irmãos Superiores que dirigem os planos espirituais da África, a caridade de enviarem uma equipe de Espíritos de negros africanos ou de negros brasileiros com iniciação em cultos africanos, que me possam proteger e afastar de meu lar os Espíritos rebeldes à evolução, que invadem as casas à procura de fluidos e, principalmente, de fluidos vitais, que os tornem mais materializados, dando-lhes as sensações carnis, de que não desejam renunciar, a despeito de haverem perdido o corpo físico. (Concentrar-se 2 minutos nos Protetores africanos, dando-lhes tempo de chegar).

Rogo aos Protetores Africanos, que tiveram a bondade de atender-me, que me dêem sua valiosa assistência durante a varrição da casa e a limpeza dos móveis a fim de que, em represália, os Espíritos que utilizam as energias absorvidas pela poeira, não me roubem fluidos vitais necessários ao equilíbrio do organismo; e, também, para que eu não seja, de forma alguma, prejudicada pelo pensamento de vingança dos Espíritos caçadores de fluidos, que valorizam a poeira dos lares, porque, nela, encontram não só fluidos vitais, como vibrações dos pensamentos e dos sentimentos dos habitantes da casa, razão por que Espíritos de “terreiro” empregam a poeira da casa em “despachos” e “trabalhos”, que tanto podem ser para o bem como para o mal dos moradores.

E, uma vez que tais Espíritos, paradoxalmente, não desejam vida espiritual, nem aceitam as súplicas das orações dos parentes e amigos encarnados, preferindo permanecer, a despeito de estarem despojados do corpo carnal, na inglória disputa pelos fluidos condensados, que lhes dão as sensações da vida terrena, eu ofereço aos seus Mentores, nas vibrações caritativas desta oração, uma partícula de minha vida, representada pelo fluido vital de meu campo mediúnico, a fim de que, mais uma vez, com a nova força que meu fluido vital lhes dará, possam tentar soerguer os seus protegidos, completamente desviados do caminho do progresso espiritual – único que dá a verdadeira felicidade.

Imploro, agora, ao meu Mentor – árbitro de meu destino – que me ampare no cumprimento desse dever de dona de casa, enviando-me a Protetora-arrumadeira, por ele mesmo escolhida, para

proteger-me nos trabalhos de limpeza da casa, a fim de que o serviço se me torne agradável e, sem perda de fluidos, para não me sentir cansada. Juntas, eu e ela, mutuamente nos ajudaremos para maior progresso espiritual de nós ambas – dela, porque trabalhando comigo, ressarcirá a “dívida de trabalho” que contraiu, em vida anterior, certamente porque desconhecia que as horas roubadas ao trabalho, na vida terrena, terão de ser completadas aqui mesmo, mediante participação nos trabalhos deste mundo, antes que o Espírito possa galgar melhores planos espirituais; de mim, porque, não havendo até hoje praticado a mediunidade como aparelho de Espíritos Instrutores, estou funcionando, agora, compulsoriamente, como médium de uma Irmã faltosa, compelida pela necessidade do trabalho doméstico e muito grata ao meu Mentor que, com a proteção da ex-arrumadeira, me dá oportunidade de exercer “mediunidade pelo trabalho”, pois, se por um lado ela me protege e me recompõe o corpo espiritual, por outro ganha fluidos vitais que se me desprendem do organismo nas contrações musculares e na movimentação do próprio trabalho. E nessa barganha de fluidos, consolidar-se-á a nossa mútua gratidão, estabelecendo afinidade em futuras encarnações.

Agradeço, antecipadamente, aos Irmãos Superiores do Espaço – executores da Vontade de Deus; ao meu Mentor – dono de meu destino; aos Protetores negros e à Protetora-arrumadeira, a todos os Espíritos, enfim, que abnegadamente atenderam à minha oração e vieram ao meu encontro para proteger não só a mim, que vou limpar a casa, como às demais pessoas que habitam este lar e cujos fluidos vitais, depositados nas poeiras desse ambiente, poderiam constituir fator de prejuízo e de sofrimentos, se, porventura, fossem surripiados pelos Espíritos caçadores de fluidos. Que Jesus, o Mestre dos Mestres, recompense a todos os Protetores evocados, por tudo que fizerem em benefício dos moradores desta casa; e que, amparada por meu Mentor, eu possa conservá-la, sempre, rigorosamente limpa, sem dar campo aos Espíritos, que exploram, para fins indesejáveis, os fluidos existentes nas poeiras da moradia.

Proteção para lavar roupa

No momento em que devo abeirar-me do tanque para lavar a roupa da família, imploro aos Irmãos Superiores do Espaço – executores da Vontade de Deus – e, particularmente, aos Irmãos Superiores que dirigem os planos espirituais da África, a caridade de me enviarem a proteção de uma equipe de Espíritos de negros africanos ou de negros brasileiros, com iniciação nos cultos africanos, para me ampararem e defenderem os fluidos vitais, expelidos com o suor e fixados nos tecidos das diversas peças de roupa, sujas.

Rogo, por caridade, aos Protetores negros evocados que afastem deste tanque os Espíritos rebeldes à evolução e, não raro, dedicados à magia negra, que lutam para se apropriarem dos fluidos dos donos das roupas usadas com a finalidade de, sintonizados com as vibrações desses fluidos, poderem atuar, com maior domínio, sobre suas vítimas, inocentes, que nem de leve suspeitam do perigo, que correm, quando suas roupas, suadas, são abandonadas ao relento.

Imploro, também, a proteção de meu Mentor, – árbitro de meu destino, na presente encarnação, – e a caridade de me amparar nessa espinhosa tarefa, enviando-me o Espírito da lavadeira que, por afinidade de anterior encarnação, ou por displicência no cumprimento das horas de trabalho que, em anterior existência, deveria ter consagrado à lavagem de roupa, assumiu o compromisso de proteger-me e ajudar-me nessa espécie de trabalho, tornando-o agradável e sem cansaço, porque, à medida que me orienta, recompõe os fluidos perdidos no esforço muscular, de tal sorte que, ao terminar, estarei mais bem disposta do que antes de principiar. Seja, pois, bem-vinda, com consentimento de meu Mentor, a Protetora-lavadeira, a fim de que trabalheemos juntas para o progresso de nossos Espíritos – ela, porque resgatará a dívida que levou da Terra, razão porque teve sua elevação barrada pela Justiça Divina; eu, porque, não havendo desenvolvido minha mediunidade, com simultâneo aprimoramento de meu Espírito, para tornar-me instrumento dos Mensageiros de Jesus, aproveito a oportunidade para servir de médium, no trabalho da lavagem de roupa, permutando fluidos de minha mediunidade com a Protetora carecente de resgate, para sua maior elevação espiritual. E que, em troca dos fluidos vitais que lhe dou, ela, juntamente com os Irmãos africanos evocados, recomponham meu corpo

espiritual – fonte da vida – retemperando-me as energias para as lides do resto do dia.

Antecipadamente, agradeço ao meu Mentor, aos Protetores negros e à Protetora-lavadeira, tudo que possam fazer em meu benefício e em benefício de todos que têm roupa suja neste tanque, pois, se os seus fluidos fossem surripiados pelos caçadores de fluidos, certamente não deixariam de ser importunados no estado de vigília e, com mais forte razão, nos pesadelos que, telepaticamente, lhes seriam provocados, em processo de hipnose compulsória.

Que os Irmãos Superiores do Espaço recompensem a todos os Espíritos que, bondosamente, atenderem às minhas súplicas e, de todo coração, desejo-lhes um futuro mais feliz e mais glorioso, sob a liderança do maior dos Mestres compromissados com a Terra – JESUS!

Diálogo sobre o almoço

Lição

Mestre – Você já compreendeu por que, antes de iniciar a refeição, deve orar. Já aprendeu a valorizar a cooperação anônima de centenas de operários desconhecidos, que, com o trabalho especializado, contribuíram para o seu conforto material e para a sua alimentação. Já entendeu que, sem o labor alheio, embora com dinheiro, Você não teria nada para comprar – nem casa, nem mobília, nem louças, nem alimentos. Com efeito, tudo o que Você possui dependeu de árduo trabalho, em esforço conjugado, de muitos e muitos irmãos, distribuídos entre trabalhadores braçais, pequenos agricultores, operários especializados, químicos industriais, artistas de várias espécies, todos movimentados por capital alheio. Ora, conhecedor dessa verdade, Você será forçado a admitir que, em última análise, tudo que Você pôde adquirir foi concessão de Deus, que é o dono de sua vida. Portanto, estou certo de que, doravante, em sua oração, depois de agradecer a Deus a felicidade de ter com que alimentar-se, Você nunca mais se esquecerá de pedir por todos irmãos anônimos que, embora sem o saber, labutaram em seu benefício!

Discípulo – De fato, com o novo mundo que se me revelou, descortinei outra dimensão na vida. Depois de ter compreendido quanto devo a Deus e à cooperação dos irmãos anônimos, seria egoísmo e ingratidão não agradecer a Deus e não orar por eles.

Mestre – Sem embargo, ainda há outros irmãos que devem ser contemplados com a oração à hora das refeições. Neste particular, seu egoísmo e sua ingratidão não foi apenas em relação a Deus e aos operários de todos os níveis que contribuíram para sua confortável refeição. De fato, até hoje, ao sentar-se à mesa, Você nunca orou pelos Espíritos que o protegem durante a alimentação e que, não raro, irradiam com preciosos “fluidos” os alimentos, a fim de evitar que, por imprudência ou por gula, Você seja vitimado por graves distúrbios gastrointestinais ou por fatais acidentes circulatórios!

Discípulo – Nunca ouvi referências sequer a essa transcendental fisiologia alimentar. Como poderia orar por Protetores, que ignoro, e que, agora mesmo, estou em dúvida para aceitá-los?

Mestre – Você não ignora que a alimentação é fator imprescindível à manutenção da vida. Por outro lado, Você não desconhece que há iniciados nos mistérios de Deus, como alguns eremitas indus, que, durante anos, comem apenas uma concha de mão de arroz – mais nada. Entretanto, posto que magérrimos, gozam esplêndida saúde e possuem tão rija têmpera que, seminus, enfrentam as intempéries do Himalaia! De resto, são dotados de tamanha força espiritual que, à distância, curam até loucos! Entretanto, do ponto de vista científico, o metabolismo desses admiráveis “iniciados” deveria tornar-se absolutamente incompatível com a vida. Lembre-se de que a abstenção de alimentos não dura dias, nem meses – dura muitos anos e à grande altitude, em região frigidíssima! Quem lhes sustenta a vida, então? O Pitris, isto é, os Espíritos Protetores que os assistem na “iniciação”. Alimentam-nos com “prana” que lhes dão a respirar às primeiras horas da madrugada.

Discípulo – Mas que prodigioso alimento é esse? E por que respirá-lo de madrugada?

Mestre – Prana são energias vitais acarretadas por elementos do ar, como o Oxigênio. De madrugada, porque, nesse horário, o ar é muito mais puro. Além disso, é preciso levar em consideração que os alvéolos pulmonares, através dos quais se processa a absorção dos elementos inspirados são muito numerosos e, distendidos em superfície, dariam uma área de, no mínimo, cinquenta metros quadrados. De modo que, através da respiração, máxime quando os Espíritos nela introduzem valiosos “fluidos” controladores do metabolismo ou curativos, o homem recebe enorme teor de energias vitais não equacionadas ainda pela Ciência. Por isso, os “iniciados” emprestam inestimável valor a certos exercícios respiratórios, que propiciam surpreendente vitalidade orgânica, a despeito da exígua alimentação. Exemplo mais chocante, porém, encontrámo-lo nos operários, que, pela vida miserável que levam, sujeitos a péssima e escassa alimentação, mal teriam possibilidades de sobrevivência em repouso, com total poupança de energias. Sem embargo, são trabalhadores braçais, de rija musculatura, que arrostando trabalhos pesados, despendendo enorme energia a carregarem cargas colossais! Onde lhes vêm, no entanto, a energia vital, a saúde relativa e a grande força muscular? Dos alimentos de ínfima qualidade que ingerem?

Discípulo – Com efeito, é paradoxal o contraste entre esse mínimo de alimento dos operários e o máximo de trabalho que realizam!

Mestre – Embora de mecanismo desconhecido, a vitalidade desses irmãos é mantida por dádiva divina, que, sem o saberem, recebem diariamente pela respiração, quer no ar da madrugada, que respiram em caminho para o trabalho, quer à noite, durante o sono. Mas, na verdade, tudo é fruto do trabalho dos Espíritos familiares, Protetores quase permanentes, que transportam princípios energéticos de várias fontes da natureza em socorro das criaturas privadas de alimentos adequados ou, quiçá, totalmente destituídas de alimentação.

Discípulo – Não compreendi. Criaturas destituídas de alimentos?

Mestre – Sim, criaturas que não se alimentam. Therese Neumann foi um caso típico. Viveu muitos anos praticamente sem alimentar-se. Diversos cientistas a examinaram. Nenhum pôde constatar fraude ou mistificação. À margem do jejum inexplicável, havia fenômenos mediúnicos, à disposição da Ciência. Mas não se explicou nada. E como sempre, a Igreja, utilitária e oportunista, apoderou-se do “caso” com pretensão de fazê-la rendosa “Santa”. Se fez, não sei; sei que se noticiou a intenção clerical. Mas, dentre quantos a observaram, apenas um pastor protestante aventou a hipótese de que o mistério talvez se explicasse por alimentação “sobrenatural” através da respiração. E acertou. Como em muitos outros exemplos, os Espíritos utilizaram a mediunidade de Therese para chamar a atenção dos cientistas sobre a “alimentação espiritual”, que, embora desconhecida da Ciência, é fator primordial para a sobrevivência de muitas criaturas famintas. Não fora essa providencial complementação o número de vítimas da desnutrição seria atarrador!

Discípulo – E como tudo isso ainda é ignorado!

Mestre – Lamentavelmente ignorado. Contudo, de hoje em diante, a título de experiência, inclua também, na oração, à mesa de refeição, o pedido de proteção aos Espíritos fluidificadores. Por amizade do passado e dedicação do presente, esses amigos invisíveis já irradiaram, muitas vezes, seus alimentos para poupar-lhe distúrbios gastrointestinais e, quiçá, graves acidentes circulatórios, sem que Você desse conta dessa proteção oculta. Agora, porém, ciente desse amparo, é justo que Você também os ajude com a radiação magnética de sua oração. Com as energias

desprendidas de seu cérebro no “estado de oração”, os Espíritos terão maiores possibilidades de trabalharem em seu próprio benefício!

Discípulo – Se entendi corretamente, devo doravante, em qualquer refeição, solicitar a proteção dos Espíritos fluidificadores no sentido de irradiarem os alimentos à mesa, a fim de que se me tornem mais digestíveis e assimiláveis, de molde a favorecer-me a saúde. Certo?

Mestre – Certíssimo. Com a proteção dos Espíritos fluidificadores, sua saúde será, de fato, preservada, porquanto, além dos preciosos “fluidos” que eles lhe trarão, ainda impedirão a aproximação dos Espíritos famintos, seus habituais comensais, que lhe extrairiam do organismo apreciável quota de energias vitais.

Discípulo – Isso, não compreendi. Pois, no caso, os Espíritos fluidificadores não me estariam dando “fluidos”? Como poderia eu perder energias vitais pela aproximação doutra espécie de Espíritos? E como aceitar que o Espírito desprovido do corpo possa estar faminto? Como tudo isso se me afigura absurdo!

Mestre – A verdade, quando muito luminosa, ofusca. Se, no momento, Você não puder aceitar a revelação que lhe faço, deixe-a à margem e prossiga seu caminho até que a dor o obrigue a retornar, para de novo examiná-la. Atrás de Você, outros virão que a saberão valorizar. Não pretendo forçar convicções. Nem desejo adesões fanáticas. Raciocino com fatos. Para tornar inteligível o que se lhe afigura absurdo, basta atentar no seguinte: quer no animismo da hipnose profunda, quer no animismo do transe mediúnico frustrado, o “corpo etéreo”, o “duplo” ou o “alter ego”, três denominações de uma mesma coisa, que é o Espírito revestido do perispírito, pode exteriorizar-se do corpo e, até, transportar-se à distância. Numa obra afamada, intitulada PHANTASM OF THE LIVING (Fantasma dos vivos), a não menos afamada SOCIETY FOR PSYCHICAL RESEARCH, de Londres, publicou várias observações nas quais o “duplo” do médium pôde ser visto e identificado no local para onde se transportou, quer na hipnose, quer no sono normal. E mais – em alguns casos o “duplo” conseguiu atuar fisicamente, deixando provas duradouras, incompatíveis com a hipótese de alucinação, que assinalaram, posteriormente, a realidade objetiva do fenômeno. Idênticas observações têm sido feitas em todas as partes do mundo. Isso prova que o “duplo” não é apenas uma projeção telepática e alucinatória do Espírito do

médium – é, de fato, o verdadeiro Espírito que, por momentos, se desprende da matéria, abandonando o corpo, ao qual permanece ligado, no entanto, por tênue fio luminoso. O mais notável, contudo, é que o Espírito livre do corpo, conserva sua personalidade, com raciocínio e memória, e permanece dotado de todas as sensações – vê, ouve, sente odores, tem impressão de asfixia, sente frio, calor etc. De modo que, ao retornar ao corpo e à “consciência corporal” relata fatos e impressões como se, na realidade, houvesse feito uma viagem normal e não uma “viagem astral”! Ora, se durante a vida terrena, em manifestação anímica controlada pelo pensamento do hipnotizador ou do Protetor, o Espírito do médium ou do “paciente” pode permanecer fora do corpo e conservar a mesma personalidade, razão não há para que o mesmo não ocorra após a morte. Donde se infere que o animismo – fenomenologia supranormal da alma do homem – além de abrir uma porta ao Espiritismo com a comprovação da existência, no homem, de um princípio espiritual, ainda dá ensanchas à demonstração da sobrevivência depois da morte. Patente, como ficou, que o Espírito, fora do corpo, continua dotado das sensações que, normalmente, estão adstritas a órgãos específicos e a estruturas adequadas, duas conclusões se nos impõem: – a primeira é que, embora durante a encarnação e no estado fisiológico, as sensações estejam condicionadas aos referidos órgãos e estruturas, na verdade não são oriundas deles. Os órgãos e as estruturas histológicas são apenas depositários de desconhecidas energias do “corpo espiritual”, onde realmente reside o mistério das sensações; a segunda é que, consoante o testemunho universal dos Espíritos sofredores, todas as sensações corporais, inclusive a sintomatologia mórbida da derradeira doença, podem perdurar, no Espírito, depois da morte do corpo físico. Vale dizer que o órgão geral das sensações corporais é, de fato, o perispírito ou “corpo espiritual”.

Discípulo – Estou perplexo. De um lado, confirmando velho adágio, antolha-se-me um quadro onde a natureza não dá saltos e vida e morte apresentam muitos pontos de semelhança. De outro lado, vejo um abismo entre a tese, que se me apresenta, e os conceitos científicos vigentes. Em face disso, que dirão os dados da experiência?

Mestre – Na verdade, a morte, sob vários aspectos, se assemelha tanto à vida que, do “outro lado” há milhares de Espíritos que não acreditam que hajam morrido! Como lá chegaram sem o devido preparo espiritual ou – o que é pior – iludidos pela religião, não

concebem que, mortos, possam sofrer como na vida carnal. Dentre eles se encontram os que sentem fome e sede e que, por isso, rondam as mesas de refeição! Por outro lado, se a tese que defendo contraria conceitos científicos vigentes é porque, por enquanto, a Ciência ainda não pôde detetar a onda mental do pensamento, nem a radiação do “corpo espiritual” do homem. Na verdade, a Ciência, com suas especializações, afigura-se-nos luminoso arquipélago perdido na imensidão oceânica da mais tenebrosa ignorância! Num Universo fragmentado pela razão e pela contingência humana, não há lugar para uma Ciência Integral e infalível. Tudo é relativo à relatividade do próprio homem. Por isso, o verdadeiro sábio, o que mais sabe é que não sabe! Sem embargo, a Ciência avança e aperfeiçoa-se à medida que evolui e cresce a mente humana. E tudo diz que, muito breve, a Ciência não só captará o pensamento do homem como o pensamento dos Espíritos. E mais – registrará a imagem do “corpo espiritual” do homem e televisionará o “corpo espiritual” dos Espíritos! Nesse dia, dispensado o médium, sempre suspeito para a Ciência, a prova do Espírito encarnado e desencarnado será feita por intermédio de aparelhos ultra-sensíveis. Dado esse passo, os próprios homens de Ciência alijarão o materialismo para proclamarem a realidade do Espiritismo! E todos nós, munidos dos maravilhosos aparelhos, veremos e conversaremos com os parentes e com os amigos do “lado de lá”!

Discípulo – Mas isso seria a maior invenção de todos os tempos! O homem, cujo poder criador o levou à Lua, teria feito a mais empolgante de todas as descobertas. Ao mesmo passo que decifraria o mistério de seu destino, descobriria que a morte não existe!

Mestre – Seria, não – será! Aguarde, que o futuro o confirmará. De resto, descoberto o aparelho receptor das vibrações do “corpo espiritual” ou perispírito, cuja energia comanda a vida, a Medicina não se limitará a diagnosticar doenças manifestadas – poderá prognosticar doenças ocultas, prestes a manifestar-se. Para isso, bastará a interpretação das alterações do campo vibratório do paciente, registradas no “espectro das radiações perispirituais”. Como se infere, a Medicina do futuro será muito mais preventiva do que curativa; e como não haverá muitas oportunidades para que as enfermidades se manifestem, é óbvio que o homem desfrutará saúde quase permanente – fato que significará apreciável suavização dos sofrimentos terrenos.

Discípulo – Com efeito, se tudo isso não for mera fantasia, a Medicina do futuro será simplesmente maravilhosa!

Mestre – As verdades hoje aceitas, outrora também foram tidas e havidas como vãs especulações. Não tenho pretensões de ser descobridor. Lanço mirrada semente em campo árido, crestado pelo materialismo. Se nela houver resquício de vida, germinará e frutificará sob os cuidados de autênticos pioneiros. E se é semente morta, consola-nos saber que, ao menos, servirá de adubo à terra maninha. Todavia, até que morra, também, a esperança, alimentemos a ilusão, pela beleza do sonho! De fato, quando a Medicina, pelas alterações dinâmicas do perispírito dos pacientes, puder interpretar não só os estados mórbidos aparentes como os que estão na iminência de aparecer, terá encontrado a chave para compreender o sofrimento dos Espíritos e o mecanismo mediante o qual Espíritos sofredores podem transmitir ao homem o quadro mórbido que, apesar de desencarnados, continua a atormentá-los no Além. Com efeito, se o perispírito é patrimônio comum ao homem e aos Espíritos; e se a origem de todas as sensações está no perispírito, é evidente que tanto os homens como os Espíritos podem ter idênticas sensações e, por conseqüência, sofrimentos iguais. Nessas condições, se um Espírito sofredor conseguir sintonizar as vibrações de seu perispírito com as vibrações do perispírito de um homem, fatalmente acabará provocando no homem o quadro da doença que causou a desencarnação do Espírito. Numa palavra – o Espírito provocará, no homem com o qual se sintonizou, uma Espiritopatia – fato há muito comprovado na prática espírita!

Discípulo – Mas essas idéias são tão antagônicas com os conceitos científicos que se me afiguram absurdas!

Mestre – O absurdo de hoje, poderá ser a verdade de amanhã. Demos tempo ao tempo, e continuemos, a especular. Decifrado o código do “corpo espiritual” do homem, não será difícil, pela imagem do corpo espiritual do Espírito, projetada no “televisor dos Espíritos”, tirar a ilação se se trata de Espírito evoluído e feliz, ou se se trata de Espírito faltoso e sofredor! Digo mais, com a prática do diagnóstico das doenças pelas vibrações do corpo espiritual do paciente, o médico acabará sabendo diagnosticar, pelo estado vibratório do perispírito do Espírito observado no “televisor de Espíritos”, a doença que o vitimou, se, porventura, ele ainda estiver sentindo a sintomatologia mórbida correspondente! Será, evidentemente, a prova científica de que, apesar de separadas em estruturas específicas, todas as sensações

promanam, na verdade, do corpo espiritual, quer no Espírito encarnado, quer no Espírito desencarnado!

Discípulo – Embora reconhecendo que, sob certos aspetos, essas descobertas seriam empolgantes, por outro lado, poderiam infundir pavor! Suponhamos, por exemplo, que, inesperadamente, se nos apresente, no “televisor de Espíritos”, um ente querido, que julgávamos no Céu, mas que, pelo estado vibratório de seu perispírito, fora identificado como sofredor. A decepção ocasionada por tal constatação não provocaria perigosos traumas?

Mestre – Em tudo, há verso e reverso. O cientista, ao inventar, jamais imagina o mau uso que se possa dar ao invento. O avião foi inventado para maior aproximação e confraternização dos povos. Sem embargo, a ambição política transformou-o em arma de destruição. Mesmo assim quanto contribuiu para encurtar distâncias e impulsionar o progresso? Na verdade, o “televisor de Espíritos” apenas faria prova mais decisiva daquilo que o Espiritismo há mais de um século já verificou. Por intermédio de médiuns, espíritas ou não, ninguém está livre de idêntica decepção. Quantas e quantas vezes um parente, ardentemente invocado, acaba por se nos manifestar num quadro chocante de lágrimas e sofrimentos? Entretanto, no íntimo, alimentávamos a ilusão de que ele era Espírito iluminado, com capacidade para nos proteger! Mas, de toda maneira, não foi melhor a prova da verdade, que nos dará oportunidade de ampará-lo com repetidas e sinceras orações, do que a permanência na ignorância de seu verdadeiro estado, sem suspeitarmos de que carecia de nosso concurso fraterno?

Discípulo – Na verdade, não me ocorrera antes ess’outro aspeto da questão. Contemplado desse ângulo o problema muda de feição. Mais vale saber e ajudar, do que ignorar e omitir-se.

Mestre – Ainda bem que Você não é obstinado, porque, contra a verdade, nada pode prevalecer. De resto, os aparelhos previstos, nada mais fariam do que confirmar o que o Espiritismo já afirmou. Portanto, em lugar de temê-los, oremos ao Criador para que, entanto antes, nô-los conceda! Até lá, porém, o “aparelho adequado” ainda continuará sendo o médium. Só ele, em transe, sente na carne o sofrimento dos Espíritos. Sem embargo, com a experiência vivida e com observações “armadas”, tão válidas quanto as observações astronômicas, os cientistas espíritas e não espíritas já devassaram muitos mistérios da complexa fenomenologia mediúmica e já puderam comprovar a manifestação dos habitantes do “outro mundo”. Além disso, como

prova colateral, há centenas de observações de casos espontâneos, inesperadamente ocorridos com médiuns infensos ao Espiritismo e, por isso mesmo, insuspeitas de mistificação. Nada mais estranho, por exemplo, do que um médium católico ou protestante, que, em desespero de causa, recorreu a contragosto ao Espiritismo, dar manifestação a um Espírito sofredor atormentado com a sintomatologia patológica da doença que o matou! Se fraude houvesse, o médium, ao fingir, faria a representação teatral de um Espírito atormentado, não por sintomas clínicos, mas pelo fogo do inferno! E é justamente por isso, que os quadros mórbidos apresentados pelos Espíritos sofredores manifestados por tais médiuns assumem alto valor comprobatório. E é bom que se saiba que também por esses médiuns católicos ou protestantes, contra suas idéias e convicções, os Espíritos se queixam de sede, e pedem água, e de fome, e pedem comida!

Discípulo – Pouco a pouco, vou compreendendo que, de fato, um Espírito, apesar de não possuir corpo, nem sistema nervoso, só com o perispírito, pode sentir e, portanto, sofrer. Mas quanto à fome e à sede, ainda me custa crer...

Mestre – A convicção não se arrebatava – conquista-se. Estude e observe. Os fatos falarão por si mesmos. O Espiritismo é filosofia religiosa, mas é racional e está decalcado em fatos de observação. Pede estudo, meditação, pesquisa e observação. Não deseja adesões fanáticas, que nada constroem. Deseja adeptos conscientes, que souberam usar o coração e a razão. Se meu ensino é autêntico, o Mundo Espiritual responderá às orações que ensino, porque feitas conscientemente, com prévio conhecimento do mecanismo de interrelação entre este e o outro mundo. Caso contrário, as orações não terão eco e Você fica com liberdade de despojar-se de tudo que lhe ensinei. Todavia, antes de deliberar, experimente de boa fé, como quem procura a verdade pela verdade.

Discípulo – Quanto a isso não haverá dúvidas. A título de experiência, perei em prática seus ensinamentos e aguardarei, sem espírito preconcebido, a resposta da natureza. Se a resposta for favorável, não tergiversarei – serei sincero adepto!

Mestre – Agradeço, por antecipação, sua espontânea adesão. Contudo, ainda há um ponto a esclarecer. Quando Você se senta à mesa de refeição, não está cercado apenas pelos Protetores que lhe asseguram a paz e defendem a saúde, irradiando os alimentos.

A seu lado estarão Espíritos sofredores, padecendo a tortura da fome e da sede; e, dentre eles, é provável que alguns sejam parentes estremeçados de cuja presença Você jamais suspeitou. São Espíritos que, embora bons, não se prepararam, na vida terrena, para a vida no Além. Muitos foram lamentavelmente iludidos com falsos ensinamentos e falsas promessas de religiões que vivem da exploração de Deus e do Diabo, mais do Diabo do que de Deus, porque o Diabo, pelo pavor que infunde, dá mais lucro no pagamento de orações inócuas! Agora, já que se aproximam, como mendigos de caridade, de sua mesa, urge ampará-los com oração sincera, partida do coração! Se Você suplicar para eles a doutrinação de seus Mentores, em pouco tempo estarão esclarecidos e livres da tortura da fome e da sede, sede e fome que neles perduraram, como purgação, para resgate de erros e incentivo à conquista dos valores eternos do Espírito.

Discípulo – Não me recuso a orar por eles. Mas é duro imaginar que, sentado à mesa farta, tenho junto de mim amigos e parentes famintos, que não posso alimentar!

Mestre – Como não? Acaso o “fluido” emitido com a oração não é alimento para o Espírito? Que melhor alimento se poderia dar a esses irmãos despojados do corpo carnal do que o “fluido” do amor? Porventura Você nunca sentiu, na carne e no Espírito, o poder revitalizante de um “passe” dado com amor fraterno? Não, meu irmão, nunca mais repita que não pode dar alimento ao Espírito faminto que comparece à sua sala de refeição na esperança de mitigar o sofrimento. Na verdade, Você lhe pode dar o único alimento que, de fato, o aliviará – a oração! Pior seria, se Você não soubesse como ampará-los. Porque, quando não há oração, esses Espíritos na ânsia de saciarem a fome, se imantam, pelo perispírito, ao perispírito de quem está a alimentar-se, e, dessa forma não só sentem o sabor dos alimentos como lhe extraem energias vitais do organismo. Com isso, não só o Espírito se prejudica, permanecendo na ilusão de que o alimento o refaz, quando o que o refaz é a energia vital que, à maneira de vampiro, rouba ao organismo da pessoa à qual se imantou, como prejudica, outrossim, a pessoa de quem roubou fluidos vitais, que apesar de alimentar-se copiosamente não se sente restaurado! Para evitar que os referidos Espíritos permaneçam na Terra, escravizados às sensações da vida carnal e prejudicando os de quem se aproximem para os prazeres da mesa, vale a pena orar por eles. Mesmo porque amparados pela oração e esclarecidos por seus Mentores, esses

Espíritos de sugadores de energias vitais que eram se convertem em Protetores agradecidos!

Discípulo – Agora compreendi, o que, há pouco, se me afigurava absurdo. Vislumbro em torno de mim todo um mundo espiritual, do qual tanto posso receber consolo e proteção, como devo dar, por minhas orações, conforto e esclarecimentos. Aprendi, finalmente, a orar à mesa de refeição. Sei que, além de agradecer a Deus, devo orar por todos os irmãos desconhecidos que contribuíram com seu labor para meu conforto e para minha alimentação. Não ignoro mais a vantagem de pedir a proteção dos Espíritos fluidificadores, que irradiam os alimentos, tornando-os mais assimiláveis. E também aprendi a orar em benefício dos sofredores que se aproximam da mesa torturados pela fome e pela sede...

Mestre – Meus parabéns. Você encontrou novo caminho para conquistar saúde e paz. Tudo na vida é efêmero e ilusório. O dinheiro, como o corpo, ficam na terra, podres e fazendo apodrecer o caráter de criaturas fracas e gananciosas – só o Espírito sobrevive e não perece; e se daqui já leva consigo a paz, paz terá no “outro mundo”. Prossiga, pois, e lute por seu autoaperfeiçoamento, ajudando sempre os seus irmãos, que são companheiros da vida eterna. Dessa ajuda dependerá a maior parte da felicidade que o aguarda no Mundo Maior. Mas não se esqueça jamais de que é a luta que nos dá vitória e é a vitória que nos dá a glória!

Meditação ao deitar-se

Exausto e com sono, acabo de deitar-me. Meu quarto, embora modesto, é arejado e confortável. Meu leito, macio e aconchegante. (agasalhador). Entretanto, esta noite quantos irmãos não dormirão ao relento, sujeitos às intempéries, sem um teto para os abrigar e sem um catre onde repousar? Embora saiba que os que se encontram em tamanha penúria são Espíritos rebeldes, que, noutras encarnações, desfrutaram, egoisticamente, o conforto e o dinheiro que possuíram; ou são Espíritos primários carecentes de duras provações para lapidarem, no cadinho da dor, as agressivas arestas de sua personalidade; embora não desconheça, graças ao Espiritismo, que, na aparente injustiça dessa miserável destinação, há um fluxo de amor, porque a finalidade da provação é obter a correção do Espírito a fim de que ele, por seu próprio merecimento, possa não só galgar no “outro mundo” planos de felicidade, como, em futuras encarnações, desfrutar, sem prejuízo próprio, melhor situação social – de toda maneira, sinto-me na obrigação de agradecer a Deus e ao meu Mentor espiritual a alegria de possuir um quarto para abrigar-me e uma cama onde repousar. Na verdade, estou exausto e com sono. Mas por que a exaustão? Teria sido pelo trabalho que hoje realizei, ou teria sido pela tensão com que vivi o dia todo? Não, pelo trabalho não foi. Até me distraí, esquecendo-me de mil preocupações. E já notei que, quando trabalho com prazer, até se me refazem as energias vitais. Só me estafa se me obrigam a uma tarefa que me desagrada. Mas, afinal, sou feliz, porque, com meu trabalho sustento minha família e educo meus filhos. E quantos irmãos existem no mundo que estão desempregados? E inutilizados para o trabalho, quantos haverá? Não ignoro que esses irmãos, na dura provação que estão vivendo, devem adquirir paciência, resignação e confiança em Deus, virtudes admiráveis, que ajudam a vitória sobre si mesmo na Terra e mais ainda no “outro mundo”. Mas, como quer que seja, eu tenho a felicidade de poder trabalhar, transformando o meu esforço diário em sustento, conforto e educação para meus familiares. E, se há tarefas que não me agradam, devo rogar ao meu Mentor, que, perante Deus, é o responsável por minha encarnação, que ele, durante a noite, doutrine o meu Espírito a fim de que na próxima vez eu possa receber, com agrado, um serviço do qual não gostava. De fato, reconheço, lá no fundo da consciência, que

o trabalho só exaure os que se rebelam contra ele. Hoje, não me lembra haver repellido qualquer tarefa. Admito, pois, que meu cansaço seja proveniente da tensão com que lutei o dia inteiro. Mas a tensão permanente é caminho para desagradáveis enfermidades. Devo, portanto, corrigir-me. Doravante, ao sair para o emprego e ao chegar à repartição, não me esquecerei de orar, suplicando amparo de meu Mentor. Com oração, a ação tornar-se-á mais suave porque o mundo espiritual me ajudará. De resto, eu tenho um espelho em casa. Minha luta é na rua. A cada momento, muda-se-me o cenário. Encontro amigos, troco impressões. Novos fatos me surpreendem, e alguns me divertem. Numa palavra – tenho várias oportunidades para esquecer-me de problemas e de aliviar-me das preocupações da vida. Minha esposa, coitada, não tem. Fica o dia inteiro em casa. Cuida de tudo – dos serviços domésticos, do controle das despesas, dos deveres escolares das crianças e ainda suporta os atritos dos filhos. Para ela o cenário não muda e a luta é incessante. Se carregasse um podômetro aos pés, à noite, ver-se-ia que, sem sair de casa, ela andou muito mais do que eu! No entanto, quando regresso ao lar, ela me recebe sorrindo e ainda vai aquecer-me o jantar! Que heroína é minha mulher! Se eu com toda a minha prosápia masculina, permanecesse um dia em seu lugar, cozinhando, lavando, criando menino, apartando brigas, ensinando lições... à noite não estaria só exausto – estaria morto de cansaço! Entretanto, minha mulher, no fim do dia, ainda está disposta a acompanhar-me ao cinema! E, afinal, qual é o seu segredo? É fácil – trabalha com alegria, é resignada e tem fé em Deus! Vou imitá-la e rogar a Deus que m'a conserve como companheira. E hoje, nos encontros de rua e de repartição, como procedi com os irmãos que se me depararam? Fui fraterno? Fui cortês com os subalternos? Fui respeitoso com meus superiores? Em sã consciência, procedi com cordura na repartição e, até, confortei e estimulei os que pude. Todavia, irritei-me com aquele chefe que me distratou. Isto, provavelmente, contribuiu para agravar meu cansaço. Mas, o descuido foi meu. Se logo que o percebi encolerizado houvesse feito uma prece mental em favor do Protetor do chefe, certamente a má assistência que o estava irritando, seria afastada e o meu superior não teria sido tão áspero comigo! Paguei, pois, por minha invigilância. A todo instante, se nos antolham oportunidades para pedirmos a ajuda do Mundo Espiritual. Um pensamento com um sentimento puro, vale por longa e palavrosa oração. Não custa, pois, em todas as ocasiões necessárias elevar uma súplica a Deus! Agora, os bocejos me advertem que o sono começa a dominar-me.

Ainda bem. O dormir é uma dádiva divina. Durante o sono, entramos em contato mais íntimo com o "outro mundo". A inibição cortical liberta, em parte, o Espírito. Completando o mecanismo orgânico, Espíritos amigos nos trazem "fluidos vitais" para respirarmos durante o sono. Por isso, quando oramos, acordamos completamente refeitos. E como é atormentada a vigília da insônia! Contudo, com oração, muitas insônias desaparecem para sempre. Vou orar, para agradecer a Deus e aos meus Protetores todos os benefícios que hoje recebi.

Oração ao deitar-se I

Senhor Deus:

No momento em que, cansado pelas lutas e emoções do dia de hoje, meu corpo necessita de repouso, com sono revigorante, e meu Espírito, com maior liberdade, poderá entrar em contato com o Mundo Espiritual, permiti, Senhor, que o meu Mentor – árbitro de meu destino na atual encarnação – proteja o meu sono, evitando que Espíritos afeitos ao vampirismo me roubem energias vitais, quer no corpo espiritual que me acompanha nas excursões astrais, quer no corpo carnal, inerte no leito.

Agradeço-vos, meu Deus, a saúde que gozo, o abrigo de meu lar, a dádiva deste leito macio, o aconchego dos agasalhos que me aquecem e tudo mais que me concedestes, para o conforto de minha família e teste da desambição de meu Espírito. Em vos agradecendo, porém, a felicidade de meu destino, eu não posso ignorar, Senhor, que, por deméritos de anteriores encarnações, há, no mundo, milhares de irmãos que, a essa hora, estão curtindo compungentes privações: sem lar, sem leito, sem agasalhos, tiritando de frio ao relento, quiçá dormindo no chão duro ou enregelados nos bancos das praças públicas... Entretanto, eu poderia encontrar-me em idêntica situação, se, porventura, em minhas anteriores encarnações, desvelados Protetores do Além, não me houvessem socorrido, nos momentos de fraqueza moral. Por isso, eu vos imploro, Senhor, em favor dos Mentores e Protetores dos irmãos que, sobrecarregados de dívidas em face de Vossa Sábia Justiça, sofrem torturantes privações materiais, para o resgate de seus erros. Permiti, Senhor, que eu, com ajuda de meu Mentor, colabore com os Mentores dos referidos irmãos, ofertando-lhes, com o sentimento fraternal de minha prece, uma partícula da radiação vital de meu perispírito, a fim de que tenham maior magnetismo para doutrinar e consolar os seus prepostos, irmãos que estão privados dos bens de que desfruto.

Agradeço, de todo coração, ao meu Mentor a proteção que me deu durante o dia que se finda, nas diversas conjunturas criadas pelas injunções da vida; e rogo-lhe, com humildade, que limpe meu perispírito das malélicas radiações de antipatia e, talvez, de ódio, emitidas contra mim, sem qualquer culpa de minha parte, nos contatos e diálogos, que mantive, durante o dia, com criaturas dotadas de sentimentos anti-fraternais.

Agradeço, outrossim, a todos os Espíritos amigos, que, com consentimento de meu Mentor, me ampararam e orientaram intuitivamente na solução dos problemas que se me deparam na rotina da vida – na rua, nas conduções, no emprego e em todas as interrelações sociais.

Rogo aos Irmãos Superiores do Além – intérpretes das Leis Divinas – em benefício de todos os irmãos – parentes ou não – com os quais tenho afinidades espirituais, estejam eles encarnados ou desencarnados. Que os Mentores desses irmãos possam ampará-los – aos encarnados, doutrinando-os durante o sono, a fim de que despertem com maior desejo de aproveitarem todas as oportunidades que se lhes oferecerem, nas lutas e sofrimentos terrenos, para sublimarem os sentimentos e conquistarem novas virtudes, virtudes e sentimentos, que, neste mundo, suavizarão e abreviarão o ciclo das reencarnações, e, no Além, dar-lhes-ão acesso a melhores planos espirituais; e, aos desencarnados, doutrinando-os e levando-os a planos de correção ou às escolas do Além, conforme o caso, a fim de que se convençam de quanto têm sido prejudicados pelo fato de permanecerem, desde que desencarnaram, obstinadamente apegados a prazeres terrenos ou imantados a parentes queridos, a sugar-lhes, inconscientemente, as energias vitais a ponto de causar-lhes, muitas vezes, doenças rebeldes à terapêutica médica.

Rogo, também, aos Irmãos Superiores do Além, em benefício de meus inimigos. Se, porventura, eu os ofendi ou prejudiquei, com toda humildade, peço-lhes perdão, pois, de minha parte, *a priori*, os perdoei. E se, para doutriná-los, for útil aos seus Mentores, uma quota de radiação de meu perispírito, ainda que isso importe na diminuição de meu tempo de encarnação, ofereço-lhes, de coração, essa energia “mais material”, que facilita o contato com Espíritos pouco evoluídos. Dessa maneira, com grande júbilo para mim, funcionarei como médium dos Mentores para conquistar inimigos, na esperança de convertê-los, no futuro, em amigos. O importante é que os eventuais inimigos compreendam que, filhos de um mesmo Criador e interligados numa comunidade universal, nenhum de nós poderá ser verdadeiramente feliz enquanto a rivalidade não for, integralmente, substituída por sincero amor fraterno!

Rogo, outrossim, aos Irmãos Superiores do Além, por todos irmãos desencarnados, que, como Espíritos familiares, convivem com os moradores desta casa. Que os Protetores desses irmãos possam doutriná-los e, quando for oportuno, levá-los para planos

de readaptação espiritual, onde, de conformidade com seus merecimentos, encontrarão o roteiro da evolução, que é o caminho da verdadeira felicidade – felicidade que jamais encontrarão neste lar, ainda que, para sentirem prazeres carnis, continuem a vampirizar os habitantes desta casa, ou a captar “fluidos vitais” dos animais, dos alimentos e de tudo o mais que puderem. Além disso, por causa dos efêmeros prazeres que, embora privados do corpo carnal, teimam em usufruir, sofrerão fatalmente, nos planos espirituais adequados, penoso reajuste com a Lei de causalidade moral que preside ao destino de todos nós. Convido, pois, em nome de Deus, aos irmãos estacionados nesta casa a aceitarem a oportunidade propiciada por esta oração, aceitando o convite e partindo em companhia de seus verdadeiros amigos, que são os seus Protetores.

Rogo, ainda, aos Irmãos Superiores do Além em benefício dos Espíritos encarregados da proteção deste quartelão, graças aos quais são evitados graves atritos dentro dos lares e perigosos desastres nas ruas, principalmente nas encruzilhadas, onde Espíritos atrasados, muita vez, a serviço de baixos sentimentos de criaturas ignorantes, disputam oportunidades de fazer o mal. Que os Mentores desses abnegados irmãos, possam ampará-los nessa árdua missão; e que Deus os recompense por tudo que fizerem não só em defesa de meu lar, como dos lares alheios, enquadrados neste quartelão.

E agora, preste a adormecer, suplico ao meu Mentor que, pela preservação de minha saúde e conservação de minha mediunidade – a maior dádiva que Deus me concedeu – renove, por caridade, durante o meu sono, as energias vitais de meu perispírito, perdidas nas emoções vividas durante o dia e, principalmente, nos contatos com pessoas “mal acompanhadas” com as quais fui obrigado a tratar. Outrossim, rogo, humildemente, ao meu Mentor que, após adormecer, leve meu Espírito a um plano de doutrinação, onde ouça a crítica de minhas deficiências morais e donde volte mais compenetrado da luta que, contra mim mesmo, devo empreender para superar tudo o que, numa forma ou doutra, possa obstar meu auto-aperfeiçoamento – motivo primordial de minha encarnação neste Planeta.

Que Deus, com seu infinito Poder, ampare a todos os bondosos Espíritos, que, abnegadamente, desejarem atender à minha oração; e que, com seu infinito Amor, recompense a todos os Protetores que, durante minha encarnação, sempre me ampararam caridosamente; e que, me ampararão, cada dia mais, à

medida que for merecendo, pela correção de meu Espírito, com sublimação de meus sentimentos. E que Deus me conceda a ventura de poder ajudar aos meus semelhantes, como a mim me ajudam os amigos do Além – desinteressadamente, por puro amor fraternal.

Oração ao deitar-se II

Senhor Deus! Muito Vos agradeço o amparo espiritual que recebi durante o dia de hoje. Imploro-vos a recompensa não só para o meu Mentor espiritual, como para todos os bons Espíritos que me protegeram nas diversas situações que se me depararam na rotina da minha vida, no trabalho (escola, bancos, etc.), nas conduções, nas relações sociais, e em todos os momentos em que precisei da proteção para evitar que eu errasse ou que fosse vítima dos erros dos meus semelhantes.

Agradeço-vos de todo meu coração, o abrigo deste lar, a dádiva deste leito, o benefício dos agasalhos, a graça de minha saúde e todos os bens que me destes para conforto de meu corpo e para alegria e progresso de meu Espírito. Que a Vossa misericórdia se distenda sobre os irmãos que ainda não mereceram estas bençãos que, não possuem nem lar, nem agasalhos, nem saúde, retardados que estão, no caminho do progresso, e, por isso carecendo de pesadas provações. Que os Mentores desses irmãos menos felizes, possam confortá-los doutrinando-os para que se sintam encorajados a lutarem pela própria perfeição, única meta para a verdadeira felicidade.

Rogo aos Irmãos Superiores do Espaço, em benefício de todos os irmãos que têm afinidades espirituais comigo, estejam eles encarnados, ou desencarnados; que seus Mentores possam ampará-los: os encarnados, para que aproveitem as oportunidades que a vida lhes oferece e os desencarnados, para que tenham uma evolução mais rápida e mais suave.

Rogo também aos Irmãos Superiores do Espaço em benefício dos irmãos que se consideram meus inimigos; que eles me perdoem das faltas que consciente ou inconscientemente eu haja cometido de modo a prejudicá-los, e, que os seus Mentores Espirituais os doutrinem a fim de que eles compreendam que somente pelo perdão e pelo amor fraterno todos nós, filhos de um mesmo pai de infinito amor mas de justiça perfeita, poderemos encontrar a felicidade eterna.

Rogo em benefício dos irmãos desencarnados que na posição de Espíritos familiares, convivem em meu lar. Que eles sejam amparados pelos seus Mentores e conduzidos para planos de readaptação, onde encontrarão paz e felicidade, pois aqui em meu lar, absorvendo os fluidos do ambiente, prendendo-se cada

vez mais à Terra, jamais poderiam ser felizes pois não possuem mais o instrumento de trabalho que é o corpo carnal.

Finalmente, imploro ao meu Mentor Espiritual, a recomposição do meu perispírito para o equilíbrio de minha saúde e a doutrinação para o meu Espírito a fim de que eu tenha as forças para vencer as provações necessárias ao meu aperfeiçoamento espiritual.

Que Deus Todo Poderoso ampare com seu Amor a todos os bons Espíritos que atenderem a minha oração.

Assim permita Deus.

Da existência de Deus e de seus atributos

Discípulo – Quem é Deus?

Mestre – Deus é a suprema Inteligência. Criador do Universo e das leis que o regem, é a causa primária de todas as coisas.

Discípulo – Onde a prova da existência de Deus?

Mestre – A prova encontrámo-la no axioma: “Não há efeito sem causa”. Composto de um número quase infinito de astros e regido por leis que revelam profunda sabedoria, o Universo não poderia ter sido obra do acaso. Somente uma Inteligência dotada de infinito saber e de infinito poder seria capaz de criá-lo e de mantê-lo harmoniosamente equilibrado. É, portanto, da análise da criação que se infere a existência de Deus. Em síntese: “Pela obra, conhece-se o autor”.

Discípulo – A causa primária da criação do Universo não poderia ocultar-se nas propriedades da matéria e da energia?

Mestre – De toda maneira, matéria e energia não poderiam ser produtos de si mesmas. Alguém as criou e é a esse criador que denominamos Deus.

Discípulo – Quais são os atributos de Deus?

Mestre – Deus é eterno, infinito, imutável, imaterial, único, todo-poderoso, soberanamente justo e bom.

- a. Deus é eterno, porque, se tivesse tido princípio, de duas uma: ou teria surgido do nada, o que é absurdo; ou teria sido criado por um ser a ele preexistente e, nesta hipótese, Deus não seria Deus, porque Deus seria o seu criador!
- b. Deus é imutável, porque, se estivesse sujeito a mudanças, não haveria estabilidade nas leis do Universo. À medida que Deus mudasse, mudariam as leis naturais, que são expressão de seu pensamento!
- c. Deus é imaterial, porque, de outra maneira, não seria imutável, ficando sujeito às transformações da matéria.
- d. Deus é único, porque, caso contrário, não haveria estabilidade na direção do Universo, o qual ficaria sujeito ao entrechoque de duas ou mais opiniões antagônicas!

- e. Deus é todo-poderoso, porque, sendo único, é o autor de tudo quanto existe.
- f. Deus é soberanamente justo e bom, porque, infinitamente perfeito, como é, não pode cometer a mínima injustiça, nem a mínima maldade – terá de ser incomparavelmente mais justo e melhor do que o mais perfeito dos homens.

Discípulo – Deus é um ser distinto ou, apenas, a resultante da soma de todas as forças e de todas as inteligências do Universo?

Mestre – Se assim fosse, Deus seria efeito e não causa no mecanismo do Universo!

Discípulo – Deus tem forma humana?

Mestre – Se tivesse forma humana, Deus seria um ser limitado e nunca infinito e único, presente, simultaneamente, no Universo inteiro! Além disso, a forma humana é adequada à vida terrena e a Espíritos imperfeitos, como nós, que só evoluímos moralmente tangidos pelo sofrimento. Só por tresloucada vaidade poder-se-ia conceber Deus feito à semelhança do homem – erro equivalente ao dos que afirmam que Deus fez o homem à sua semelhança!

Discípulo – Deus já habitou a Terra?

Mestre – Se o Criador do Universo algum dia houvesse habitado a Terra, por princípio de equidade, ficaria na obrigação moral de encarnar em todos os mundos habitados. Nesta hipótese, dada a imensidão do Universo, com probabilidade de haver numerosíssimos mundos habitados, Deus não faria outra coisa senão encarnar e reencarnar, a fim de que os habitantes de um mundo não ficassem injustiçados em relação aos de outros, que já haviam merecido a divina presença pessoal do Criador do Universo!

E durante esse infundável ciclo de encarnações do Criador, quem governaria o Universo?

Discípulo – E Jesus, quem foi?

Mestre – Jesus, mais do que notável médium curador e autêntico profeta, dotado de clarividência e de precognição, foi o maior Mestre até hoje encarnado na Terra. Criado imperfeito como todos nós e, como todos nós, tendo a eternidade para evoluir e aperfeiçoar-se, Jesus, pelo esforço próprio e através de múltiplas encarnações, conquistou excepcional perfeição consoante deu provas em sua última encarnação. Por isso, Jesus, além de nosso irmão, possui todas as credenciais para ser nosso ver-

dadeiro Mestre; ao passo que, se fosse um Deus, seria de natureza totalmente diversa da nossa, fato que o tornaria inimitável por nós, míseras criaturas terrenas!

Discípulo – De que maneira Deus governa o Universo?

Mestre – Pelo poder de sua Vontade e pela força de seu Pensamento.

Discípulo – Deus cria eternamente?

Mestre – Sim; se assim não fosse, Deus seria mutável, estando ora em ação, ora em inércia. E que seria do Universo se, de repente, seu Mantenedor deixasse de operar?

Discípulo – Poderemos, um dia, conhecer Deus?

Mestre – Embora no estado atual de nossa evolução espiritual, Deus seja o maior de todos os mistérios, pois, em sua essência, nos escapa aos sentidos e à razão, é muito provável que ao alcançarmos elevado nível de perfeição espiritual possamos compreender como é nosso Criador, sentindo-o em todo esplendor de sua infinita grandeza!

Discípulo – Devemos amar a Deus?

Mestre – Respondendo ao escriba, Jesus disse: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento”. (Mt. XXII,27). Todavia, para que amemos a Deus, sem hipocrisia, é indispensável que nos compenetrems de que Deus também nos ama. A essa conclusão é fácil chegar, desde que admitamos duas leis providenciais: a da reencarnação e a do carma ou de causalidade moral. Dessa maneira, poderemos concluir que, embora Deus nos haja criado imperfeitos e destinados a evoluir com sofrimentos, nosso Criador é, de fato, justo, e deseja a nossa felicidade. Objetivando nosso incessante aperfeiçoamento moral e, com ele, nossa crescente felicidade, Deus nos concede tantas existências quantas necessárias – umas como Espírito encarnado, outras como Espírito desencarnado – todas ligadas, entre si, por sábia Lei de justiça, inspirada no Amor, que nos impele à perfeição e, com a perfeição, à conquista definitiva da felicidade eterna!

Nessas condições, podemos amar a Deus de todo o coração, de toda alma e de todo entendimento, à maneira de Jesus, nosso Supremo Mestre.

Discípulo – Como se deve adorar a Deus?

Mestre – Com orações inspiradas em sincero sentimento de confiança em sua justiça e em sua bondade e sentindo, no Espírito, profunda gratidão pelos inúmeros benefícios recebidos durante a encarnação – benefícios que, não raro, só se tornam evidentes quando nos comparamos com os irmãos muito mais infelizes do que nós, com os quais nos encontramos, diariamente, por toda parte numa aparente injustiça, mas, numa perfeita justiça!

Discípulo – Que é a oração? Qual a sua finalidade?

Mestre – Oração é mensagem telepática enviada por um Espírito necessitado – esteja ele encarnado ou desencarnado – a um Espírito Superior, Protetor ou Mentor, que, na posição de intérprete da vontade de Deus, pode atendê-lo e socorrê-lo. Outras vezes, muito raras, a oração é mensagem de espontânea gratidão, sem interesse subalterno, endereçada diretamente ao Criador ou a algum Espírito Protetor, pelos benefícios recebidos. Quer numa, quer noutra hipótese, a oração só tem valor se proferida com sincera humildade, quaisquer que sejam as palavras proferidas ou os pensamentos emitidos. Na prece, o que importa não são, pois, as palavras, mas os sentimentos que acompanham as palavras!

Discípulo – Por quem devemos orar?

Mestre – Por nós mesmos, pelos Mentores de nossos parentes, pelos Mentores de nossos amigos, pelos Mentores dos necessitados em geral e, também, pelos Mentores de nossos inimigos.

Discípulo – Por que motivo devemos orar para os inimigos?

Mestre – Por 3 motivos:

1. porque são criaturas de Deus e, portanto, nossos irmãos, embora, pelo fato de nos odiar, estejam “fora da lei” de Deus;
2. porque, como críticos implacáveis de nossos atos e ações, nos ajudam a evoluir moralmente, alertando-nos sobre defeitos que, não raro, nos passam despercebidos e, muitas vezes, acobertados pela complacência dos amigos incondicionais;
3. porque, com a oração, podemos movimentar, em nosso favor, os Protetores de nossos inimigos, os quais, com auxílio dos “fluidos vitais” desprendidos de nosso perispírito, durante o “estado de oração”, terão mais forças para dominar seus protegidos convencendo-os, durante o sono, da conveniência de extinguir do coração o ódio que nos votam. E, muitas vezes, por força dessa doutrinação noturna, o irmão, que estava

inflamado de ira, acorda propenso à reconciliação! Todavia, se tal felicidade não acontecer, de toda forma, as orações feitas pelos inimigos, nos pouparão humilhações e sofrimentos no Além. Não foi à toa, pois, que Jesus nos aconselhou: "Amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem". (Mt.V,44)

Discípulo – Deus atende, sistematicamente, a toda oração feita com fé e fervor?

Mestre – Deus não atende pessoalmente a nenhuma oração partida da Terra, pelo simples fato de que nenhum homem tem **gabarito espiritual** para comunicar-se diretamente, por telepatia, com Deus. Em compensação, um número incalculável de Espíritos Superiores, em diferentes níveis hierárquicos, atendem prazerosamente, em nome de Deus, às orações das criaturas terrenas. Contudo, pelo fato de ser fervorosa, a oração não recebe, obrigatoriamente, resposta favorável. A oração não poderá derrogar as Leis de Deus. Para que seja atendida, é imprescindível que o pedido seja não só justo como conveniente à evolução espiritual do peticionário ou do pretense beneficiário. Com efeito, pedidos há, que, se fossem atendidos, trariam, em futuro próximo ou remoto, graves sofrimentos e tremendas decepções! Sem embargo, se a oração não puder ser atendida, pelo fato de ter sido sincera, terá, como resposta, uma renovação de força espiritual, que dará ao suplicante, coragem, paciência e resignação para sofrer, conformado, as provações terrenas. Pois Mestre Jesus já não ensinava que "Estreita é a porta e apertado o caminho que conduz à vida espiritual" ? (Mt.VII,14)

Discípulo – A oração paga tem algum valor?

Mestre – Nenhum valor, porquanto o que realmente vale, numa oração, é o sentimento desprendido do Espírito, durante a pronúncia das palavras. Quem ora estipendiado, ora da "boca para fora", sem a necessária pureza de sentimentos. Conseqüentemente, seu pensamento não terá força para alcançar um Plano Superior, onde Espíritos de grande elevação moral têm credenciais para atender, em nome de Deus, as petições terrenas. A oração, para ser válida, deverá ser feita com muita sinceridade e toda a discrição. É Jesus que nô-lo ensina: "Tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta, orarás..." (Mt.VI,5ss)

Discípulo – Conquistaremos, algum dia, a verdadeira felicidade?

Mestre – Sem dúvida, porque Deus, justo como não pode deixar de ser, não nos criou para permanecermos na ignorância de suas Leis, chafurdados no lodaçal de nossas próprias iniquidades: ao contrário, Deus criou-nos imperfeitos, mas perfectíveis mediante gradativa evolução espiritual, que, um dia, nos libertará de todo sofrimento, remédio para purgação dos Espíritos faltosos perante o Código Divino, como todos nós, encarnados na Terra. Conhecedor do valor do sofrimento para apressar à evolução dos Espíritos imperfeitos, Mestre Jesus já proclamou do topo da montanha: “Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados”. (Mt.V,4)

Discípulo – Deus perdoa nossos erros?

Mestre – Depende do modo de entender. Se, por perdão, se subentende a extinção gratuita do erro, então, Deus não perdoa, nem poderia perdoar o faltoso, sem, com isso, cometer grave injustiça contra aquele que sofreu as conseqüências do erro por outro perpetrado. Melhor do que o perdão, puro e simples, são as mil oportunidades que Deus dá ao pecador para redimir-se de seus erros e ressarcir os prejuízos causados a outrem. De fato, Deus concede-lhe tantas encarnações quantas forem necessárias para que o pecador pague, uma a uma, todas as dívidas contraídas com as Leis Divinas. Aliás, Mestre Jesus já advertiu: “Em verdade te digo que não ficarás livre, enquanto não pagares o último ceitil”. (Mt.V,26)

Discípulo – De que modo se reparam as faltas cometidas?

Mestre – Praticando o bem. Aplacando, com amor, o ódio provocado em nossos semelhantes. Não há outro caminho, embora haja muitas encarnações. Até que um dia, seguindo Jesus, “Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. (Mt.XXII,36 ss; Mc.XII,28)

Discípulo – A oração torna o homem melhor?

Mestre – Sem dúvida. A oração, quando sincera, estabelece contato telepático com Espíritos boníssimos, sempre dispostos a ajudar; e que, quando mais não possam fazer, inspiram bons pensamentos e bons sentimentos. Portanto, melhoram, pouco a pouco, aos que tem hábito de orar.

Discípulo – Quantas vezes, por dia, é conveniente orar?

Mestre – Orações com poucas palavras e muito sentimento devem ser feitas em diferentes conjunturas das lides diárias. Além da oração ao despertar, da oração ao deitar-se, da oração às

refeições, lucra-se muito quando se ora ao encetar uma viagem, ao chegar ao local de estudo, de trabalho, de comércio, etc. É bom que se lembrem de que nós vivemos cercados por uma multidão invisível, constituída por Espíritos heterogêneos, a maioria dos quais, atrasados e “caçadores de fluidos vitais”, que não poupam oportunidade para perturbar e tirar proveito da perturbação, que provocam, sempre que encontram campo propício, isto é, sentimentos que se afinam com os deles! A oração é o melhor antídoto contra os malefícios que essa categoria de Espíritos pode causar! Foi por isso, que Mestre Jesus recomendou: “Vigiai e orai”. (Mc.XIV,38)

Discípulo – É útil a oração feita para os Espíritos desencarnados?

Mestre – A oração, quando fervorosamente feita, leva, na radiação do pensamento, uma quota de “fluido vital” do perispírito de quem rezou. O fluido vital é, para o Espírito sofredor, o que é a transfusão de sangue para a vítima da hemorragia, e, para o Espírito Protetor, é mágico fortificante para as lides socorristas no plano terreno. Dentre os Espíritos desencarnados, muitos foram nossos parentes, nossos amigos ou nossos conhecidos – todos nossos irmãos e mercedores da nossa caridade. De resto, dentre os Espíritos desencarnados, encontram-se os nossos melhores amigos – aqueles que tudo nos dão e que nada nos pedem, senão o nosso aperfeiçoamento espiritual: os nossos Protetores. Diante disso, é fácil deduzir o valor da oração para aqueles que, não obstante despojados do corpo material, estão mais vivos do que nós, conservando com eles não só o amor que nos consagraram, como a capacidade de analisarem o nosso egoísmo e a nossa ingratidão!

Deus

Não só para os Espíritos encarnados como para os Espíritos desencarnados que vivem em nosso Planeta, Deus é incognoscível na aparência e na essência. Sem embargo, a limitação de nossas faculdades intelectuais para compreendermos Deus não nos impede, quando aliamos à sagacidade a humildade, de pressentirmos a onipresença do Criador nas mais mínimas manifestações da criação, ou seja: quando contemplamos o céu e deparamos com um número infinito de astros, de estrelas e de sóis; e quando sabemos que as distâncias que os separam de nós são tão desconhecidas que só podem ser medidas em anos-luz ou seja – o percurso efetuado por um raio de luz, à razão de 300.000 km por segundo, durante 365 dias. E mais: quando sabemos que a luz da estrela mais próxima da Terra – a alfa do centauro – demora quatro anos e seis meses para chegar ao nosso Planeta e que, em nossa própria galáxia, há estrelas cuja luz consome milhões de anos para alcançar a Terra, podemos imaginar a infinita extensão do Universo e concluir, logicamente, que o Criador é onipotente. E se restringirmos, para maior profundidade de conhecimentos, o campo de nossas observações e de nossas pesquisas científicas somente aos fenômenos ocorridos em nosso pequenino Planeta, sejam eles provocados por leis naturais ou pela força do pensamento dos Espíritos desencarnados, a incalculável sabedoria revelada na obra da criação em todos os reinos da natureza, sem exclusão das sapientíssimas leis que regem toda a fenomenologia terrena, concluiremos que, além de onipotente, Deus é, também, onisciente.

Além disso, como tudo que existiu, que existe e que existirá é efeito de uma força suprema – o pensamento criador de Deus – Deus está presente, como misterioso fluido vital cósmico, em tudo que foi por Ele criado. Por isso, podemos acrescentar que, além de ser Onipotente e Onisciente, o Criador está Onipresente em todo o Universo!

Em contradição, se reduzíssemos Deus, como figura na Bíblia e noutros livros considerados sagrados pelos sectários das respectivas religiões, às proporções humanas, com defeitos e virtudes que nos são inerentes, e, além disso, se O colocássemos como eventual habitante da Terra ou, mesmo, da atmosfera terrena, como poderia Ele confinado em mínimo recanto do Cosmo, ser o Criador e o Mantenedor do Universo?

Todavia, a despeito de ser Onipotente e Onisciente e de estar Onipresente no Universo, se não houvessem vínculos de Amor entre o Criador e as criaturas humanas, Deus seria alvo de nossa limitada admiração ou, talvez, de nosso pavor, nunca, porém, objeto de nossa adoração!

Mas, na realidade, esses vínculos de amor existem representados por duas sábias leis – a da reencarnação e a de causalidade moral, em obediência das quais todos os Espíritos temporariamente comprometidos com a Terra, uns nas primícias da evolução, outros nas culminâncias da perfeição e prestes a libertar-se do ciclo das reencarnações, estão sujeitos a intercalação de períodos de vida despojados do corpo material, embora revestidos, até a próxima encarnação, do mesmo perispírito, que lhe revestiu o Espírito na derradeira encarnação, gravando todos os pensamentos e sentimentos que lhe inspiraram o comportamento e que os conduzirão forçosamente para o plano espiritual que houverem merecido. A lei da reencarnação, além das oportunidades ao progresso moral e intelectual, incrementa a confraternização universal, porque, esquecido o passado, ninguém sabe se a pessoa que se aproxima foi, outrora, inimigo ou parente muito amado, de modo que, na dúvida, todos passam a considerar os semelhantes, independentemente de posição, de nacionalidade ou de credo religioso, como verdadeiros irmãos, criaturas de um mesmo Deus, com encarnações entrelaçadas em passado recente ou remoto.

De resto, do ponto de vista pessoal, a lei da reencarnação é autêntica dádiva Divina, porquanto sendo lei que nenhum Espírito encontre verdadeira paz, antes de pagar, até o último centavo, suas dívidas morais, o pagamento numa única encarnação acarretaria tamanha sobrecarga de sofrimentos que massacraria toda criatura contumaz na prevaricação das Leis Divinas. Ao passo que, com a pluralidade de vidas a dívida que não é resgatada, no Mundo Espiritual, após a desencarnação será paga numa ou mais encarnações futuras. De modo que o segredo da desigualdade dos destinos é decorrente da desigualdade de méritos e de deméritos de cada um.

De toda maneira, a lei de causalidade moral, atuante para Espíritos encarnados e para Espíritos desencarnados, prova que a Justiça de Deus se inspira, exclusivamente, no Amor do Criador por suas criaturas, de vez que a punição ou, noutros termos, a provação visa à correção dos Espíritos, a fim de que um dia possam merecer a felicidade que almejam.

Em síntese, conforme já proclamou o Grande Mestre Jesus de Nazaré, encarnado ou desencarnado, cada Espírito recebe de acordo com suas obras. Daí a desigualdade dos destinos durante a encarnação e a diversidade de planos espirituais, organizados aqui mesmo em nosso Planeta, nos quais um número incalculável de Espíritos faltosos sofrem terrivelmente e quando não conseguem corrigir-se e pagar as dívidas no Mundo Espiritual acabam implorando nova encarnação, durante a qual, esquecidos do passado, lutarão para a conquista de melhor futuro. Ao passo que milhões e milhões de Espíritos desencarnados, sujeitos à sábia e justa hierarquia, mereceram colaborar na execução das Leis Divinas, trabalhando na produção dos fenômenos naturais, cada qual no nível de evolução que conquistou e gozando a felicidade que mereceu.

Dessa maneira Deus se nos manifesta infinitamente justo e, como a sua Justiça se inspira no Amor, pois corrige para aperfeiçoar e aperfeiçoa para elevar o Espírito a planos de perene felicidade, torna-se evidente que sobre ser infinitamente Justo, Deus é infinitamente Bom.

Em conclusão: Deus que, como misterioso fluido vital cósmico está onipresente em tudo que criou, e continua a criar, é onisciente, onipotente, infinitamente sábio e infinitamente justo. Senhor absoluto de todo o Universo, Deus, pela sabedoria e magnanimidade das leis que regem o nosso destino, faz jus à nossa adoração e é a meta gloriosa que, um dia, ainda que nos custe milhares ou milhões de séculos de auto-aperfeiçoamento pretendemos alcançar!

Jesus de Nazaré

Na hierarquia espiritual de nosso Planeta, Jesus é, presente-mente, o Supremo Mestre e mais – o Governador espiritual da Terra.

Para cumprir a gloriosa missão que Deus lhe confiou, Jesus é assessorado por uma plêiade de veneráveis Mestres, que vivem com Ele, em sublime plano espiritual, organizado, como muitos outros de menor significação, fora da atmosfera que envolve a Terra.

Alimentados, segundo a revelação do Neo-espiritismo, com a absorção de emanções do fluido vital divino difundido em toda a Criação – fruto do infinito poder criador do pensamento de Deus – os Grandes Mestres, que labutam fora da atmosfera terrena, não carecem, para conservarem a integridade de sua personalidade, de nenhuma categoria de energia terrena. Basta-lhes a radiação do Criador, que absorvem através de microscópicos poros existentes no perispírito.

Além disso, para evitar que, não só Jesus como os Mestres que o assessoram, sejam afetados, no perispírito, pelo impacto de pensamentos e de sentimentos impuros, emitidos não só nas orações automáticas, marcadas pela aflição ou pelo desespero, sem prévio exame de consciência e esforço de absoluto controle emocional, como, sobretudo, nas vociferações dos ateus e dos revoltados contra o destino que, por justiça, lhes coube, imensa hierarquia de Espíritos sequiosos de maior evolução, servindo a Jesus, interceptam e destroem as mensagens originalmente contaminadas, antes que suas radiações prejudiquem o Mestre!

Sem embargo, dada a magnanimidade de Jesus, incessantemente incalculável número de Mensageiros, alguns da mais elevada hierarquia, depois de previamente revestidos com grosseiros fluidos isolantes, à guisa de mergulhadores, protegidos com resistentes escafandros, descem aos condensados planos espirituais terrenos, localizados nos mais díspares setores da Natureza, a fim de transmitirem orientações ou de praticarem a caridade.

Aliás, Jesus, criado por Deus exatamente como todos os Espíritos terrenos, intelectualmente ignorante e moralmente inocente, conquistou, em milênios de diuturnas lutas íntimas,

arrostando corajosamente os ditames da consciência, um grau de perfeição, que lhe asseguraria o direito de desvincular-se, definitivamente, da Terra e de ingressar em mundo mais perfeito, com prevalência do amor fraterno e sincera adoração ao Criador.

Todavia, frustrado pela inesperada e cruel interrupção de sua gloriosa missão, como Instrutor da humanidade e revelador de verdades eternas, que fariam a confraternização mundial, incrementariam a adoração ao Criador e tornariam todos os Espíritos, encarnados e desencarnados, muito mais perfeitos e, por conseqüência, muitíssimo mais felizes, Jesus, abnegadamente, preferiu permanecer ligado ao mundo que lhe foi tão ingrato e tão injusto, sem perder a confiança de que ainda poderá salvá-lo da total destruição apocalíptica. E poderá, se os desumanos potentados, que desvirtuaram as descobertas inspiradas aos cientistas da Terra pelos cientistas do Além, com a finalidade de curar doenças até hoje incuráveis e de multiplicar o progresso com nova tecnologia e fantásticas energias, não utilizarem a dádiva divina para extinguirem a vida e despedaçarem o Planeta!

Mas, de qualquer maneira, a única esperança está em Jesus, que não encarnou para salvar a humanidade com sua morte infamante e horrivelmente injusta, mas para transformá-la pela purificação de seus sentimentos, pela doutrina que pregou e pelos exemplos que nos legou e pelos luminosos ensinamentos, que mal esboçou!

Os Senhores do carma

Afirmam os Mestres que me revelaram o Neo-espiritismo, que, no que concerne à Terra e, provavelmente, no que tange a todo o Universo, Deus comanda toda a sua maravilhosa criação com a colaboração de incalculável hierarquia de Espíritos, nos mais díspares níveis de evolução, destacando-se, dentre eles, muitos sapientíssimos e moralmente perfeitíssimos, verdadeiros semi-deuses, com plenos poderes para aplicarem, em todos os reinos da Natureza, as sábias Leis Divinas que os regem.

Dentre esses Espíritos gloriosos, que, arrostando a própria consciência, em multimilenar luta íntima, conquistaram a desejada perfeição, incluem-se os Senhores do Carma, planejadores dos destinos humanos, credenciados pela experiência adquirida em milhares de séculos de provações terrenas. Libertados, por seus méritos, do ciclo das reencarnações, os Senhores do Carma, da mesma maneira que milhões de Grandes Mestres, vivem em sublimes planos espirituais, organizados no espaço interplanetário, fora da atmosfera que envolve a Terra. Com efeito, alcançada a perfeição dos Grandes Mestres, o Espírito puro não carece, para a conservação de sua personalidade, da assimilação de nenhuma forma de energia inerente ao nosso planeta: basta-lhe a absorção do fluido vital divino – fonte da vida – presente em tudo que foi criado por Deus!

Aliás, não obstante não ter sido ainda detectado por nenhum instrumento da atual tecnologia, talvez não tarde muito que se descubra que o segredo da vida – seja ela mineral, vegetal, animal, hominal ou espiritual – reside na absorção, no ato da divina criação, de uma quota do misterioso fluido vital divino, que é a essência mesma da vida em suas cinco modalidades já mencionadas.

Intérpretes da Justiça Divina, os Senhores do Carma, dotados de todas as faculdades extra-sensoriais, sem exceção da clarividência, da precognição e da retrocognição, depois de analisarem, não só o passado recente como o remoto e de compararem os méritos e os deméritos acumulados em sucessivas encarnações, identificando, ao mesmo passo, as fraquezas morais, que, repetidamente, levaram-no ao fracasso em diferentes encarnações, planejam o destino da futura encarnação de molde a fortalecer, com adequadas provações, os pontos vulneráveis do

Espírito prestes a reencarnar. É obvio que, ao planificar o destino do Espírito que implorou a Deus a misericórdia de nova encarnação, o objetivo do Senhor do Carma, que, provavelmente por afinidade de remotas encarnações, assumiu, perante Deus, a responsabilidade de expurgá-lo de arraigadas mazelas morais e incrementar-lhe o desejo de conquistar sabedoria e virtudes – virtudes e sabedoria que lhe abreviarão o ciclo dos sofrimentos purgatoriais, cumprindo ora como Espírito encarnado, ora como Espírito desencarnado.

Na verdade, o problema da reencarnação é muito mais complexo do que, à primeira vista, se nos afigura. Exceção feita para as encarnações compulsórias, nas quais, nem os pais, nem o futuro filho são previamente consultados, nas encarnações normais o processo é mais complicado. De fato, em primeiro lugar, retirados do corpo físico, durante profundo sono noturno, por Mensageiros dos respectivos Mentores, o Espírito do futuro pai e da futura mãe são levados à presença de seus Mentores e, por eles, consultados se concordam em receber, como filho, o Espírito pretendente à reencarnação. Se houver anuência, os Mentores dos futuros progenitores comunicarão o fato ao Senhor do Carma, que deseja solucionar o problema.

O passo seguinte será o encontro do Espírito pretendente à encarnação com os Espíritos dos futuros pais, momentaneamente libertados do corpo físico, por Mensageiros de seus respectivos Mentores. Realizada a entrevista, com a presença, inclusive, do futuro Mentor do candidato à reencarnação, um Mensageiro do Senhor do Carma revelará a planificação feita para aquela encarnação e, concomitantemente, o Mentor do pretendente à reencarnação, assumirá o compromisso de ampará-lo em todas as provações, desde que possa sintonizar-se com os sentimentos que o conduzirá em cada situação, que, futuramente se lhe apresentará, consoante o esquema de seu destino. Tudo confirmado, o Senhor do Carma mobilizará grande número de seus subordinados, dentre eles cientistas e, especialmente geneticistas, que estarão presentes na alcova, do casal espiritualmente comprometido, no máximo duas horas depois da cópula, a fim de selecionar o espermatozóide, cujos genes, combinados com os do óvulo da genitora, dará formação de um corpo carnal exatamente igual ao que fora planificado pelo Senhor do Carma, em nome de Deus.

De modo que, no destino humano, não há acaso – tudo é planificado pelo Mundo Espiritual. Caso contrário, de nada

valeriam méritos e deméritos e a Justiça de Deus seria uma falácia. Espíritos inocentes correriam o risco de nascerem com doenças hereditárias ou com defeitos congênitos, e Espíritos criminosos, assassinos, provocadores de abortos, ou falsificadores de documentos, e outros crimes, que redundaram de enormes prejuízos, para seus semelhantes, invés de nascerem, como nascem, mutilados, retardados mentais etc., nasceriam perfeitos, em flagrante contradição com as Leis Divinas, as quais mandam amar ao próximo e complementa: não façais a outrem o que não quiserdes que se vos faça!

Como se infere a diversidade dos destinos, que, à primeira vista, se nos afigura injustificável arbitrariedade do Criador, é, ao contrário, prova de equidade e de justiça, porque, considerado o passado dos Espíritos encarnados, ver-se-á que, quanto ao destino, cada um recebeu exatamente de acordo com o seu comportamento em vidas anteriores e que suas dívidas estão sendo resgatadas, até o último centavo, com os irmãos que outrora prejudicou, para extinguir ódios e rivalidades e incrementar o amor fraterno entre todos, com proveito indiscriminado, porquanto estimula a evolução e abrevia o ciclo das provações, com a conquista de planos espirituais nos quais prevalece indescritível felicidade!

Elo perdido

Mestre – Os seres que se manifestam designam-se a si mesmos pelo nome de Espíritos e dizem haver pertencido a homens que viveram na Terra. Eles constituem o Mundo Espiritual como nós constituímos, durante a encarnação, o mundo corporal. É o que nos ensina a Doutrina. E mais: Deus criou o Universo com todos os seres animados e inanimados, materiais e imateriais: os seres materiais constituem o mundo visível ou corporal e os seres imateriais o mundo invisível, o mundo dos Espíritos; o mundo dos Espíritos é o mundo normal, primitivo, eterno, preexistente e sobrevivente a tudo; o mundo corporal é perecível, poderia deixar de existir ou nunca ter existido, sem alterar a essência do Mundo Espiritual.

Discípulo – Muito bem. Eu gostaria de saber, ante a criação do Universo, como se enquadra o aparecimento do homem. É possível?

Mestre – Sim é possível. Vejamos: para mais rápida evolução no que toca ao plano existencial da Terra, o Espírito eterno é, periodicamente, unido a um organismo físico mediante ligação do perispírito com todos os neurônios do córtex cerebral e das diversas estruturas subjacentes, inclusive com o cerebelo, protuberância, bulbo e medula espinhal e emite radiações que, por intermédio de filetes nervosos, dão vida a todas as células do organismo e formam um duplo etérico do corpo físico. De sorte que vida e morte dependem do teor de energia vital da orla exterior do corpo espiritual que o Mestre Allan Kardec denominou perispírito.

Discípulo – Mas o homem não provém do macaco?

Mestre – O verdadeiro homem, o Espírito eterno, não proveio da evolução filogenética do macaco, embora a conformação do corpo físico humano esteja ligado à árvore genealógica dos antropóides. Com efeito, quando os antropóides, depois de milhões de anos, adquiriram um nível de evolução compatível com a união de primitivos Espíritos humanos, foram trazidos, de outros planetas. Espíritos, que lá viviam desencarnados, auferindo como alimento para seu Espírito as radiações emanadas por esses planos vivenciais. Aqui chegados, foram, a princípio, ligados às diversas fontes de fluido vital existentes na natureza de nosso planeta, seja no reino mineral, seja no reino vegetal, seja, final-

mente, no reino animal – tudo de acordo com as vibrações da aura que os envolvia. Posteriormente, à medida que o pensamento incipiente e os sentimentos desses Espíritos para cá transferidos foram se definindo, gradativamente, um número cada vez maior desses Espíritos primitivos, foram desligados das fontes de fluidos vitais existentes nos três reinos da natureza e ligados, pelos Espíritos Missionários, responsáveis pela transferência para a Terra, ao ovo recentemente fecundado de inúmeros hominídeos, de tal sorte que, dessa geração em diante, os hominídeos deixaram de ser macacos, para se tornarem macacos-homens, dotados de Espírito humano. Desse dia em diante a evolução do macaco para o homem se processou durante centenas de milhares de anos, com a correção da postura no sentido da verticalidade, o desenvolvimento da massa encefálica e, conseqüentemente, da inteligência, aprimoramento estético e funcional da anatomia corporal, com dotação do aparelho da fonação e manifestação da linguagem articulada, surgindo, assim, o *Homo Sapiens*. Donde se infere que, não obstante, o Espírito humano haver sido enxertado no tronco dos macacos, o homem não descende do macaco senão pelo corpo físico, sendo o Espírito criação direta de Deus. Houve, no decurso da evolução ontogenética, uma apropriação dos meios aos fins, sem que o verdadeiro homera, que é o Espírito eterno, provisoriamente encarnado, seja, de fato, um descendente do macaco.

Discípulo – Então o homem é um composto?

Mestre – O homem é de fato um composto: composto de corpo e Espírito. O corpo carnal é animado por um fluido específico, o fluido vital humano, enquanto nos animais a vida depende de um fluido vital animal. A radiação do Espírito por todas as células do organismo dá ao corpo espiritual a forma anatômica do corpo físico.

Discípulo – Esse corpo espiritual não se esvai?

Mestre – Não. Esse corpo espiritual é protegido por uma zona semimaterial – o perispírito, que por sua vez protege o Espírito, transcende os limites da superfície do corpo físico, é semimaterial e “poroso” e tem duas funções: primeira: dá passagem às radiações cósmicas que “alimentam” o Espírito, mantendo-o energeticamente equilibrado, segunda: permite a eliminação dos detritos dos sentimentos negativos, expulsos pelo arrependimento do erro cometido e, em maior quantidade, pelo êxtase da oração.

O Espírito não é, portanto, um ser abstrato, que só o pensamento pode conceber. É um ser real, circunscrito, que, em certos casos, pode ser comprovado, pela visão, pela audição e pelo tato, porque se materializa.

Discípulo – Os Espíritos têm oportunidade de aperfeiçoar-se?

Mestre – Todos os Espíritos têm oportunidade de aperfeiçoarem-se, ascendendo na hierarquia espiritual. Esse melhoramento pode e deve ser incessante, quer o Espírito esteja encarnado ou desencarnado, pois no “outro mundo”, além da rígida disciplina que prevalece, com quedas de plano, após cada erro, e ingentes esforços para a reabilitação e reconquista da primitiva posição, há muitas oportunidades de trabalho em proveito próprio e em favor de outrem, encarnados uns, desencarnados outros, porém, irmãos perante o Criador.

Discípulo – Qual a finalidade da reencarnação?

Mestre – A finalidade da reencarnação, com suas provas, é a conquista de maior aperfeiçoamento moral e intelectual. Dependendo do grau de evolução, há Espíritos que, paralelamente à aquisição de novos valores espirituais, exercem certa missão em favor do progresso da revelação das Leis Divinas. São, pois, encarnações exclusivamente por missão. A missão é cumprida simultaneamente, com o pagamento das dívidas morais de anteriores encarnações e com a aquisição de novas virtudes. Caso contrário, os mais evoluídos agravariam seu carma, padecendo provas imerecidas, em proveito alheio, quando, na verdade, a Lei é que cada qual faça por si e receba de acordo com suas obras, embora possa, e deva ser amparado pela caridade dos que, sem prejuízo próprio, possam ajudá-los. Como se infere, a encarnação terrena é magnífica oportunidade, para o esquecimento dos erros do passado e para o pagamento das suas dívidas, embora, ao desencarnar, o Espírito novamente se recorde dos motivos das provações terrenas e, se fracassou, ajuste contas com a própria consciência, que o acusará. Desencarnados, os Espíritos se atraem mutuamente pela lei de afinidade: os bons se juntam com os bons; os maus se agrupam com os maus. Os bons estão distribuídos em diversas organizações, trabalhando para o bem comum; os maus estão amotinados, em malta de malfeitores, transformados em famintos “caçadores de fluidos”, quando não em perigosos “vampiros”, que “sugam” as energias vitais do sangue do homem ou dos animais!

Discípulo – Um Espírito pode animar diversos corpos nos reinos da natureza?

Mestre – Não, não há metempsicose. Mas há um número incalculável de Espíritos, que, por falta de espiritualização e em benefício próprio, estão magneticamente ligados aos mais diversos animais, usufruindo-lhes os fluidos vitais, mas sem liberdade de afastarem-se deles, sob pena de sofrerem sensação de lipotimia ou, mesmo, de síncope, pela falta de fluidos, que seriam dispensáveis, se, durante a encarnação terrena, houvessem tido religião e fortalecido o Espírito com a barganha de fluidos proporcionada pelas orações proferidas com sinceridade e humildade.

Discípulo – Um Espírito depois de conseguir relativa felicidade pode cair de plano?

Mestre – A despeito da generosa dádiva divina representada pela palingenesia, que dá ao Espírito incontáveis oportunidades de evoluir moral e intelectualmente, há muitos Espíritos, que, por sua obstinação nos erros e nos vícios, ao invés de progredirem ininterruptamente, estacionam ou retrogradam, caindo para planos purgatoriais ou infernais, depois de haverem estado em planos de relativa felicidade. Mas, de toda maneira, a dor e o arrependimento se encarregarão de chamá-los à razão e de conduzi-los novamente à senda do auto-perfeiçoamento.

Discípulo – O Espírito desencarnado pode recordar todo o seu passado?

Mestre – Ao desencarnar, o Espírito conserva os valores morais e a sabedoria que conquistou nas lides terrenas e, além disso, conserva sua individualidade. Mas, de modo algum, relembra todo o seu passado. Para que se recorde de uma ou mais encarnações anteriores é mister que haja prévio consentimento do Mentor, que foi seu principal Protetor, durante a derradeira encarnação, e que continuará a sê-lo até a época de iniciar-se a preparação do perispírito para nova encarnação. Além disso, é necessário que haja, do ponto de vista evolutivo, real vantagem na referida recordação. Mas, de um modo geral, a rememoração de anteriores encarnações é apanágio dos Mestres, Espíritos Superiores, que analisam as fraquezas morais e os erros do passado remoto sem se perturbarem. Ao contrário, com reviver o passado, sentem, mais uma vez, o valor do sofrimento corretivo e a sabedoria da Lei de causalidade moral, que dá a cada Espírito exatamente o destino que merece.

Discípulo – As relações dos Espíritos com os homens são constantes?

Mestre – Sim, os Espíritos bons nos intuem à prática do bem e nos confortam moralmente com as radiações que emitem; os Espíritos maus nos intuem para o mal e, quando encontram similitude de sentimentos, nos impulsionam à prática de atos degradantes.

A atuação oculta constata-se pela influência que, sem o sabermos, eles exercem sobre nós, cabendo-nos discernir, pelo uso da razão e do bom senso, as más das boas inspirações.

A atuação ostensiva realiza-se por meio da palavra, da escrita ou por quaisquer outras manifestações materiais, dependendo das qualidades morais e dos padrões de mediunidade do médium que lhes serve de instrumento.

É sempre inconveniente evocar determinado Espírito, a menos que, em espontâneas manifestações, o Espírito já se tenha identificado e que haja demonstrado possuir conhecimentos úteis à nossa evolução espiritual.

Os Espíritos são atraídos para certo ambiente em razão da afinidade de sentimentos. Os bons para ambientes austeros, nos quais os princípios morais iluminam a prática da caridade; os maus, para ambientes de sórdidos sentimentos, sem desejo do aperfeiçoamento moral.

A moral dos Espíritos Superiores é a de Jesus: “Procedei com os outros como desejáreis que eles procedessem convosco” ou, a recíproca: não façais aos outros o que não quiserdes que se vos faça!

Porque o Espírito chora ao nascer

No momento da reencarnação, o Mentor do Espírito reencarnante mostra-lhe, em quadros pictográficos, todo o curso de seu destino na encarnação que se inicia, razão porque ele chora, temendo fracassar. Essa é a regra geral, mas existem muitas exceções.

Há os que choram, é o mais comum, porque perdem o contato com o Mundo Espiritual, onde eles estavam relativamente bem; é a hora em que apagam-se-lhes todas as lembranças da vida passada para iniciar uma vida nova, onde eles têm a impressão de que vão ficar sós no campo da luta que recomeça, na qual a saudade aperta mais forte que o dever que o chama à prestação de contas para os pagamentos dos débitos dentro da corrente da fraternidade na nova encarnação.

Há os que não choram e vêm cianosados, precisando urgente socorro; estes estão asfisiados física e espiritualmente, pelo peso do remorso e o receio de novamente fracassarem nas lutas que se vão reiniciar. Esses vão chorar às custas da célebre “palmadinha” do médico – hora em que a maioria dos parteiros, sem o saber, emanam uma quota de fluido vital, fortalecendo e encorajando assim, os Espíritos reencarnantes que se vêm sós, ante o campo de lutas que vão enfrentar.

Lutas morais para com elas pagarem seus débitos da penúltima encarnação. Sentem-se sós, porque ao tomarem o primeiro alento de vida, como reencarnados apagam-se-lhes, como já dito, todas as lembranças do tempo em que estiveram desencarnados no Mundo Espiritual – período em que, mesmo em meio aos seus sofrimentos, não deixaram por um só instante de contar com a ajuda e a proteção dos amigos que irão, doravante, acompanhá-los como Protetores durante a nova vida. Isto porque tanto o desencarne como o reencarne é cercado de todo o cuidado dos respectivos Mentores e dos grandes Mestres. Quando os Espíritos não choram, estando eles, bem de saúde e não havendo nenhum problema, não há razão para que chorem; é uma indicação de que os Espíritos reencarnantes são portadores de grandes méritos e merecedores de todo o respeito e carinho. Eles vêm trazendo inclusive, em seus semblantes serenos, o retrato de sua força espiritual. Esses vêm tranqüilos, confiantes e conscientes das lutas a enfrentar pelo amor ao próximo. São Espíritos missionários,

Benfeitores da Humanidade. Esses vêm aureolados da força do amor e se porventura, o médico lhes quizer fazer chorar às custas da “palmadinha”, seus Protetores não deixarão, desviando-lhes a atenção para que eles nasçam nas mãos de quem só tenha amor também. Na distração do médico responsável, às vezes, é um parente, médico amado, que os ampara em seus nascimentos, fortalecendo-os no fluido de seu amor, para que seus corpos espirituais não sejam maculados por fluidos incompatíveis com sua evolução.

A influência da música e dos “cantos de iniciação” nas sessões Neo-Espíritas

A mágica atuação da música sobre os estados emocionais é um fato de observação. Depende, apenas, de mínima dose de sensibilidade musical. E isto todos possuem. Uns, em maior, outros em menor grau. Portanto, não é privilégio de ninguém. A hipersensibilidade estética dos gênios da música, sim; essa, é apanágio dos eleitos da Musa. Sem embargo, a parcela que toca ao comum dos mortais chega de sobra para que todos sintam a influência da música sobre os estados psíquicos e emocionais. Até mesmo nas pessoas incultas e broncas podemos observar, a cada passo, o irresistível poder sugestivo do ritmo. Os “cantos de trabalho” e as “cantigas de ninar” são eloqüentes exemplos. Nos primeiros, os estímulos da dinamogenia incrementa o trabalho muscular e suaviza a estafa; nas segundas, a monotonia do ritmo obriga à inibição cortical, com manifestação do sono.

De resto, quantas vitórias bélicas se devem aos hinos guerreiros, à música marcial? E quantas ideologias venceram impelidas por canções patrióticas? E a explicação é fácil.

A música toca no ponto mais vulnerável da personalidade humana: os estados afetivos. Conta J.J. Rosseau, no “Dictionnaire de la musique”, que Timóteo, célebre músico grego, se gabava de modificar, a seu talento, o estado emocional de Alexandre Magno, enfurecendo-o, ou comovendo-o até ao pranto, consoante tangia a lira à moda frígia, ou à maneira lídia. Aliás, na rotina da vida cotidiana, exemplos equivalentes são encontrados. Para quebrar a monotonia de certos ambientes modorrentos, basta muita vez a alacridade de certos ritmos acelerados. Sobrecenhos carregados, fisionomias carrancudas diluem-se em sorrisos comunicativos. Dedos nervosos vibram freneticamente, tamborilando nos móveis. Agitam-se os pés, tremelicando os membros, sacudindo o corpo todo num ritmo febril... Espancado pelas vibrações sonoras, o tédio volatiliza-se como por encanto. Enfado, preocupação, pensamentos perversos, tristezas crônicas, tudo, desvanece a magia dos sons, naquele momento.

Agora, o reverso. No ambiente de boemia, abafa-se, de repente, a algazarra. Há um arrepio caricioso no ar. Uma melodia suavíssima impregnou o ambiente. Risos alvares derretem-se, fundidos pela emoção. Máscaras cômicas transfiguram-se em

semblantes meditativos. Se um ou outro continua indiferente, insensível, é porque está absorto na conversa fútil do momento. Contudo, a maioria sente a influência magnética da música. Os estigmas da emoção estampam-se-lhe na face. São fatos de observação. Não há negar. A influência psíquica da música é inelutável. Até nos momentos trágicos se manifesta. Do desastre do "Titanic" muitas pessoas se salvaram porque permaneceram a bordo, até ao derradeiro momento. O pânico, no entanto, só foi dominado graças à orquestra do transatlântico!

Aliás, o efeito da música é tão intenso que jamais fora menosprezado por qualquer civilização. Exagerado, tem sido. Negado, nunca. O próprio Homero não relatou a cura de Ulisses, ferido pelos colmilhos dum javali bravo, pela influência da música mágica?

Esculápios também os há, antigos e modernos, que confiam na ação da música, como método terapêutico. É fácil respigar comprovantes. A história da Medicina está recheada deles. Aqui, é Célio Aureliano a apreçoar as virtudes da meloterapia no tratamento das feridas; ali, é Crísipo, médico de fama, preconizando a música na cura da epilepsia; acolá, surge o vulto venerável de Ateneu de Ataléia, o fundador da escola pneumática, a prescrever música na dor ciática e na gota; mais além, vislumbra-se Paulo Cornélio Celso a pontificar, no tempo de Augusto, a meloterapia no tratamento das moléstias nervosas e da loucura, em coincidência, aliás, com as idéias de Empédocles e Teofrasto. Para que prosseguir? A antiguidade é tão pródiga desses exemplos! Mas, modernos existem também, que são apologistas do método. Laborde, na França; Ball, na Alemanha; Méndez, na Espanha; Francaviglia, na Itália, todos reconhecem, na música, uma influência psíquica intensíssima, de que se deve lançar mão, em muitas circunstâncias clínicas. Entre nós, já se nota simpatia pelo método.

Em brilhantíssima conferência realizada na Associação Paulista de Medicina, Mário de Andrade cita um caso, que lhe relatou o Dr. Nery Siqueira da Silva, a respeito dum louco furioso, internado em Juqueri, o qual recobrou a calma e melhorou rapidamente, desde que lhe consentiram tocar o seu instrumento favorito – o violino. ("Namoros com a Medicina" – 1939, pág.38).

É exatamente nos domínios da neurologia e da psiquiatria que se colhem os melhores frutos, asseguram testemunhos idôneos.

Nunca a meloterapia teve tanta fama, porém, como na cura do envenenamento pela picada de cobras e de aranhas. É célebre a cura do “tarentismo”. Trata-se duma síndrome nervosa provocada pela picada da tarântula, aranha que abunda sobretudo nas proximidades de Taranto, na Itália. Os sintomas se assemelham muito a certas manifestações histeriformes. Foi Baglivi quem, em 1696, publicou o primeiro trabalho a respeito. Deve-se, contudo, a Greffrey, na comunicação que fez à Academia de Ciências de Paris, a melhor descrição da intoxicação e do tratamento pela música. É inegável que, nas vítimas da aranha, quiçá em consequência da hiperestesia dos sentidos que o veneno determina, o ritmo musical exerce, uma influência incontrastável. Sobretudo os ritmos acelerados. O doente dança freneticamente, horas e horas consecutivas, até cair exausto. Dorme, então, profundamente, e, quando acorda, está salvo. É lógico que a transpiração abundante constitui o fator primordial da cura. Mas também é fora de dúvida que a música excita sobremaneira as vítimas do “tarentismo”, que se tornam sempre “dune grande impressionabilité”, conforme frisa Lathoud (“Matière Médical Homéopathique, vol.III, pág. 1257”).

E foi, na opinião dos estudiosos, das pesquisas dos tons mais excitáveis, daqueles capazes de arrancar do torpor as vítimas da tarântula, forçando-as a saracotear horas a fio, que nasceu a “tarantela”, tão grata aos napolitanos.

Entretanto, a terapêutica musical jamais teve maior apologista que um tal João Pota, físico napolitano do século XVI, “professor de ótica, magia mnemônica, fortificações e, sobretudo, autor dramático”, títulos estes a que se pode acrescentar, sem cerimônia, o de refinado cabotino. Este portento erigiu a música à categoria de panacéia universal, propondo-se curar todas as moléstias imagináveis com sua miraculosa “música iátrica”, executada em flautas de madeiras medicinais.

Em que pese, porém, o exagero de certos entusiastas, não se pode negar a influência psíquica da música. Ela bolee no coração. Mexe com os sentimentos. Enternece. Comove. Acalma os nervos. Outras vezes, enfada, irrita. O grande segredo da música reside no fato de não ser compreendida, mas “sentida”. Os sons, a despeito de matematicamente combinados, não dão margem a qualquer estado representativo, não têm expressão intelectual. Por isso mesmo, o dinamismo da música como que se concentra todo sobre os estados afetivos. Para ter representação intelectual, a música se associa ao texto. Subordinada, porém, à letra, a música

perde, em parte, o poder sugestivo. Porque, então, prepondera o “sentido” do canto. Assim: sambas existem que, isolados, despidos da letra, sem acompanhamento da palavra, são agradáveis, embora excitantes, como todo ritmo precipitado. Mas, de parceria com o canto, dominado pelo “sentido” das palavras, escravizados a versos capengas, ou sufocados num palavreado caçanje, os sambas perdem grande parte do valor intrínseco da música. A letra inibe o dinamismo do som. Uma música que, sozinha, agradaria, mal acompanhada, provoca tédio, irrita.

Músicas existem que, despidas da letra, livres da expressão intelectual do canto, têm valor universal: falam ao sentimento e estimulam a imaginação; mas não dirigem o pensamento, não impõem idéias. Nestas condições, em se tratando de música religiosa, por exemplo, ela tanto pode servir ao Catolicismo, ao Protestantismo, ao Espiritismo ou ao Neo-espiritismo. A inspiração não é apanágio de nenhuma religião – é fruto da sensibilidade artística do compositor. Médiun, ele capta, consciente ou inconscientemente, a mensagem telepática do Espírito músico, que o assiste, materializando-a na música que compõe.

Na realidade, a música não é patrimônio de nenhuma seita: é dádiva universal. A mesma música que, intelectualizada pelo canto, serve a determinada religião ou seita, despida da letra e executada na pureza integral de suas vibrações instrumentais, pode servir perfeitamente, a quaisquer outras, porque não é privilégio de ninguém – é doação à Humanidade!

De resto, não é supérfluo encarecer a admirável ação sugestiva da música. Excitando a imaginação em consequência das modificações que provoca nos estados afetivos, a música, de conformidade com suas qualidades melódicas, pode sugerir idéias mais ou menos sublimes, consoante a evolução espiritual de quem a escuta.

Disso mesmo nos dá apoio uma formosa página de René Bazin. Em ouvindo, duma feita, famoso pianista, confessa o acadêmico francês que a música, ao invés de um gozo puramente estético, lhe despertara a imaginação, sugerindo-lhe efeitos literários, e estórias que, certamente, não haviam ocorrido aos compositores das melodias que vinha de escutar. “J’ai presque honte de dire – escreveu Bazin – J’ai presque honte de dire que la belle musique produit chez moi effects littéraires et que j’imagine en l’ecoutant des histoires aux quelles surement ni Beethoven ni les autres n’avaient jamais songé” (A. Delpech – “L’emotion musicale et le

piano" – Paris – 1916, pág. 21). Aí está. Esta faculdade de ampliar o poder imaginativo, consoante o temperamento e a esfera de atividade intelectual de cada um, conforme se depreende da confissão um tanto tímida desse escritor consagrado, constitui, na verdade, a característica essencial do valor estético da música, e a razão fundamental do seu prestígio em todas as civilizações. Não era sem razão que Leonardo da Vinci, músico, pintor, escultor, artista genial, êmulo de Miguel Angelo, "mantinha uma orquestra a tocar enquanto ele retocava o sorriso flutuante da Gioconda"...

De remota antiguidade é a lenda de Orfeu, "o vivificador da Grécia sagrada", na expressão autorizada de E. Schuré ("Os Grandes Iniciados", vol.2 pág. 8). Pois bem, já naquele tempo não se afirmava que, ao som da lira do mago, os rios suspendiam o curso para não perturbá-lo com o murmúrio de suas águas; que as feras vinham, fascinadas, repousar docemente, ao pé do artista; e mais que tudo isso, que os acordes suavíssimos de sua música enterneceram, comoveram e venceram a maldade dos Espíritos infernais, a ponto de lhe restituírem eles sua noiva, morta e condenada ao Tártaro, sua amada Eurídice?

Lenda ou verdade, o fato demonstra que, pelo menos desde as épocas mais primitivas era crença geral que a música possuía tais virtudes que dominava a natureza, vencia as feras e comovia os "deuses infernais"...

Ora, falando ao coração, transfigurando os estados afetivos, é evidente que a música não poderia deixar de possuir profundo efeito místico. O misticismo depende, na realidade, de dois estados afetivos, ou, melhor, emotivos, muito intensos e aparentemente contraditórios: o pavor e o amor. Pavor – nas mentalidades primárias, amedrontadas sempre com as mais comezinhas manifestações das leis naturais, enxergando, em tudo que de mal acontece, a "vingança" de um ou mais deuses implacáveis; amor – nos Espíritos evoluídos, que já vislumbram, nas leis naturais, a manifestação de uma Inteligência, sábia e justa, e já deduziram, logicamente, que o progresso e a felicidade que almejam estão subordinados à leis imutáveis, em harmonia com as quais terão de agir, se de fato aspiram libertar-se de existências atribuladas, à guisa das que se vivem em mundos de correção e de aperfeiçoamento pela dor, como no precioso planeta que, revestidos de corpo físico, temos a ventura de habitar. De sorte que há, realmente, um misticismo de ignorância e outro de sabedoria. Um que apavora, porque mete tudo a conta de "vingança divina"

risum teneátis?; e outro que, em tudo, vê Divina Sabedoria (com letra maiúscula).

Ambos os misticismos são estados d'alma intensíssimos. Ora, a música atua poderosamente sobre os estados psíquicos. Logo, a música age sobre os estados místicos, também. Coloco de lado, no entanto, a prova lógica, porque prefiro os fatos. Partirei dos povos primitivos para os mais civilizados. Veremos como a música esteve sempre associada ao culto, embora, nos primitivos, prevaleça o ritmo, ao passo que, nos civilizados, predomina a melodia. Dentro de nossas fronteiras existe abundante material para preciosas observações concernentes à influência do ritmo nos cultos africanos e indígenas. Sabe-se que as religiões são naturalmente dogmáticas. Infensas às inovações, permanecem, através das gerações, estagnadas dentro de certos princípios e escravizadas a certos rituais.

Por isso mesmo, a emigração forçada do africano transportou, para nossa Pátria, vários cultos primitivos, muito semelhantes, de resto, sob vários aspectos. A seara é farta. Focalizo, de relance, os fatos. Uma coisa é certa: a música é parte integrante, não só nos rituais africanos, como também nos de todos os primitivos. Assim afirmam os etnólogos de maior reputação. No culto dos gêgengagôs, o mais em voga entre os africanos do Brasil, o tambor é o instrumento sagrado. É o "atabaque" que marca o ritmo do "batucagé". Ritmo variável, de acordo com a cerimônia e conforme o "santo" invocado. Há ritmos molengos, repetidos interminavelmente no mesmo tom, que entorpecem e convidam ao sono. Também os há céleres, excitantes, que fazem vibrar todas as fibras nervosas das "filhas de santo".

Excitada pelo ritmo dos "atabaques", é iniciada a dança "numa espécie de fúria crescente" até "cair no santo", isto é, até a incorporação do Espírito.

"É a música – escreveu Nina Rodrigues – é a música que, em regra, provoca o estado de santo" (*L'Animisme fétichiste* – 1900, pág. 82).

Note-se, porém, que nem todos os ritmos têm o mesmo valor místico. Alguns são decisivos; outros não. O toque "adarrum", por exemplo, é irresistível, opinam os adeptos. Quando o "santo" não se quer manifestar, é tocar o "adarrum" e vê-lo logo "tomar" uma "filha de santo". Não há santo que lhe resista. Citando o testemunho do Dr. Hosannah de Oliveira, afirma o professor Arthur Ramos que "a possessão" pelo "estado de santo" alcança

com o toque do “adarrum” até pessoas estranhas ao culto. (“O negro brasileiro” -1934 – pág. 163).

Boas razões tinha um sábio etnólogo, Levy Bruhl, quando escreveu: “O tambor tem, pois, independentemente de seu efeito psicológico, bem conhecido dos indígenas, uma ação mística própria”. (“Le surnat, et la nat, dans la ment. primit.” – 1931 – pág. 135).

Contudo, a influência mística do ritmo não se observa somente nos primitivos, não! Na Grécia, berço duma esplêndida civilização, a música, a par de seu significado estético, teve um valor ético.

O valor moral da música – o “ethos” – dependia do Ritmo, do Gênero e do Modo. “Tal música – escreve uma autoridade no assunto – tal música em tal ritmo, tal modo e tal gênero era nobilitadora. Tal outra sensualizava. Tal envelhecia e tal fortificava os moços. tal era religiosa e tal não, etc.” (Mario de Andrade – Hist. da Música – 1942 – pág. 30).

Padrão de música religiosa grega era o “nomos”, cuja influência advinha da própria origem que lhe atribuíam: a comunicação dos “deuses” ou, melhor, dos Espíritos com certos artistas privilegiados, dotados de mediunidade auditiva.

Toda gente sabe, entretanto, que o Nomos Pítico e Ditirambo – o primeiro dedicado a Apolo e o segundo a Dionísio – exerceram soberba fascinação na alma popular da gloriosa Héllade...

Também entre os iniciados da velha Índia, a música foi acarinhada, em virtude da ação mística que desenvolve. Ainda hoje, nas mais simples manifestações das faculdades desenvolvidas por certos adeptos, como nas exhibições de faquirismo, a música tem papel saliente. É ao som da “vagoudah” que os faquires zombam de serpentes perigosíssimas, como a naja, cuja picada é quase fulminante. Jacolliot, citado por Fajardo, conta que na “dança das serpentes”, os répteis, de cabeças erguidas, com o corpo quase inteiramente suspenso, tocando o solo com a cauda apenas, bailavam “seguindo o movimento que o faquir imprimia a seus trilos” (“Trat. de Hipnot.” pág. 6).

Ora, para realizar semelhantes trabalhos, os faquires invocam, sistematicamente, o auxílio das potências invisíveis, e é no estado de “transe” ou no “estado mediúnico” se quiserem, que eles fazem desses prodígios... Os hebreus por sua vez tiveram em grande conta a influência mística da música. Não é difícil catar boas provas

na Bíblia. Famílias houve, como a de Heman, que se destinavam ao canto nos templos de Jeová, “e tinham címbalos, alaúdes e harpas para o serviço da casa de Deus (“Crôn, Liv.I Cap. 25 – vs V e VI).

Com o cristianismo a música está fundamentalmente entrelaçada. Dos primitivos hinos, copiados, na maioria dos cânticos hebráicos ao Cantochão da escola gregoriana, já se observa uma distância imensa. E por que se fundou a “Schola Cantorum”, senão para fixar certas formas melódicas consideradas mais intensamente místicas? Não teve, porventura, a Igreja os seus tons, os chamados “Tons de Igreja”? Ora, é evidente que se ela não reconhecesse na música notável influência mística não teria quebrado lanças para manter “sua música” dentro de certas regras ortodoxas. De resto, se é verdade que o gregoriano decaiu do antigo apogeu, não é menos certo que o Catolicismo contribuiu poderosamente para o progresso da música religiosa. Muitos dentre os maiores gênios musicais foram Mestres de Capela. Esta proteção à música, numa seita tão ciosa da salvaguarda dos interesses materiais, e que sempre aspirou algemar a humanidade com dogmas absurdos, é bem um indício seguro do valor que emprestou em todos os tempos à música, como chamariz de proselitismo. O Catolicismo reconhece, pois, tacitamente, o valor místico da música. E o Protestantismo? Não o reconhece menos.

Um grande publicista asseverou mesmo que o Protestantismo lucrou mais com os cantos luteranos do que com os sermões e escritos de Lutero... Por isso é que os melhores músicos germânicos eram disputados para o lugar de “Kantor” (equivalente a Mestre de Capela) nas igrejas do culto protestante.

Esta ligação da música com todos os cultos demonstra claramente, inofismavelmente, peremptoriamente, que ela possui, de fato, notável influência mística. Influência tão sensível que os iniciados do Egito, da Índia e da Grécia acreditavam que, em se conhecendo certos ritmos mágicos, poder-se-ia modificar a própria natureza das coisas mais imutáveis – “apporter des changements dans les choses que paraissent les plus immutables”, escreveu H. Durville (“La Science Secrète” – pág. 252).

Demonstrado, como ficou, que a música exerce profunda influência, quer sob o aspecto psíquico, quer sob o místico, força é reconhecer o valioso auxílio que, em princípio, ela pode prestar ao Espiritismo, como já presta ao Neo-espiritismo.

Amparado em fatos de observação, eu poderia caminhar a sós. Conforta-me, porém, e muito, a companhia dos Mestres. Por isso, trago à baila os nomes veneráveis de alguns deles. Vou por partes, porém. Primeiro, a prece. O “estado de prece” tem, para o espírita, dupla significação: ou é uma “invocação”, um pedido de socorro, de proteção, de ajuda; ou é uma “evocação”, um chamado, uma atração dos Espíritos encarregados de auxiliar a evolução humana, neste planeta (“A. Kardec – “Inst. Prát. sobre as Manifestações Espíritas” – Trad. C.Schutel – Segunda ed. – pág. 51). Na primeira hipótese, na invocação, o silêncio e o recolhimento constituem, sem dúvida, as melhores condições. A música é perfeitamente dispensável, senão prejudicial. Quem se eleva a Deus para implorar forças está, *ipso facto*, num estado d’alma tão intenso que se basta. Não há necessidade alguma de qualquer excitante psíquico ou místico. Pelo contrário, o ruído, a música, qualquer vibração, enfim, que excite os sentidos, neste momento, enfraquece a interiorização, isto é, este estado particular em que a criatura se esforça para isolar-se do mundo e por-se em contacto espiritual com seu Mentor, dono de seu destino na atual encarnação, a fim de haurir, nesse contacto, energias para vencer-se a si mesmo e conquistar novos valores morais.

Na segunda hipótese, porém, o caso pode mudar de figura. Sobretudo se a evocação é pública, isto é, se, além da pessoa que evoca, do médium que atrai os Espíritos com o intuito sagrado de praticar a caridade, há vários assistentes em ansiosa expectativa. Todas as autoridades na matéria, a principiar pelo próprio Kardec, encarecem o papel fundamental da harmonia de pensamentos e da elevação de sentimentos, nas reuniões espíritas. “São favoráveis as condições de experimentação quando o médium e os assistentes constituem um grupo harmônico, isto é, quando pensam e vibram em uníssono” escreveu Léon Denis, sem dúvida o primeiro filósofo da Doutrina Kardequiana (“No Invisível – 1939, pág. 85).

Ideal que dificilmente se alcança nos ambientes heterogêneos, essa comunhão de pensamentos e de sentimentos, tantas vezes apregoadas pelos Mestres, observa-se, às vezes, nos pequenos grupos familiares, onde, então, as provas de identificação dos desencarnados, e a elevação do ensino moral atingem uma segurança e uma beleza excepcionais.

O maior escolho para a difusão do Espiritismo decorre exatamente da incompreensão e da negligência com que, geralmente, se abordam os problemas transcendentais que ele encerra. Causa pasmo a simplicidade com que certos indivíduos desejam colocar-

se em contacto com os fatos. Em qualquer ciência, ninguém se arvora de experimentador antes que tenha noções muito nítidas a respeito das teorias em voga. No Espiritismo, não. Quem quer que observe um fato, logo se mete a experimentador. Desconhecendo as observações e as experiências acumuladas pelos investigadores competentes, ignorando as leis que, indutiva e dedutivamente, já foram formuladas, entra o neófito, no limiar do Mundo Invisível, com uma cândida indigência mental, ou, o que é pior, carregado de preconceitos e de idéias apriorísticas, que não podem deixar de estorvá-lo, e de prejudicar as manifestações fenomenais. Assim aconteceu, infelizmente, com numerosos cientistas, inclusive com Richet, que, depois de dezenas de “observações provocadas” dos fatos em que se baseia a Doutrina Espírita preferiu abster-se de dar qualquer explicação, aventando, apenas, e timidamente, a hipótese do ectoplasma...

O Espiritismo, quer queiram, quer não, é uma Filosofia Religiosa. É complemento do Cristianismo.

Não pode, pois, o Espiritismo ser considerado apenas como Ciência: é Religião também. Religião científica. Religião porque explica as ligações morais que existem entre o Criador e a criatura. Científica, porque, para explicar tais ligações, se baseia em fatos de observação, e em experiências controladas pelos métodos usuais da Ciência. Com ser religião, científica embora, os fatos que a sustentam pertencem a uma categoria singular: os fenômenos estão na dependência absoluta de causas inteligentes, e que têm vontade própria. Se houvessem admitido, ao menos como “hipótese de trabalho”, esse fato sensacional, os sábios, que tiveram oportunidade de observar a fenomenologia espírita, não se sentiriam perplexos, como alguns o confessaram, em face da marcha caprichosa e, aparentemente, contrária à manifestação dos fenômenos naturais. Sem embargo, a experiência demonstra que, obedecidas as instruções dos Espíritos Protetores, as provas podem ser, muitas vezes, completas e decisivas.

O essencial, portanto, para que as reuniões espíritas sejam proveitosas, sobretudo pelo caráter elevado dos ensinamentos dos Espíritos, é que os médiuns estejam preparados moralmente e que os assistentes estejam, também, preparados intelectualmente para interpretar os fatos. A influência dos assistentes não deve ser esquecida. “Não se pode negar, escreve Kardec, não se pode negar, e isto é mesmo um princípio da Doutrina, a influência exercida pelos assistentes”...

(“Le Livre des Esprits – 1922 – Introduction – Cap. XVI – pág XXXVII”).

Note-se bem. Sobre a “natureza” das manifestações, escreveu Kardec. Vale dizer que num ambiente de espiritualidade, onde se sinta o desejo ardente de encontrar a Verdade, onde os Espíritos Missionários sejam escutados com veneração e respeito, e onde os conselhos se aproveitam para uso constante, em todos os atos da vida, em todos os pensamentos, aí, nesse ambiente, as manifestações adquirem um caráter intelectual, uma beleza filosófica edificante. Além, onde impera o sentimento de exploração, o desejo de tirar partido dos Espíritos, ou onde predomina o orgulho dalgum sábio presunçoso, a impor regras arbitrárias e condições absurdas, contrárias às leis naturais sob cuja dependência se desenvolvem os fenômenos, procedendo, portanto, exatamente ao contrário do que procedem nas ciências que lhe deram a glória, pouco se verá de aproveitável.

Confirma-se, assim, a asserção de Kardec: “Les Esprits son attirés en raison de leur sympathie pour la nature morale du milieu que les évóque.” (“Le Livre des Esprits Int. pág. XVI).

Dependendo, pois, do ambiente o caráter das manifestações, isto é, da moralidade dos médiuns e das boas intenções dos freqüentadores, embora muito mais da primeira do que da segunda condição, é claro que tudo que, de algum modo, contribua para facilitar a elevação, para despertar bons sentimentos, desejos nobres, etc., nos assistentes, não é contrário à Doutrina. Certos aparatos que desviam os pensamentos para as exterioridades, sim, devem condenar-se. Mas a música apropriada, aquela que, pela harmonia, cria um estado de paz interior, afasta a ansiedade, tão prejudicial nos momentos de comunicação com o invisível, (Staiton Moses – “Ensinos Espiritualistas” – pág. 82), esta, não vejo senão vantagem em adotá-la.

Era dessa opinião, aliás, o grande Léon Denis: “A música, escreveu ele, a música, os cantos graves e religiosos podem também contribuir poderosamente para determinar a harmonia dos pensamentos e dos fluidos”. (“No Invisível – pág. 101). Aliás, quem é médium pode “sentir” a modificação que se opera, em certos ambientes, quando uma música inspirada melhora os estados d’alma dos ouvintes.

Como se infere, a música e o canto, sobre estimularem a manifestação dos fenômenos espíritas e neo-espíritas, incremen-

tam o estreitamento dos vínculos entre Espíritos encarnados e Espíritos desencarnados.

Portanto, a música apropriada exerce, benéfica influência, quer nas sessões espíritas, quer nas sessões neo-espíritas, razão por que jamais deve ser postergada em tais ambientes.

**AS ESPIRITOPATIAS À
LUZ DA DOCTRINA ESPÍRITA**

**Tese apresentada pelo Dr. R. Penna Ribas
ao V Congresso Brasileiro de Jornalistas
e Escritores Espíritas**

**Março de 1972
Niterói, RJ**

P r e â m b u l o

Prestes a deixar de clinicar, para consagrarmos o resto da vida à defesa do Espiritismo, nenhum lucro material visamos com as idéias aqui difundidas, senão maior aproximação do Espiritismo com a Ciência e maior espiritualização da Medicina.

Médico pobre, sempre vivendo exclusivamente da clínica, constituída, na maioria, de pobres, nada amejamos para descanso na velhice. E, quando poderíamos enriquecer, com a explosão de publicidade que nos deu a Televisão, principalmente com a cura pública de J. Silvestre, tivemos de optar, dada a escassez de tempo, entre enriquecer ou escrever, para a posteridade, ensinamentos que, durante muitos anos, iluminados Mestres do Mundo Espiritual nos deram pessoalmente ou por intermédio de nossa primeira esposa - Palmyra de Carvalho Ribas - a quem rendemos, nesta oportunidade, sincera homenagem de amor e gratidão. Não hesitamos. Preferimos continuar pobres e, para isso, fomos obrigados a fechar o Consultório em Niterói, para o qual, ultimamente, acorria verdadeira multidão, sem discutir preço.

A despeito da Mensagem que publicamos em Órgão de grande circulação nesta Capital, a maioria dos clientes, até hoje, insiste; apela, quase exige que não a abandonemos.

Todavia, esmagando o coração e sufocando a ambição, colocamos como sempre o fizemos, os interesses da Doutrina Espírita muito acima de nossos interesses pessoais. Por isso mesmo, embora sem aposentadoria, estamos dispostos a fechar, também, o Consultório da Guanabara, onde, apesar do grande número de pacientes, que, de todo o Brasil, máxime de São Paulo, Bahia e Rio Grande do Sul, apela, por cartas, no sentido de que os atendamos, estamos clinicando, apenas, uma vez por semana.

Às públicas satisfações que aqui dou valem como justificação perante esses irmãos, que não pude atender como médico, mas aos quais não deixamos de ajudar com orações; e, ao mesmo passo, constituem prova de desinteresse material por conta das idéias nesta tese expendidas.

E já que rendemos uma homenagem à médium que nos converteu e que durante muitos anos foi excepcional aparelho de que dispusemos para a investigação no campo do Espiritismo, não podemos deixar de homenagear, outrossim, a atual esposa e companheira de Ideal - Antonieta Moraes Ribas - que está disposta a suportar minha pobreza, contanto que continue a lutar em favor do Espiritismo, sobretudo agora, no momento em que poderosos inimigos, dia a dia, se arregimentam para tentar destroçar o mais precioso patrimônio que o Mundo Espiritual, até hoje, legou à Humanidade - a Doutrina dos Espíritos.

E, de toda maneira, não poderíamos sufocar os impulsos do coração, deixando de prestar nossa homenagem de profunda veneração ao Mestre que teve a inaudita coragem de romper preconceitos acadêmicos, para equacionar a loucura sob novo prisma - Adolpho Bezerra de Menezes - luminar do Espiritismo brasileiro, cujas pegadas estamos tentando seguir.

Compreensível não seria, também, que, amigo e admirador seu, esquecesse, nesse momento, o maior escritor espírita contemporâneo - Carlos Imbassahy - mercedamente patrono deste Congresso de Jornalistas e Escritores Espíritas.

Niterói, 20 de março de 1972.

R. Penna Ribas

As Espiritopatias à luz da Doutrina Espírita

Tese apresentada pelo Dr R. Penna Ribas
ao V Congresso Brasileiro de Jornalistas e
Escritores Espíritas.

**“Entre os ensinamentos que te são dados há alguns que
deves guardar somente para ti, até nova ordem.”**

(Allan Kardec “Livro dos Espíritos” - Edicel - pág. 49).

A doutrina espírita é dinâmica e evolutiva. Ligada à Ciência por seus métodos de investigação, evolui paralelamente ao progresso dos conhecimentos, ratificando-se ou retificando-se à medida que novas descobertas confirmam ou negam a veracidade de seus postulados. Por outro lado, como filosofia religiosa, que é, amplia a faixa da revelação divina que nela se contém, mercê da incessante colaboração dos Espíritos e na proporção do merecimento moral da humanidade. Por isso mesmo, verdades que, em 1857, ano da publicação da primeira edição do Livro dos Espíritos, não eram oportunas, atualmente, decorridos mais de cento e cinqüenta anos de proselitismo, já podem e devem ser proclamadas em benefício da humanidade sofredora.

Daí nossa modesta contribuição, fruto de longos anos de instrução espiritual e de constantes observações e pesquisas no complexo e proteiforme campo da fenomenologia mediúcnica.

Não é, nem poderia ser, nota prévia de descobertas científicas, mas, apenas, prova de lealdade aos Espíritos Superiores que orientam a Sociedade de Estudos e Pesquisas Espíritas (SEPE), os quais, liderados por Jesus, desejam ofertar aos sequiosos de paz e saúde, novos aspetos da Justiça de Deus, presentes no mecanismo das Espiritopatias.

Com isso, pretendem os Mestres da SEPE seja incrementado o mútuo amparo entre Espíritos sofredores, encarnados e desencarnados, com grande vantagem para ambas as partes. De fato, com aliviar os Espíritos desencarnados, torturados por

cruciantes sensações inerentes à sintomatologia clínica do *morbus* causador do óbito, os terrícolas nada mais farão do que contribuir para a própria felicidade. Por motivo muito claro: os Espíritos dessa categoria circunvagam por toda parte e acarretam, com sua presença, na rua ou nos lares, sofrimentos físicos e morais, inclusive doenças rebeldes à terapêutica médica.

Contra a evidência dos fatos, Allan Kardec, em várias obras, afirmou, como parece lógico, que os Espíritos, não sentem, depois de desencarnados, qualquer sensação ligada à matéria, mas, tão somente, angústia e remorso [1]. Tudo diz, no entanto, que a assertiva tinha como finalidade não escandalizar, numa época em que o Positivismo estava no apogeu. Mas a verdade é que a imensa maioria das criaturas acossadas por enigmáticas doenças, recalcitrantes à medicação médica, recorrem ao Espiritismo, levam consigo Espíritos sofredores, acusando os mesmos sintomas da doença que os vitimou. É o que vulgarmente se denomina atuação espiritual ou “encosto” - “encosto” ou atuação espiritual que nada tem a ver com as crenças dos que lhes sofrem as conseqüências. Ora, a simples constatação do fato comprova que, não obstante desencarnado, o Espírito, consoante o nível de espiritualização em que se encontre, pode, com efeito, sentir, com tremenda realidade, sofrimentos físicos e que, além disso, pode transmitir as sensações mórbidas, que padece, à pessoa com qual se imantou.

Para maior objetividade do problema, apontaremos alguns exemplos de Espiritopatia espontânea.

a. ESPIRITOPATIAS ESPONTÂNEAS

Caso de P.C.R - A paciente viajava num coletivo, que estancou para dar passagem a um cortejo fúnebre. Caridosa, rezou em benefício do defunto. Incontinenti, sentiu indefinível mal estar, acompanhado de intensa quentura corporal e violenta dor de garganta. Não pôde seguir viagem - desceu e entrou na primeira farmácia. Já escaldando em febre, pede um antitérmico. Mas, antes de receber os comprimidos, deitara-se ali mesmo num banco de madeira. Acordou com o médico da Assistência Pública a seu lado, insistindo em levá-la para o hospital. A princípio, obnubilada, resmungou, recusando socorro; depois, protestou contra a insistência do esculápio; por fim, ficou brava - ameaçou quebrar tudo. Apavorado, o farmacêutico intercedeu e, nesse ínterim, a paciente fugiu, cambaleante, e pôde retornar à casa, que não distava muito.

Em lá chegando, meteu-se no quarto, dizendo-se muito doente. Mas proibiu que chamassem médico. E lá permaneceu três dias consecutivos, com grande infecção de garganta, febre altíssima, sem alimentar-se e recusando qualquer medicamento. Até que, providencialmente, chegou de visita um espírita. Foi entrando e pedindo lhe trouxessem a “doente”. A família discordou. Era impossível. A gravidade da infecção não permitia exposição ao vento. O espírita riu e insistiu, afirmando que iria curá-la imediatamente. Diante disso, trouxeram-na. Veio como sonâmbula. Mas, ao deparar-se com o espírita, tornou-se agressiva. O espírita não se perturbou: intimou o Espírito a largá-la. Zombeteiro, o Espírito gargalhou e desafiou. Mas foi constrangido a confessar por que estava “atuando” a médium. Odiava o defunto e havia contribuído para matá-lo com a mesma doença que o matou - infecção da garganta. Sedento de vingança acompanhava o fêretro, aguardando oportunidade para atacar o recém-desencarnado, roubando-lhe o fluido vital que sobrasse. Por isso, ao perceber a radiação do pensamento de oração da paciente, largou o defunto para vingar-se dela. O resultado ali estava. Contudo, convidado ao arrependimento e conduzido compulsoriamente para um plano de correção, a paciente, imediatamente, saiu do transe totalmente curada. É de ver, pois, a rapidez com que, lhe atacou a angina e a brevidade com que, afastado o Espírito agressor, se lhe restabeleceu a saúde.

Feitas as pesquisas, localizou-se a residência do morto e confirmou-se a *causa mortis*. [Ver nota explicativa]

Caso de A.M.R. - A médium, minha esposa, aguardava-me, estava na sala de espera do Consultório. O menino acabara de entrar, levado pela mãe. Motivo: havia três dias ninguém tinha sossego no lar - dia e noite a criança chorava e gritava de dor. Principiava na região sacrolombar e descia em direção aos órgãos pudendos. Os médicos não chegaram a uma conclusão. A maioria pensou em litíase renal. Mas os exames foram negativos. Mas nenhum medicamento aliviava. Desesperada, a família resolveu tentar a Homeopatia. Optaram por nós. Momentos após a resolução, o menino acalmou-se e, sem dor, chegou ao Consultório. Para o menino, prescrevi um calmante; e, para a mãe, oração em favor dos Espíritos sofredores, principalmente para os parentes próximos. Momentos depois que ambos partiram, ao abrir a porta de

comunicação com a sala de espera, a médium, minha atual esposa, que tudo ignorava do caso do menino, estava contorcendo-se, sem posição na cadeira, gemendo e chorando com terrível dor, que, partindo da região sacrolombar, irradiava-se para o útero e bexiga. Fi-la entrar imediatamente na sala de consultas e concitei-a a ter elevação espiritual, pois já lhe havia sentido a vibração espiritual. No mesmo instante, mentalmente, solicitei aos Protetores que nos assistem fizessem o Espírito sofredor adaptar-se melhor ao aparelho. Segundos após, estávamos dialogando com o Espírito da avó do menino, desencarnada de câncer uterino. Socorrido o Espírito, nunca mais a criança teve coisa alguma.

Caso R.R. - A moça, noiva, adoeceu sem causa aparente. Tosse, dor no tórax, febre diária. Radiografia. Exame de escarro. Tuberculose pulmonar. Três meses de tratamento com conceituado especialista. Nenhuma melhora. Ao contrário: apareceu-lhe uma caverna no pulmão direito. Desvairada, a família apelou para nós. Impossível tratá-la. Doença contagiosa, para a qual a Alopátia possui maiores recursos terapêuticos, não seria lícito, nem honesto. De resto contra a ética. Aconselhamo-la permanecer com o tisiologista. A família argumentou que o próprio especialista confessara que, inexplicavelmente, a paciente não obtivera o mínimo benefício com o intensivo tratamento que lhe vinha fazendo. Permanecemos irreduzíveis. A única concessão foi deixá-la assistir às sessões da SEPE, em local isolado, com todas as precauções. Isso, em virtude de tratar-se de antigos clientes. Na primeira sessão, inesperadamente, uma das médiuns transformou-se em autêntica tuberculosa: não apresentou apenas tosse e dor torácica - ficou com febre! O Espírito, chamado às falas, confessou-se antigo boêmio, desencarnado jovem, por causa das farras. E quando lhe advertimos que não poderia continuar com a paciente, replicou-nos, em tom desafiante, que estava apaixonado e, por isso, não se afastaria nem a deixaria casar-se. Dissemo-lhe que estava equivocado, porque, daquele momento em diante, a moça ficaria sob a proteção da SEPE e ele seria levado, compulsoriamente, para um plano de doutrinação, onde encontraria o caminho da evolução, e, conseqüentemente, a felicidade. Enquanto orientávamos, o Espírito, sofrendo, ainda a sintomatologia da tuberculose, notamos a melhora da paciente, que deixara de tossir. Todavia, colocada distante da mesa de reunião, ela nada ouvira a respeito de seu caso. Mas, ao terminar a reunião, veio espontaneamente ao nosso encontro, para agradecer a melhora que

sentira durante a sessão. Por mera curiosidade, perguntei-lhe pelo noivado. Ia mal, com brigas constantes. Contudo, as surpresas viriam ao depois. Esses fatos se desenrolaram na sessão de sábado. Segunda-feira, ao ser submetida a novo exame, o fisiologista mostrou-se admirado com a espetacular melhora da paciente. Entretanto, não sabia a que atribuí-la, pois não mudara a medicação, que, embora considerada altamente eficiente, no caso, não havia atuado. Maior surpresa, ainda, no sábado seguinte. Minha filha, desencarnada aos quinze anos, era médium curador. Com dez anos, salvou a avó, já em coma, dando-lhe um passe. A cura foi instantânea. Agora, condoída da moça, espontaneamente, quis colaborar. Incorporada numa jovem médium, deu passes na parede torácica posterior. E depois, confidencialmente, disse-nos com aquele encanto todo seu: "Pai, a moça está curada; foi presente para meu paizinho. Mande fazer novos exames". Segunda-feira, quarenta e oito horas depois do "passe", a radiografia acusou cura completa, perfeita, com desaparecimento das lesões, sem sinal de cicatrização, como se nunca houvesse tido caverna. Os documentos estão arquivados na SEPE. E os noivos? Os noivos, com o afastamento do Espírito tuberculoso e apaixonado, deixaram de brigar. E agora, casados e felizes, estão fabricando corpos a serviço de Espíritos candidatos a reencarnação...

Caso H.L. Enfermeira, convivendo em afamado hospital, com sumidades médicas. Dores constantes na região precordial. Nenhuma melhora a despeito da assistência de notáveis especialistas. Diagnóstico: coronarite crônica, com isquemia do miocárdio. Desiludida, apelou para a Homeopatia. Nada lhe prometemos. De resto, prevenimo-la da incompatibilidade entre as dinamizações homeopáticas e as drogas que tomava. Concordou em ficar, apenas, com a Homeopatia. Por isso, fizemos a prescrição. E, contra nossos interesses profissionais, aconselhamo-la a freqüentar as sessões doutrinárias da SEPE. Foi; e deu-se tão bem que, como esperávamos, não voltou ao Consultório. Com ela, havia um companheiro invisível, desencarnado de infarte do miocárdio. Mas, de propósito, para evitar sugestão, nada lhe dissemos. Ao fim de algum tempo, o Espírito concordou em afastar-se. Mas tudo se passou sem que a paciente o soubesse. Nessa altura, pedimos-lhe novos exames. Ficou perplexa - cura total. E, por fim, só tomava um remédio: água "irradiada" pelos Espíritos Curadores.

Caso do Dr. J. B. - Médico, formado há mais de vinte anos. Nunca clinicou. Mal saiu da Faculdade, desequilibrou-se mentalmente. Internado várias vezes. Insulinoterapia. Electrochoque. Melhoras espaçadas e efêmeras. Ultimamente, vivia segregado num sótão. Mas viu, pela televisão, a cura que fizemos no J. Silvestre, vítima de inesperado choque medicamentoso. Ficou impressionado e animou-se a procurar-nos. Fomos francos. Caso cármico. Crime no passado, em anterior encarnação. Resgate nessa, pela vingança da vítima de outrora. Ninguém burla a Justiça Divina. Todos pagarão até o último ceutil. Todavia, se freqüentasse o Espiritismo, onde o Espírito vingador poderia encontrar estímulo para perdoar e evoluir, não seria impossível a cura. E encontrou, porque a esquizofrenia, no seu caso, era Espiritopatia obsessiva. Os comprovantes da cura estão nos arquivos da SEPE.

b. CONCEITUAÇÃO DE ESPIRITOPATIA

Com os casos apresentados, já podemos conceituar, embora sem definí-la cientificamente, o que denominamos ESPIRITOPATIA.

ESPIRITOPATIA é todo estado mórbido provocado no organismo humano pela atuação de Espíritos sofredores ou obsessores.

Na primeira hipótese, a Espiritopatia manifesta-se com os quadros clínicos das doenças somáticas, agravados com sintomas esdrúxulos e marcados pela rebeldia ao tratamento médico.

Na segunda hipótese, a Espiritopatia toma feição de quadro psiquiátrico. Na Espiritopatia clínica, o Espírito sofredor contamina o perispírito ou corpo espiritual da vítima com radiações mórbidas e morbígenas que conserva, por provação purgativa, em seu corpo espiritual.

Na Espiritopatia psiquiátrica, o Espírito obsessivo, por maldade ou vingança, atua por força mental sobre o psiquismo da vítima, modificando-lhe o comportamento. Provocada que seja a doença por Espírito sofredor ou obsessivo, a Espiritopatia tanto poderá ser causa eficiente como causa adjuvante. No primeiro caso, a doença é totalmente de origem espiritual. No segundo caso, o fator espiritual é, apenas, agravante de um estado mórbido já declarado.

Como se infere, a concepção de Espiritopatia não nega nada daquilo que está cientificamente comprovado; apenas rompe

preconceitos para mostrar à Ciência novo campo de investigações, riquíssimo em conseqüências para a Medicina e para a Religião - campo de investigações esse que, no futuro, será a maior contribuição do Espiritismo para a felicidade da humanidade.

c. O CORPO ESPIRITUAL NA PATOLOGIA MÉDICA

Campo de forças vitais, detentor do segredo da vida, o perispírito está ligado, átomo a átomo, a todo organismo, com prevalência sobre o sistema nervoso, máxime sobre a córtex cerebral, centro de comando de todas as funções orgânicas. Compreensível se torna, pois, que, alterado o corpo espiritual, alterado será, fatalmente, o sistema nervoso e, por conseqüência, o organismo todo inteiro. Como é óbvio, todas as doenças, conforme previra o gênio de Samuel Hahnemann, inicia-se por um desequilíbrio dinâmico da força vital [2]. Vale dizer que todos os estados mórbidos partem de prévio distúrbio no estado vibratório do perispírito ou, noutros termos, a doença do corpo espiritual precede a doença do corpo carnal. E como as alterações vibratórias do perispírito acarretam, no mínimo, modificações dos estados d'alma, isto é, no psiquismo, é de ver que, tal como já afirmara em 1810, o inspirado fundador da Homeopatia, todas as doenças são, originalmente, psicogênicas.

Como se infere, não há tanta incompatibilidade entre a teoria da Espiritopatia, por nós proclamada, e as mais modernas concepções no campo da Medicina psicossomática, sobretudo se a interpretação for no sentido hipocrático, ao invés de freudiano.

Na verdade, a hegemonia aqui dada ao perispírito na fisiologia e na patofisiologia não pode escandalizar quando se sabe, de ciência certa, que o corpo espiritual não se limita a manter a vida, porque sustem, outrossim, a arquitetura celular, a ponto de permitir a desmaterialização do organismo, com consecutiva rematerialização e reintegração total não só das funções psicossomáticas, mas, também, dos traços de personalidade típicos do médium que passou por tão espetacular processo desafiador da biologia humana [3] [4]. Não tardará, pois, o glorioso dia em que a Ciência materialista, estribada no progresso tecnológico, detectará as misteriosas energias do corpo espiritual ou corpo bioplasmático, onde, par a par com energias fotônicas, elétricas e magnéticas, atuam energias "não físicas" que independem de tempo, de espaço e de massa, tal como ocorre nos fenômenos mediúnicos, incluídos, pelos adversários do Espiritismo, nas siglas psi-gama, psi-kapa [5].

A despeito das facécias dos teólogos, que reduziram o Espírito ao quase nada do “ponto geométrico”; e não obstante a prosápia dos adeptos do monismo científico que, *a priori*, eliminaram de suas elucubrações o Espírito imortal, Allan Kardec afirmou que o perispírito era semimaterial. A assertiva que aos inscios em matéria de Espiritismo se lhes afigurou chocante heresia científica, está mais que evidente na fenomenologia mediúnica. Mais ainda - matematicamente, o problema está equacionado, por um brasileiro de grande valor [6]. Sem embargo, como toda a patologia das Espiritopatias está adstrita à dinâmica do perispírito, necessário se torna não só provar a existência como a complexidade do corpo espiritual - denominação por nós preferida, não por mera simpatia ao Apóstolo [7], mas porque dá idéia mais perfeita de um campo de força estruturado consoante a morfologia corporal.

d. DA EXISTÊNCIA DO CORPO ESPIRITUAL

A realidade do corpo espiritual pode demonstrar-se seja com fatos espontâneos, seja experimentalmente, mediante exteriorização do “duplo”. Mais do que palavras, valem os fatos. Vamos, pois, aos fatos:

1. Caso Emília Sagée

Professora francesa, lecionando em internato de moças ricas e sadias. Durante um ano, apresentou, com testemunho de muitas alunas, exteriorização do “duplo”. Quando uma aluna a via num local, outras, no mesmo instante, viam-na noutra. Essa, a verdadeira bilocação. Além disso, dando aulas, a escrever no quadro negro, o “duplo” projetava-se-lhe fora do corpo e ficava ao lado da professora, imitando-lhe os gestos. No refeitório, o “duplo” permanecia de pé, atrás do corpo físico, com gesticulação automática e sincrônica.

Duma feita, reunidas quarenta e três internadas na sala de costura, Sagée, no jardim, cuidando de flores, desdobrou-se e o “duplo”, materializado, veio sentar-se junto às meninas, duas das quais, mais afoitas, tocaram-lhe e sentiram-no com consistência de musselina.

Por outro lado, refletindo-se no espelho, o “fantasma” da professora não deixava dúvida de que estava materializado.

2. Caso Stainton Moses

Ex-pastor protestante, convertido ao Espiritismo em memorável polêmica teológica, com os seus Instrutores espirituais, mercê de sua psicografia. Por experiência, tentou exteriorizar-se com seu corpo espiritual e visitar um amigo com o qual discutia muitos temas religiosos. Fez duas “viagens astrais” à casa do amigo. Mas, ao acordar, tal qual ocorre na hipnose, de nada se lembrava. Sem embargo, deu ao amigo uma prova espetacular, porque, com toda a aparência física, inclusive na indumentária, que era a costumeira, e não a de dormir, que vestia naquele momento, em profundo sono, Stainton Moses sustentou diálogo, como se, de fato, lá se encontrasse em “carne e osso”.

3. Caso Reverendo Benning

Para justificar-se de falta involuntária, Benning desejou ardentemente fazer-se visto no círculo espiritual a que pertencia. E foi. Foi, aliás, materializado. Ao chegar, deu, na porta de entrada, as pancadas convencionais. O porteiro desceu a escada e, ao abrir a porta, deparou-se com Benning, hesitante e resmungando desculpas. Depois de admoestá-lo, passou-lhe o braço pelas costas e fê-lo avisar-se, porquanto todos o aguardavam ansiosamente. Impacientes, dois outros companheiros desceram a escada ao encontro do retardatário. Um deles exproibiu-lhe o comportamento e, segurando-lhe pelo braço, insistiu que se apressasse. Foi quando aconteceu o inverossímil. O fantasma, revelando-se “fantasma”, escapou-se-lhe das mãos e desceu, aos pulos, os degraus da escada; e, com a porta já fechada à chave, atravessou-a rapidamente, provocando, em seguida, tremendo ruído, como se com estúpida brutalidade a houvesse batido!

Como se infere, a energia liberada na desmaterialização do “duplo” foi mais que suficiente para provocar, com a vibração da madeira, o inesperado estrondo. *Mutatis mutandis*, é o que ocorre nas casas mal-assombradas, cuja fenomenologia é, toda ela, produzida por Espíritos faltosos com a Terra, porque, encarnados como médiuns “de efeitos físicos”, não se quitaram perante a espiritualidade, fugindo à prática da mediunidade. Por isso mesmo, além de martirizante remorso pelas oportunidades perdidas, ainda sofrem, em conseqüência das radiações materiais, retidas em seu corpo espiritual por falta de utilização na vida terrena, todas as

sensações da vida carnal, inclusive as que estavam participando da sintomatologia da doença responsável pelo óbito. Daí a intercalação, no espalhafatoso toribismo polifônico dos locais mal-assombrados, de gritos lancinantes e de cruciantes gemidos de dor!

Contudo, para que se não imagine que a exteriorização do “duplo” ou fantasma é questão de ilusão ótica ou de alucinação, como supõe Tyrrel [11], bom é que se saiba até que nível se dá a materialização. Para não nos alongarmos, dois exemplos: tal como tem ocorrido com muitos médiuns de materialização, injustamente acusados, Eusápia, cercada de professores universitários, e por eles instigada, pôde, mediante a exteriorização de seu corpo espiritual, plasmar, na argila mole, sem contato de seu corpo físico, o modelo de sua cabeça [12] e, doutra vez, ainda controlada por sumidades, modelou, por intermédio do seu “duplo”, as mãos em garra, também na argila, mantida à distância [13].

Finalmente, a materialização do corpo espiritual da médium Fay. Ligada a um circuito elétrico estabelecido por Varley e Crookes e, assim controlada, nos mínimos movimentos, materializou-se-lhe o duplo, ao invés do fantasma esperado [14].

Contudo, até aqui, vimos o corpo espiritual “por fora”. Vê-lo-emos, agora, “por dentro”, não mais com aparência de “casca” astral, mas recheado de conteúdo psicológico. Para isso, valer-nos-emos de dois diferentes padrões de pacientes - os médiuns infensos ao Espiritismo e os médiuns praticantes do Espiritismo. Ressalvamos, porém, desde já que: seja sob ação do sonambulismo magnético, seja sob a influência da hipnose, seja na relaxação do treinamento autógeno, seja, enfim, sob a influência de drogas psicotomiméticas, as vivências dependerão não só da sensibilidade mediúnica, como dos padrões de mediunidade.

O colega, por exemplo, que se submeteu a experiências lisérgicas com sábio Professor de Psicologia Clínica, não se nos afigura espírita. Se o fosse, não poderia ignorar a valiosa mediunidade que possui. Dotado como é, sem hipnose, sem sugestão, sem alucinógenos, somente com apelo a seus Guias Espirituais, o colega poderia ter-se “projetado” com maior facilidade e, na Maternidade, ver o que se passava com a parturiente. De toda maneira, quem lá esteve não foi somente o “duplo” do médico vazio de Espírito, porque estiveram presentes todos os sentidos, para as observações; e também a razão crítica, para analisar e ponderar. Conseqüentemente, a

inteligência e a memória lá não poderiam ter deixado de estar. De fato, ele viu a sala, acompanhou o parto, observou o feto, seu comprimento, seu peso, seu sexo... Logo, o *alter ego* que se “projetou” não foi apenasmente o “duplo” do corpo espiritual - foi sua personalidade toda inteira, com *id*, *ego* e *superego* e mais coisas que Freud não viu [15].

E, agora, para completar as observações, a exteriorização do corpo espiritual em médium espírita e praticante.

Como veremos, os fenômenos são muito mais completos e, sem comparação, muitíssimo mais perfeitos.

Para exemplificar, escolhemos nossa primeira esposa. Médium valiosíssimo e abnegadíssima companheira de ideal, proporcionou-me, durante cerca de trinta anos, provas espetaculares, servindo de instrumento à verdadeira coorte de Espíritos, nos mais díspares níveis de cultura intelectual e de evolução espiritual. Dentre os maravilhosos dons mediúnicos que possuía, destacamos o da “projeção do corpo espiritual”, com libertação quase total do corpo material, o qual permanecia em morte aparente, enquanto o Espírito, enriquecido com ampliação dos sentidos, transportava-se a quaisquer distâncias, em cumprimento de tarefas e missões. Coligidas, só as observações feitas em torno dessa médium formariam grosso volume. Por isso e para sermos objetivos e sintéticos, daremos apenas dois entre centenas de exemplos que poderia citar.

Em primeiro, uma projeção voluntária. Nosso peixeiro, em Botafogo, era sírio e, porque agradava muito nosso pequerrucho, mereceu nossa simpatia. Certa manhã, quando nos foi oferecer o pescado, mostrou-se sobremodo sorumbático e taciturno. Curiosa, minha esposa indagou-lhe do motivo da melancolia. Depois de uma crise de choro, o peixeiro explicou que estava muito apreensivo e imaginando a morte de sua velha mãe, pela qual sentia profundo amor. Sensibilizada com os sentimentos filiais do ambulante, minha esposa prometeu-lhe que, no dia seguinte, dar-lhe-ia notícias da mãe. O peixeiro, olhos arregalados, espantadíssimo, pergunta-lhe: “Como pode, senhora? Minha mãe mora em Beirute”... “Aguarde até amanhã”... Dito e feito. No dia seguinte, em minha presença, repete o que à noite, após profundo sono, me relatou. Primeiro, as peripécias para localizar a casa, de estranha arquitetura, janelas avarandadas, roupas espanejando em varais improvisados. Depois,

a entrada, na residência hermeticamente fechada, feita pelo telhado, com cheiro de mofo e contato de teias de aranha. Horrorizada, desce uma escada em caracol e vê-se numa saleta impregnada com fumaça de tabaco, onde quatro homens, sentados à volta de pequena mesa redonda, fumam num só cachimbo de longo cabo. Descreve o ambiente. Sórdido. Estava sufocada. E enjoada, com o cachimbo a passar de boca em boca. O peixeiro cada vez mais abismado, justifica o “costume da terra”, à medida que, pela descrição dos tipos, vai reconhecendo - seu pai, seu avô, seus irmãos. Sentindo-se asfíxiada naquele local, sobe novamente a escada vê-se, sem saber como, em pequeno quarto, no sótão, prisão de uma louca. Ao lado, o Espírito obsessor, pavoroso, mas não a viu. Tal qual acontece no Além, onde Espíritos mais perfeitos controlam, até certo ponto, a visão dos inferiores... O peixeiro chora. Era sua irmã... Mas a narrativa continua. Fugindo do cárcere privado, o Espírito da médium deparou-se, no quarto ao lado, com encarquilhada anciã, em profundo sono. Ao lado, velando pelo corpo, o “duplo” da velha. Dessa forma, foi fácil o diálogo. A velha, ou, melhor, o “duplo” da velha, lamentou seus sofrimentos com o filho distante no Brasil e a filha louca, escondida, para evitar denúncia dos vizinhos. Interrogada, porém, por que não dava notícias ao filho peixeiro, a velha afirmou que já lhe escrevera e que brevemente a carta enviada de navio molengo chegaria ao destinatário. Dias após, o peixeiro recebeu a carta com as mesmas palavras que lhe foram ditas pela médium.

Agora, uma experiência que fiz muitas vezes a serviço da caridade, salvando inclusive doentes desenganados à grande distância, somente pelas precisas informações dadas pela médium, depois de deliberada “viagem astral”. Certa tarde, apareceu em nossa casa uma vizinha que mal cumprimentávamos. Fingindo-se aflita, disse-nos que sabia dos “prodígios” que minha esposa realizava “com seus Protetores”. A mãe, tuberculosa, já em caquexia, estava nas vascas da morte, em Belém do Pará. Receando que já estivesse morta, desejava que minha esposa fosse visitá-la. Era uma caridade... e postou-se com ar de inocente. Apesar da suspeição que me causou, disse à minha mulher que não recusasse a caridade. Fi-la concentrar-se e partir imediatamente. Sentada à mesa, momentos depois, com total atonia muscular, seu tronco cai sobre o móvel, como se fulminada houvesse sido. Como sempre, nessas ocasiões, controlava-lhe o pulso e a respiração. Respiração quase nula. Pulso impalpável. Mais do que coma - *cárus*. Cerca de dez minutos após, o Espírito retorna.

Tudo mentira. A tuberculosa não era tuberculosa - era cancerosa. E não morava propriamente em Belém, mas nas proximidades de Belém. Todavia, a missão fora cumprida com minuciosa descrição da casa e do ambiente interno. Criticando, pois, a farsa da pedinte, recriminou-lhe o abandono em que deixou a progenitora e lamentou o fedor que encontrou no quarto... Tomada de uma crise de choro convulsivo, a farsante rojou-se aos pés da médium, pedindo-lhe perdão por haver duvidado que ela “se transportava”.

Depois disso, quem negar a existência do corpo espiritual é porque prefere certificar-se do fato depois que morrer - o que pode ocorrer, aliás, de um momento para outro...

Durante trinta anos de íntima convivência conjugal, pudemos constatar, centenas de vezes, que o Espírito da médium, ao regressar das “viagens astrais”, fazia referências às sensações que sentira. Ligadas não só à visão e à audição, mas, também, ao tato e ao olfato, tais sensações, sentidas enquanto o corpo se encontrava em profundo transe, mais do que em coma, em *cárus*, só poderiam provir do corpo espiritual, que sempre acompanha o Espírito, esteja ele encarnado ou desencarnado. Admitida a hipótese, possuindo o corpo espiritual radiações vitais específicas dos órgãos dos sentidos e da área somestésica da córtex cerebral, compreensíveis se tornam não só a “visão espiritual” e a “audição espiritual”, ambas tidas como ilusão ou alucinação, como, também, a “transposição dos sentidos”. Com efeito, se o corpo espiritual possui radiações com funções correspondentes às do *sensorium* e às das estruturas nervosas adequadas às diversas formas de sensibilidade, é evidente que não só se poderá ver e ouvir de olhos e ouvidos tapados, como, transpostas as radiações perispirituais específicas de determinada sensação, transportada estará, *ipso facto*, a sensação de uma estrutura adequada para outra inadequada. Exemplo: transportada a radiação do corpo espiritual específica da visão, do globo ocular para o pé, não só haverá inibição do “analisador” adequado, como surgirá, no pé, uma espécie de visão artificial. Nesta hipótese, cego da retina, vidente estará pelo pé. Isso é, pelo menos, lógico. Lógico, no entanto, não é explicar a “visão para-ótica” e a “transposição dos sentidos” como apanágio de histéricas, dotadas de hiperestesia fictícia. Nem considerar, *a priori*, tudo como simples sugestão negativa [16]. Não é isso, pelo menos, que se infere da análise imparcial das pacientes de Petetin [17] e de Lombroso [18], para citar apenas dois. Ao contrário, o que se vê, quando se tem olhos de ver, é que essas

moças eram médiuns desequilibradas, por falta de conhecimentos espíritas, utilizadas, por médicos e cientistas falecidos, na esperança de alertar colegas terrenos, destruindo aparentemente conhecidas leis fisiológicas.

Ao invés disso, os médicos terrenos taparam olhos e ouvidos ao fato, que lhes humilhava a sabedoria, e, em compensação, fulminaram a personalidade das pacientes com o apodo de - histéricas! [19]

Sem embargo, experiências pioneiras de De Rochas demonstraram que a sensibilidade, que parecia privilégio de estruturas nervosas específicas, pode não só exteriorizar-se, em camadas correspondentes às camadas do perispírito, como impregnar corpos materiais, tais como a água, o que justifica a “água irradiada” ou “magnetizada” e a cera, o que esclarece a mecânica da magia, na “múmia” de cera [20].

Nas pesquisas da SEPE, a sensibilidade de uma médium foi transportada para outra, apesar das precauções contra a sugestão. E mais - a sensação surgia, cronometrada pelos Protetores; e, outras vezes, condicionada a segundo estímulo. Exemplo: espetada a médium, a outra nada sentia; queimada, em seguida, a outra sentia não a queimadura, mas a espetada anteriormente dada. Isso prova que sensações transmitidas normalmente, com exclusividade, por determinados neurônios, transmitem-se, em certos casos, de perispírito a perispírito. E isso é fundamental à compreensão do mecanismo da Espiritopatia, onde o corpo espiritual representa maior papel do que o corpo carnal. Tanto assim que Espíritos desencarnados costumam queixar-se das mesmas sensações da doença que lhes causara o óbito. Isso se deve, aliás, ao fato de, no momento da morte, por falta de merecimento, não haverem os Espíritos socorristas, que o assistiram, retirado do corpo espiritual as radiações mórbidas correspondentes à somestesia. Nessa hipótese, doente neste mundo, doente permanecerá no “outro mundo”, até que mereça a retirada de seu corpo espiritual dos fluidos vitais ligados à vida material.

e. DAS RADIAÇÕES DO CORPO ESPIRITUAL

Ao contrário do que geralmente se imagina, o perispírito ou corpo espiritual é composto de inúmeras radiações. Algumas são materiais: magnéticas e elétricas, ou, melhor, eletromagnéticas. Essas pertencem

aos médiuns de efeitos físicos. Exemplo: Slade e, antes de Slade, a médium de Von Reichenbach, Sra. Ruf, “endoidavam” bússolas [21]. Eusápia, para só citar uma das maiores médiuns, podia descarregar, como descarregou várias vezes, o eletroscópio [22]. Magnetismo e eletricidade aí estão provados - e oriundos do corpo espiritual, porquanto somente os médiuns de efeitos físicos os possuem dessa maneira.

Nada obstante, o corpo espiritual possui outros padrões de radiações, umas “não físicas”, como demonstrou matematicamente Rhine, outras mais “materiais”, como a radiação do verdadeiro hipnotizador. Contra a hipótese desta radiação, ergueu-se a escola de Nancy, apelando para a hipótese de sugestão [23], hoje, mais do que outrora, vitoriosa com o advento da hipnose médica.

Sem embargo, a radiação do hipnotizador, verdadeiramente dotado, poderá prestar inestimáveis serviços à Psicologia, salvando-a inclusive de erros cometidos por Freud, exatamente pelo fato de não possuir a radiação de hipnotizador.

Aliás, no campo da Medicina, encontramos dois exemplos notáveis - Mesmer e Esdaile - porque ambos possuíam, associadas, duas radiações que nem sempre se misturam - a do hipnotismo e a da cura paranormal. Radiação de hipnotizador possuía Esdaile em tão alto nível que, sem sugestão e sem ser visto, hipnotizou quase instantaneamente um jovem, irradiando-o por costa; e doutra vez, sem ser pressentido, hipnotizou, sem palavra, um presidiário cego [24]. Radiação de médium curador também possuía Esdaile, porque operando, sem prévia preparação psicológica e em ambiente sórdido, realizou proezas que, até hoje, nenhum médico pôde imitar - mais de trezentas intervenções cirúrgicas sem assepsia. Radiação de hipnotizador possuiu, outrossim, e em grande quantidade, Mesmer, que, sozinho, dominava verdadeira multidão de enfermos [25]. Mas radiação de médium curador também possuiu o criador do magnetismo animal. A prova nô-la dá é o insuspeitíssimo Volgyesi, referindo-se ao seguinte episódio: - jovem e desconhecido, Mesmer aproximou-se de um lenhador a esvair-se em sangue, com a perna esmagada por um tronco de árvore. Surpreso, observou que a tremenda hemorragia cessou como que por encanto, voltando, porém, toda vez que ele se afastava do acidentado, até que resolveu “impor as mãos” sobre o ferimento - hemóstase definitiva! [26].

Aliás, o próprio Braid, precursor do antifluidismo no campo do hipnotismo, acabou reconhecendo direitos de cidade ao magnetismo [27].

Sem embargo, melhor prova da existência do “fluido”, que preferimos denominar radiação, não poderia haver do que o próprio relator da cura do lenhador. Hipnólogo mundialmente afamado, discípulo de Pavlov, Volgyesi, a despeito de tanto tentar ridicularizar o “fluido” de hipnotizador, hipnotizava feras com o “olhar penetrante” e, nos gorilas, até “impôs as mãos”, como se vê nas fotografias de seu Tratado [28]. Diga-se que, antes dele, Lafontaine, pelo simples olhar, hipnotizou o leão do zoológico, a ponto de poder colocar a mão dentro da boca da fera! [29].

Mais vantagem fazem, porém, os verdadeiros “iniciados” indus, cuja força hipnótica domina totalmente feras soltas nas selvas. Jacolliot viu, perplexo, um eremita sair de seu tugúrio e entrar, na cidade, cercado de perigosíssimas feras, todas seguindo-o docilmente. E foi assim, com essa força hipnótica, que o “iniciado” acabou com as rixas entre brâmanes e muçulmanos. De regresso, porém, ao eremitério, mal atingiu a borda da mata, o anacoreta bateu palmas e (Jacolliot viu) as feras, com apavorantes uivos e berros, desembestaram mata a dentro [30]. Eram feras mesmo, tremendamente carnívoras.

Não é crível que, diante de tais fatos, ainda se negue o que todo mundo sabe - que o hipnotismo compulsório depende, de fato, de uma radiação do hipnotizador.

f. DAS ESPIRITOPATIAS EXPERIMENTAIS

Para demonstração de como Espíritos obsessores, por força do pensamento, podem atuar, invisivelmente, por telepatia, seja em vigília, seja principalmente durante o sono, condicionando, por pós-hipnose, comportamentos anormais, os Mestres da SEPE, dentre os quais se destacam diversos “iniciados” indus, provocaram, durante sete anos de ininterruptas pesquisas, autênticas psicoses experimentais, não só nos médiuns, como em visitantes céticos. O interessante foi que, nas experiências, não havia hipnotizador visível; e quando, porventura, um “iogui” desejava provocar a hipnose telepática controlando um aparelho mediúnico, que tanto podia ser minha esposa como outra qualquer médium, nunca pronunciava palavra - permanecia mudo e, de propósito, nem olhava para o médium que

pretendia dominar. De resto, a médium, sob a ação da radiação hipnótica, continuava lúcida, com autocrítica e lutando consigo mesmo para não realizar a ação telepaticamente comandada. Centenas de vezes repetidas as experiências, podemos afirmar que grande porcentagem dos casos psiquiátricos são Espiritopatias, obsessivas ou não, mas de toda forma Espiritopatias, razão por que o Espiritismo, associado à Medicina pode realizar, nesses casos, cûras assombrosas.

Por outro lado, com maior freqüência ainda, nas experiências da SEPE os Protetores, aproveitando a presença de visitantes “mal acompanhados”, isto é, com “encosto” de Espíritos sofredores, aproveitavam a oportunidade para provocarem Espiritopatias com tais Espíritos.

Era o útil ao agradável. Amparavam o Espírito desencarnado, e, com isso, curavam a vítima da “atuação”, para que ela aprendesse a valorizar o Espiritismo.

Dentre os beneficiados, há vários jornalistas que não foram à SEPE com boas intenções...

Isso serviu para que, com a identificação dos Espíritos que os acompanhavam, pudessem eles compreender que a “dupla personalidade”, contrariamente à opinião de Azam, desorientado diante de um caso de possessão, não provém da divisão e sim da substituição de personalidades [31]. De fato, no caso de Félida, o que houve foi substituição da personalidade da médium pela personalidade de um Espírito desencarnado, exatamente como está ocorrendo, no caso Jasbir, no qual a possessão foi interpretada como reencarnação [32].

Dois processos foram empregados nas experiências: ou eram utilizados Espíritos sofredores ou Espíritos cientistas, com equipe de ioguis. Controlando núcleos da base ou o “mosaico cortical”, provocaram os quadros clínicos que desejavam. A diferença era que, na Espiritopatia com incorporação, o médium ficava obnubilado, ao passo que, na Espiritopatia por controle cerebral, o médium conservava total lucidez e perfeita autocrítica. Por outro lado, em todos os casos de incorporação, após o afastamento do Espírito sofredor, os Protetores que dirigiam as experiências deixavam permanecer, no perispírito do médium, para minha observação médica, as radiações mórbidas, retidas, por falta de

merecimento, no corpo espiritual do sofredor. Experiências interessantíssimas, porque, quando isso acontecia, o médium, assustado, supunha que havia adoecido repentinamente. O motivo é simples: com a presença do Espírito, o médium tem consciência de que sofre momentaneamente para aliviar um irmão desencarnado; mas, na Espiritopatia por retenção experimental de radiações mórbidas e, por conseguinte, de sensações de doenças de verdade, o médium, sentindo-se sem controle espiritual, atribui tudo à intempestiva enfermidade.

Como o problema será equacionado em livro que estamos escrevendo, não nos alongaremos mais, esperando, não obstante, não haver deixado dúvidas quanto à realidade das Espiritopatias.

Aliás, no começo deste século, notável médico-filósofo, luminar do Espiritismo em nossa Pátria, Adolpho Bezerra de Menezes, a quem rendo preito de profunda veneração, já havia tido o desassombro de proclamar alto e bom som que, na maioria das vezes, a loucura é obsessão de origem espiritual [33]. E Carlos Imbassahy, sem dúvida um dos mais brilhantes escritores espíritas, justamente escolhido como patrono deste Congresso, apontou, numa de suas últimas obras, o interesse científico do problema das perseguições espirituais [34].

g. O PROBLEMA MORAL DAS ESPIRITOPATIAS

Do exposto, deve-se concluir que o ponto nevrálgico das Espiritopatias é um problema moral. Com efeito, o Espírito desencarnado só continuará a sofrer “fisicamente” se, no processo da desencarnação, os Espíritos socorristas que o assistirem não retirarem de seu corpo espiritual as radiações do sistema nervoso, exatamente aquelas que, por incrível que pareça, dar-lhe-ão, no Mundo Espiritual, a sensação de toda a sintomatologia clínica da doença que o matou. Isso depende de seu merecimento; e quem o julga é o seu Mentor, “dono de seu destino”, na última encarnação. O que acontece, via de regra, em tais casos, é que o Espírito não respeitou seu próprio corpo abusando dos prazeres em detrimento do equilíbrio emocional. Faltoso consigo mesmo, responde perante a espiritualidade, cujas leis são imprescritíveis. E, no que tange à vítima da Espiritopatia, é, quase sempre, médium rebelde ao cumprimento dos deveres espirituais. Sofre, na carne, o padecimento do Espírito, com estímulo à caridade com os “mortos” e chamamento à prática da mediunidade, cuja negligência acarreta, no Além, torturante

remorso. Ao mesmo passo, leva-o à doutrina espírita, onde encontrará conforto moral e iluminação espiritual que somente o Espiritismo pode dar.

Às vezes, a Espiritopatia ocorre por amor, como no caso da moça, que ficou tuberculosa pela atuação do Espírito “tuberculoso” e apaixonado; outras vezes, por vingança, como no caso do médico esquizofrênico. Mas, na imensa maioria dos casos, não é nem por amor, nem por ódio - é por vampirismo; porque, no Mundo Espiritual, o “fluido vital”, máxime o fluido humano, é, para Espíritos infensos à própria evolução e, ainda, apegados aos prazeres terrenos, maior preciosidade do que o ouro para os gananciosos deste mundo. O motivo é simples - de posse da radiação humana especificamente relacionada com as estruturas nervosas adequadas às diversas sensações corporais, esses Espíritos, posto que desprovidos do corpo material, podem satisfazer prazeres e vícios. Sintonizados com os sentimentos das criaturas, esses Espíritos podem sentir a satisfação de comer, beber, fumar e, até, de copular, como se “vivo” se encontrassem. Além disso, roubando fluido humano, com maior facilidade consumarão o “trabalho” de magia negra, se, porventura, o Espírito estiver compromissado com ignorantes e maldosos “feiticeiros”.

Contudo, o pior é que Espíritos materialistas e gozadores, ignorando o próprio estado em que se encontram, convencidos, muitas vezes, de que continuam encarnados, agarrados a ideologias ateístas, interferem contra o Espiritismo.

Obstinados na exploração dos “fluidos vitais”, combatem, por todos os modos e meios que podem empregar, o progresso moral da humanidade. Induzindo médiuns invigilantes ou ignorantes da Doutrina Espírita, à prática de lamentáveis mistificações, esparramam a confusão e amedrontam os pusilânimes.

Se todas as criaturas soubessem dos perigos de contribuir, com sentimentos anti-fraternais, para que Espíritos moralmente atrasados se apoderem de seus “fluidos”, isto é, de radiações de seu corpo espiritual, certamente envidariam maiores esforços no sentido do auto-aperfeiçoamento, a fim de merecerem maior e melhor proteção espiritual. E, ao mesmo passo, procurariam ajudar, não com rezas apapagaiadas, mecanicamente balbuciadas, mas com orações doutrinárias e esclarecedoras, os Espíritos que, convidados ou não, estacionam em todos os lares terrenos - sempre em sintonia de sentimentos com os membros da família.

Porque, acreditem ou não os sábios e os presunçosos, da psicocinesia à teleplastia, dos fenômenos psi-gama aos psi-kapa, tudo é mediunidade, tudo é controlado pelos Espíritos: pelos Espíritos Superiores, sábios e caridosos, quando os sentimentos são puros e altruísticos; pelos Espíritos inferiores, cultos ou incultos, quando os sentimentos são maus e péssimas as intenções.

E, para que se tenha idéia da responsabilidade moral de cada criatura na preservação das radiações do corpo espiritual, relembramos um episódio bíblico, acontecido com o maior de quantos “Instrutores da Humanidade” hajam até hoje encarnado neste Planeta - Jesus de Nazaré.

Caminhava o Mestre em direção à casa de Jairo, a fim de, com sua prodigiosa mediunidade curadora, salvar-lhe a filha, já considerada morta. Grande multidão de enfermos e curiosos comprimia-o, tolhendo-lhe os passos. Afoita, pobre mulher do povo rompeu a multidão e, insinuando-se entre os discípulos que o cercavam, sorratamente tocou-lhe a fimbria da túnica. Era antiga portadora de renitente metropatia, certamente fibroma uterino, sujeito a constantes crises hemorrágicas, que desafiaram a Ciência da época, deixando a coitada na penúria. A mulher curou-se imediatamente. Mas Jesus, ao sentir o arrepio característico da perda de fluido, sem prévio controle do Protetor, ficou preocupado e, imediatamente indagou dos discípulos quem o havia tocado. E como os discípulos, que tinham o dever de protegê-lo, evitando qualquer contato extemporâneo, desculparam-se com o grande número de criaturas que os cercavam, Jesus, insatisfeito, olhava ao redor para ver quem lhe tocara. Identificando a mulher “atemorizada e tremendo”, sentiu a confiança que ela havia depositado nele, razão por que, prontamente, perdoou-lhe a audácia. (Marc. V, 21-34).

h. MISSÃO DO ESPIRITISMO

A mediunidade, seja ela de humilde e desconhecido médium, seja a do “Mestre dos Mestres”, é patrimônio inalienável do Mundo Espiritual a serviço da humanidade.

Quando o médium curador, no exercício de sua faculdade, cede a outrem, por caridade, uma parcela de sua vida e, o que é mais importante, uma radiação de seu corpo espiritual, sobretudo se a radiação for para curas supranormais, o Protetor de quem recebeu o “fluido curador”, fica responsável, perante o Mentor do médium

curador, pela devolução, no Mundo Espiritual, da radiação emprestada pelo médium, de vez que os “fluidos”, ou, como preferimos, as radiações perispirituais, constituem patrimônio sagrado de cada Espírito, marcando as etapas de sua evolução, ou assinalando os fracassos de suas provas. Daí, a preocupação de Jesus - preocupação que jamais teria, se a perda de “fluido” houvesse ocorrido quando ele se sentia controlado pelo seu Protetor, como se verificou, pouco depois, ao curar a filha de Jairo.

Nada obstante, a cada dia, a cada hora, a cada minuto, a cada instante, há um número incalculável de criaturas terrenas perdendo “fluidos”, porque roubados por Espíritos atrasados, sintonizados com momentâneas vibrações de ódio, de ciúme, de cobiça, de luxúria, etc. Tudo, com enorme prejuízo terreno e, muito maior, espiritual.

Entretanto, se a humanidade soubesse que o mundo não é dela, porque muito maior do que o número de Espíritos encarnados é o número de Espíritos desencarnados a exercerem numerosas funções nos diversos setores da natureza; e que, duma ou doutra maneira, esses Espíritos influem sobremodo no destino humano, embora sempre de acordo com os sentimentos de cada criatura, talvez que os homens se sentissem estimulados a realizar, paralelamente ao progresso material, o progresso espiritual do mundo, ajudando a evolução dos Espíritos.

Primeiro, porque compreenderiam que os prejuízos causados pelos Espíritos é a resposta perfeita dos erros e injustiças a cada momento cometidos, pelo egoísmo e pela prepotência dos poderosos, contra a miséria e a fraqueza dos pobres e desvalidos; segundo, porque, como cada qual tem a assistência espiritual que merece, pertença à religião que pertencer, os homens procurariam, simultaneamente, corrigir seus sentimentos e amparar os Espíritos.

O caminho está traçado luminosamente há um século, nos postulados da Doutrina Espírita, a doutrina dos Espíritos evoluídos, trazida à Terra por grande equipe de Mensageiros de Jesus, desejosos de renovarem os valores da Terra com a renovação dos conceitos do cristianismo.

Jesus, de braços abertos e coração amargurado, aguarda que a humanidade siga, finalmente, o roteiro que traçou e que ninguém seguiu - amar a Deus sobre todas as coisas e, ao próximo, como a si mesmo.

Allan Kardec, o grande missionário a serviço de Jesus, também apontou o roteiro, associando, na Doutrina Espírita, a Ciência à Religião, e polarizando, nos postulados de sublime filosofia religiosa, o coração e a razão.

Porque é de braços dados que Religião e Ciência, irmanadas no Espiritismo, devem caminhar, ombro a ombro, na gloriosa lide de levar Luz e Paz à humanidade!

Niterói, 20 de março de 1972

R. Penna Ribas

NOTA EXPLICATIVA

Uma razão houve para que tudo ocorresse: é que o marido da médium precisava da prova para se melhorar e assim o carma da médium ser suavizado, pois o marido de materialista e hipnotizador, converteu-se ao Espiritismo. E tudo isso aconteceu com a determinação do Mentor da médium e supervisão do Mundo Espiritual que manda socorro na “hora exata”. Em conclusão: de tudo que foi dito uma verdade ressalta insofismável: é que os Espíritos se manifestam com ou sem evocação. Logo, é tolice deixar de orar, com medo de evocar os “mortos”, sobretudo, quando se conhece o mecanismo da oração e a hierarquia espiritual.

Bibliografia

[1] - ALLAN KARDEC

“Livro dos Espíritos” - Texte bilingue - Ed. do Centenário - Cia. Edit. Ismael. São Paulo - 1957. - pág. 51, parág. 73, 74 e 75.

Opus cit. - Edicel - São Paulo - pág. 143 - parág. 253, 254 e 255.

“Iniciação Espírita” - Edicel - São Paulo - pág. 165, parág. 160.

“Revista Espírita” - 1958. Edicel - São Paulo. pág. 346.

[2] - SAMUEL HAHNEMANN

“Organon de la Medicina” - Edit. “El Porvenir” México - 1929. Parág. 9 a 12.

[3] - A. AKSAKOF

“Un cas de Dématérialisation Partielle” - Librairie de L’art Indép. 1896.

[4] - E. D’ESPERANCE

“No País das Sombras” - FEB

[5] - J. B. RHINE

“O Alcance do Espírito” - Import. de Livros S.A. São Paulo - 1965. Pág. 120 ss.

“El Alcance de la Mente” - Paidos edit.

Buenos Aires pág. 130.

“Novas Fronteiras da Mente” - IBRASA - pág. 139

“Extra-Sensory Perception” - Bruce Humphries Publishers - Boston - pág. 137

“Parapsicologia” - Ediciones Troquel - Buenos Aires 1964. pág. 156

“O Novo Mundo do Espírito” - Import. de Livros S.A São Paulo. - pág. 87.

“El nuevo mundo de la mente” - Edit. Paidos - Buenos Aires. - pág. 135.

[6] - HERNANI GUIMARÃES ANDRADE

“A Teoria Corpuscular do Espírito” - São Paulo

[7] - I. COR. XV, 44

[8] - A. AKSAKOF

“Animisme et Spiritisme” - Edit. Paul Leymarie - Paris 1906
- pág. 498

“Animismo e Espiritismo” - FEB - 1956, pág. 557.

[9] - CURNEY, MYERS E PODMORE

“Les Allucinacions Télépathiques” - Librairie Félix Alcan -
Paris - 1914 - pág. 37.

[10] - A. AKSAKOF

“Animisme et Spiritisme” - Edit. Paul Leymarie - Paris 1906
- pág. 316.

[11] - G. N. M. TYRREL

“Apariciones” - Edit. Paidos - Buenos Aires - pág. 150.

[12] - CAMILLE FLAMMARION

“Les forces naturelles inconnues” - Ernest Flammarion, Éditeur
- Paris - págs. 98/99.

[13] - ALBERT DE ROCHAS

“L'extériorisation de la Motricité” - Chamuel Editeur - Paris
- 1896 - pág 132.

[14] - GABRIEL DELANNE

“Les apparitions Matérialisées des Vivants & Des Morts -
Leymarie Editeur - Paris - 1909 - pág. 400

- [15] - **CESARIO MOREY HOSSRI**
"Prática do Treinamento Autógeno e LSD" - Edit. Mestre
Jou - São Paulo - pág. 100
- [16] - **CHARLES RICHEL**
"Traité de Métapsychique - Librairie Félix Alcan Paris - 1923
- pág. 232
- [17] - **PETETIN PÈRE**
"Eletricité animale" - Lyon - 1808.
- [18] - **CESARE LOMBROSO**
"Hypnotisme et Spiritisme" - Ernest Flammarion, Éditeur -
Paris 1922 - pág. 10
Tradução LAKE - São Paulo
- [19] - **A. BINET E CH. FÉRE**
"Le Magnétisme Animale" - Félix Alcan - Éditeur - Paris -
1908.
- [20] - **ALBERT DE ROCHAS**
"L'extériorisation de la sensibilité" - Chamuel Éditeur - Paris
- 1895 - chap. III
"A feitiçaria" - EDICEL - São Paulo
- [21] - **J.K. FRIEDRICH ZOLLNER**
"Física Transcendental" - Trad. FEB - págs. 32 e 40.
- [22] - **RENÉ SUDRE**
"Introduction a La Métapsychique Humaine" Paris - 1926 -
pág. 226 ss.

- [23] - BERNHEIM (Dr.)
"Hypnotisme Suggestion Psychothérapie" - Octave Doin,
Éditeur - Paris 1891.
- [24] - JAMES ESDAILE
"Cirurgia Mayor y Menor Bajo Hipnosis" - Edit. Crespillo -
Buenos Aires.
- [25] - ANTOINE FRÉDÉRIC MESMER
"Mémoire sur la découverte du magnétisme animal" Paris -
1779. Éd. P. F. Didot.
- [26] - FERENC ANDRÁS VOLGYESI
"La Hipnosis en el hombre y en los animales"
Cia. Edit. Continental - México - Espanha - Argentina -
Chile - pág. 26
- [27] - JAMES BRAID
"Neurohipnologia" - Edit. Poblet - Buenos Aires - 1960 -
pág 63.
- [28] - FERENC ANDRÁS VOLGYESI
"La Hipnosis en el hombre y en los animales"
Cia. Edit. Continental - México - Espanha - Argentina -
Chile - pág. 54
- [29] - LAFONTAINE
"L'art de magnétiser" - Bailliére - Paris - 1847
- [30] - LOUIS JACOLLIOT
"Le Spiritisme Dans le Monde" - Lacroix & Cia. Éditeurs.
Paris - 1875
"O Espiritismo na India" - Editora Espírita Ltda. - Rio -
1935.

[31] - **AZAM (Dr.)**

“Hypnotisme et Double Conscience” - Félix Alcan - Éditeur
- Paris - 1893 - pág. 41

[32] - **IAN STEVENSON, Md.**

“20 casos sugestivos de Reencarnação” - Edit. Cultural São
Paulo - pág. 64 ss.

[33] - **ADOLPHO BEZERRA DE MENEZES**

“A Loucura sob Novo Prisma” - *FEB* 1946

[34] - **CARLOS IMBASSAY**

“Enigmas da Parapsicologia” - Edição Calvário 1967 - São
Paulo - pág. 159.

Impressão

Gráfica Falcão Ltda.

Rua Saldanha Marinho, 219 - Centro - Niterói - RJ - 24030-040

Tel/Fax (21) 2719-4977